

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem



Tese

**Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: A
partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner**

Ana Cândida Lopes Corrêa

Pelotas, 2017

Ana Cândida Lopes Corrêa

Narrativas do Viver a Construção da Paternidade na Contemporaneidade: a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências. Linha de Pesquisa: Práticas, saberes e cuidado na saúde e enfermagem, no sistema familiar e contexto rural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Enf.^a Sonia Maria Könzgen Meincke

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C823n Corrêa, Ana Cândida Lopes

Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade : a partir do modelo bioecológico de Urie Bronfembrenner / Ana Cândida Lopes Corrêa ; Sonia Maria Könzgen Meincke, orientadora. — Pelotas, 2017.

190 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Paternidade. 2. Paternidade e família. 3. Comportamento paterno. 4. Pesquisa qualitativa. 5. Narrativas. I. Meincke, Sonia Maria Könzgen, orient. II. Título.

CDD : 610.73

ANA CÂNDIDA LOPES CORRÊA

NARRATIVAS DO VIVER A CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: A PARTIR DO MODELO BIOECOLÓGICO DE URIE BRONFENBRENNER

Tese aprovada, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 14/12/2017

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Sonia Maria Könzgen Meincke (Orientadora)
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Ariane Thaise Frello Roque
Universidade Federal de Santa Catarina – UFCS

Prof.^a Dr.^a Maria Emília Nunes Bueno
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof.^a Dr.^a Marilu Correa Soares
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Juliana Graciela Vestana Zillmer
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Juliane Ribeiro
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Eda Schwartz
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Rosani Manfrin Muniz
Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Dedico este trabalho aos meus pais que se empenharam toda a vida para proporcionar o melhor para os seus filhos.

Agradecimentos

Durante a minha caminhada no doutorado, contei com o apoio de muitas pessoas, as quais tiveram papel importante para a finalização desta pesquisa. Assim, quero agradecer:

Aos meus pais, Ana e Carlos, que se dedicam em me apoiar com muito amor, carinho para que eu consiga realizar meus sonhos, e pela forma como me criaram e me ensinaram a ser a pessoa que sou. Pelo tempo dispensando nesses 4 anos a me escutar e estimular nos momentos de aflições.

Aos meus irmãos e em especial minha irmã Natália, que mesmo distante esteve sempre tão perto de mim, me incentivando a seguir este caminho nos momentos de ansiedade.

À minha orientadora, que trilha ao meu lado nesta trajetória há quase 9 anos, desde a graduação, mestrado e doutorado, sendo uma segunda mãe para mim, compartilhamos momentos de felicidades, tristezas, anseios e vitórias. Não possuirei palavras que descrevam o quanto sou grata pelas horas do seu dia que me concedias para escutar minhas lamentações, anseios, dúvidas, crises, pelas palavras de amizade, carinho e conforto, pelo conhecimento compartilhado, que foi fundamental para a construção deste trabalho e para meu crescimento profissional e pessoal. Tu acalmas meu coração.

À minha querida amiga Débora, que foi incansável em me estimular nos momentos de desânimo, angústia e ansiedade, por acreditar sempre em mim e me fazer enxergar minhas potencialidades. Esteve presente em grande parte das etapas deste trabalho e foi fundamental na busca dos participantes da pesquisa. Tua presença, nesta etapa da minha vida, fez toda a diferença na finalização desta pesquisa. O carinho que tenho por ti é de irmã e quero sempre poder estar ao teu lado.

Ao meu namorado/amigo Gustavo, que se fez presente no final da construção desta tese, sempre com palavras de incentivo e que se mostrou um fiel companheiro nos últimos meses de escrita deste trabalho ao se responsabilizar pelas refeições, organização da casa e cuidado com os animais de estimação para que eu pudesse estar com a mente vazia e me concentrar.

À amiga Roberta, pela amizade sincera construída durante o mestrado, por todos os momentos em que pude contar contigo, alguns deles apenas para desabafar. Tenho muito orgulho de ser tua colega nesta caminhada, assim como da tua batalha diária para concluir o teu doutorado.

À minha amiga Elita que, apesar de não conseguirmos nos ver como gostaríamos, sempre se fez presente durante este processo, sendo uma fiel ouvinte nos momentos de dúvidas e anseios.

À minha prima Mariana, pela amizade e carinho, por estar sempre disposta a me escutar, e por ter sido grande incentivadora para a realização dos meus sonhos. Sinto muita saudade das nossas caminhadas, que fazíamos para que eu pudesse espalhar meus anseios e que foram terminadas com tua partida para uma cidade distante. Que saudade!

Às professoras que compuseram a Banca Examinadora, pelas sugestões que enriqueceram este trabalho.

À professora Rita Heck, que foi coordenadora do Programa de Pós-Graduação durante todo o meu doutorado, sempre cuidou dos alunos com muito carinho.

Às professoras da Pós-Graduação pelo conhecimento compartilhado durante as disciplinas.

Aos participantes do estudo, pelo acolhimento em suas residências e pela disposição em contribuir com esta pesquisa, por compartilharem suas histórias de vida e pela relação de confiança estabelecida. Sua disponibilidade foi imprescindível para a concretização desta Tese.

Resumo

CORRÊA, Ana Cândida Lopes. **Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner.** 2017. 188f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O pai ocupa um lugar especial na evolução psicológica dos seus filhos, assim como pode implicar modificação psíquica para si mesmo. Estas modificações podem estar vinculadas ao significado social daquilo que o filho representa para ele. Observa-se que, apesar de todas as particularidades que podem acompanhar o processo da paternidade, este assunto vem sendo foco de estudos há pouco tempo. A aproximação dos estudiosos, da mídia e até mesmo dos homens com a temática pode estar atrelada às modificações no contexto sociocultural e econômico contemporâneo. Assim, o presente estudo de abordagem qualitativa teve como objetivo compreender as experiências de homens/pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. O estudo foi aprovado pelo CEP com o nº 65726117.0.0000.5316. Participaram do estudo onze homens. O ponto de partida para a seleção dos participantes ocorreu em uma escola no Município de Rio Grande/RS. A coleta dos dados se deu com a entrevista narrativa, genograma e o Mapa Mínimo das Relações, os quais foram realizados em locais acordados entre os participantes e a pesquisadora, do mês de março de 2017 a maio do mesmo ano. O procedimento para coleta de dados ocorreu por amostra intencional. A análise dos dados embasou-se no referencial teórico de Urie Bronfenbrenner, e metodológico, em Fritz Schütze. A partir da análise do conhecimento surgiram as categorias: Processo da construção paterna na contemporaneidade; Papel de pai ou papel de mãe *versus* cooperação parental; e Reflexões e sentimentos paternos na contemporaneidade. Os homens deste estudo exercitavam a paternidade de forma participativa, tinham uma relação de coparentalidade, ou seja, tanto o pai como a mãe tinham responsabilidades semelhantes no cuidado e educação do filho. A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um marco importante para os homens do estudo se aproximarem dos filhos e assumirem uma paternidade mais participativa. As mulheres depositaram confiança em seus maridos, abrindo espaço para que eles se descobrissem cuidadores. O microsistema familiar também teve influência na forma como esses homens se desenvolveram pais, grande parte dos participantes pôde ter o exemplo de um pai participativo, e outros, a ausência, o que influenciou esses pais a exercerem a paternidade de forma diferente e não propagarem aos seus filhos sentimentos de ter um pai ausente. Observou-se que alguns homens se sentiam confusos quanto aos papéis que desempenhavam por acreditarem que muitas vezes estavam exercendo os papéis de suas esposas. A temática paternidade contemporânea necessita ser abordada em diferentes contextos em que as famílias circulam, a fim de mostrar as funções do pai dentro do ambiente familiar, quebrar diversos tabus e conceitos que ainda são fortes e podem distanciar o envolvimento afetivo e participativo do homem com os filhos.

Palavras-chave: Paternidade; Paternidade e família; Comportamento paterno; Pesquisa qualitativa; Narrativas

Abstract

CORRÊA, Ana Cândida Lopes. **Narratives of living the fatherhood in the contemporaneity: Urie Bronfenbrenner's bioecological point of view.** 2017. 188p. Thesis (Doctorate in Science) – Postgrad studies in Nursing. Federal University of Pelotas, Pelotas.

The father occupies a special place at the psychological evolution of his kids, as well as it may imply changes to his own psyche. These changes may be connected to the social meaning of what his son represents to him. Besides all particularities that may follow the process of fatherhood, this subject has been being the focus of many studies in the last years. The approaching of the researchers, from media, and even men towards the issue may be bonded to sociocultural and economic modifications in the contemporaneity. Therefore, the following qualitative study was aimed to comprehend the experiences of men/fathers when building their contemporary fatherhood from the Bioecological Model of Urie Bronfenbrenner. This study was carried out with over-24-years-old men that signed the Free and Informed Consent Form, which was approved under the number 65726117.0.0000.5316. Eleven men participated in the study. The starting point for the selection of the participants occurred in a school in the city of Rio Grande-RS. The data collection was carried out through narrative interview, genogram and the Minimum Map of Relationships, which happened in places agreed between the participants and the researcher. Data collection occurred from March 2017 to May of the same year. The procedure for data collection was by intentional sampling. The data analysis was based on the theoretical reference of Urie Bronfenbrenner, and methodological on Fritz Schütze. From the analysis of knowledge emerged the categories: Process of paternal construction in the contemporaneity; Mother or father's role versus parental cooperation; and Reflections and paternal feelings in the contemporaneity. The men who are fathers, in this study, exercised fatherhood in a participative way, and had a co-parenting relationship. In other words, the father and the mother had equal responsibilities when taking care of their child. Women beginning to work outside the home environment triggered an important event on the participants' lives, which includes allowing them to approximate to their children, and assume a more participative fatherhood. Women trusted their husbands and gave them some space so they could discover themselves as caregivers. The family microsystem also influenced the way these men developed as fathers. A significant part of the participants could have an example of a participative father, and other felt the absence of it, which stimuli these fathers to practice their fatherhood in a different way, and do not propagate towards their children feelings that involve the absence of a father. It was possible to observe that some men felt confused while playing their role as fathers, for they believed that sometimes they were exercising their wives' roles. Fatherhood in the contemporaneity needs to be approached in different contexts in which the families circulate, in order to show the functions of the father within the family environment, break distinct taboos and concepts that still are strong and may distance the affective and participative involvement of the man with his kids. **Keywords:** Fatherhood; Fatherhood and family; Father's behaviors; Qualitative research; Narratives

Resumén

CORRÊA, Ana Cândida Lopes. **Narrativas del vivir la construcción de la paternidad en la contemporaneidad: un mirar a partir del Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner.** 2017. 188p. Tesis (Doctorado en Ciencias) – Programa de Postgrado en Enfermería. Universidad Federal de Pelotas, Pelotas.

El padre ocupa un lugar especial en la evolución psicológica de sus niños, así como puede implicar modificación psíquica para sí mismo. Esas modificaciones pueden estar vinculadas al significado social de aquello que representa su hijo para él. Se percibe que a pesar de todas las particularidades, las cuales pueden acompañar el proceso de la paternidad, este asunto viene siendo enfoque de estudios hasta desde poco tiempo. La aproximación de los estudiosos, de la media, y hasta mismo de los hombres con la temática puede estar conectada a los cambios en el contexto sociocultural y económico contemporáneo. Así, el presente estudio de abordaje cualitativo tuvo como objetivo comprender las experiencias de hombres/padres en la construcción de la paternidad contemporánea a partir del Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. Este estudio fue realizado con once hombres mayores de 24 años que firmaron el Termo de Consentimiento Libre y Esclarecido, siendo aprobado por el Comité de Ética en Pesquisa bajo el número 65726117.0.0000.5316. Participaron del estudio once hombres. El punto de partida para la selección de los participantes ocurrió en una escuela en la ciudad de Rio Grande-RS. La recolección de los datos fue realizada por medio de entrevista narrativa, genograma y el Mapa Mínimo de las Relaciones, los cuales se realizaron en locales acordados entre los participantes y la investigadora. La recolección de datos ocurrió del mes de marzo de 2017 hasta mayo del mismo año. El procedimiento para la recolección de datos se produjo por muestra intencional. El análisis de los datos se basó en el referencial teórico de Urie Bronfenbrenner, y metodológico en Fritz Schütze. A partir del análisis del conocimiento surgieron las categorías: Proceso de la construcción paterna en la contemporaneidad; Papel de padre o papel de madre versus cooperación parental, y Reflexiones y sentimientos paterno en la contemporaneidad. Los hombres de este estudio ejercitaban la paternidad de forma participativa, tenían una relación de coparentalidad, o sea, tanto el padre como la madre tenían responsabilidades iguales en el cuidado y educación del hijo. La inserción de la mujer en el mercado de trabajo fue un marco importante para los hombres del estudio aproximarse de los hijos y asumieron una paternidad más participativa. Las mujeres depositaron confianza en sus esposos, abriendo un espacio para que ellos descubriesen a sí mismos como cuidadores. El microsistema familiar también tuvo influencia en la forma como esos hombres se desarrollaron como padres. Grande parte de los participantes puede tener el ejemplo de un padre participativo, y otros la ausencia, lo que estimuló esos padres a ejercer la paternidad de forma distinta, y no propagar a sus hijos sentimientos de tener un padre ausente. Se observó que algunos hombres se sentían confusos cuanto a los papeles que desempeñaban por creer que muchas veces estaban ejerciendo los papeles de sus esposas. La temática paternidad contemporánea necesita ser abordada en distintos contextos en que las familias circulan, con el propósito de muestrear las funciones del padre dentro del ambiente familiar, romper distintos tabús y conceptos que aún son fuertes y pueden distanciar el involucramiento afectivo y participativo del hombre con los hijos.

Palabras-clave: Paternidad; Paternidad y familia; Comportamiento paterno; Pesquisa cualitativa; Narrativas

Lista de Figuras

Figura 1 - Fases principais da entrevista narrativa.....	65
Figura 2 - Símbolos Genograma.	69
Figura 3 - Símbolos MMR.....	70
Figura 4 - Diagrama criado por Meincke baseado em Schütze.....	73
Figura 5 - Diagrama de tratamento e análise dos dados baseado em Corrêa (2017)	78
Figura 6 - Genograma familiar de Pai 1.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	80
Figura 7 - Genograma familiar de Pai 2. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	83
Figura 8 - Genograma familiar de Pai 3. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	84
Figura 9 - Genograma do Pai 4. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	86
Figura 10 - Genograma familiar do Pai 5. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	88
Figura 11 - Genograma familiar do Pai 6. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	89
Figura 12 - Genograma familiar do Pai 7.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	91
Figura 13 - Genograma familiar do Pai 8.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	92
Figura 14 - Genograma familiar do Pai 9.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.....	94
Figura 15 - Genograma familiar do Pai 10. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017...	96
Figura 16 - Genograma familiar do Pai 11.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017...	97
Figura 17 - Mapa Mínimo das Relações do Pai1.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	133
Figura 18 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 2.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	135
Figura 19 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 3. Rio Grande, Rio Grande do sul.	137
Figura 20 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 4.Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	139
Figura 21 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 5. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	141
Figura 22 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 6. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	142
Figura 23 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 7. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	143
Figura 24 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 8.Rio Grande, Rio Grande do Sul,	

2017.	144
Figura 25 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 9. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	145
Figura 26 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 10. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	146
Figura 27 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 11. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017.	148

Lista de Quadros

Quadro 1 - Dimensões não indexadas baseadas em Schütze (1977) e Bauer e Jovschelovitch (2013).....	100
Quadro 2 - Dimensões não indexadas baseadas em Schütze (1977) e Bauer e Jovschelovitch (2013).....	121

Lista de Abreviaturas

UQÀM	Universidade de Québec em Montreal
PUBMED	National Library of Medicine National Institutes of Health
BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
CAPES	Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
PPTC	Processo, Pessoa, Tempo e Contexto
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EN	Entrevista Narrativa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
NUPECAMF	Núcleo de Pesquisa com Crianças, Adolescentes, Mulheres e Famílias
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
MMR	Mapa Mínimo das Relações

Sumário

1	Introdução.....	18
2	Objetivos	25
2.1	Objetivo Geral.....	25
2.2	Objetivos Específicos	25
3	Revisão de Literatura	26
3.1	Família	26
3.2	A construção da paternidade	32
3.3	Envolvimento paterno.....	37
3.4	A construção da paternidade: uma revisão integrativa	44
3.4.1	Exercício da paternidade contemporânea	45
3.4.2	Construção da paternidade	48
3.4.3	Gênero e Paternidade.....	49
3.4.4	Paternidade na adolescência	50
4	Referencial Teórico	53
5	Método.....	60
5.1	Caracterização do estudo.....	60
5.2	Local do estudo.....	60
5.3	Participantes da pesquisa	60
5.4	Critérios de inclusão	60
5.5	Critérios de exclusão	61
5.6	Procedimentos para coleta dos dados.....	61
5.7	Trabalho de campo	61
5.7.1	Entrevista narrativa	63
5.7.2	Genograma e Mapa Mínimo das Relações	67
5.8	Princípios éticos.....	70
5.9	Análise dos dados.....	72
5.10	Organização e gerenciamento dos dados.....	76
5.11	Divulgação dos resultados	76
6.0	Apresentação e divulgação dos resultados.....	77
6.1	Proposições indexadas: conhecendo o pai contemporâneo	79
6.2	Análise do conhecimento: proposições não indexadas.....	99

6.2.1 Dimensões descritivas que emergiram das entrevistas narrativas	99
6.2.2 Processo da construção paterna na contemporaneidade.....	100
6.3 Reflexões e sentimentos paternos na contemporaneidade	121
6.4 Agrupando e comparando as trajetórias dos pais contemporâneos	128
6.5 Trajetórias coletivas de homens pais na construção da paternidade contemporânea.....	131
7 Considerações Finais	152
Referências.....	156
Apêndices	166
Anexo	180

Apresentação

Minha trajetória com a temática paternidade foi se aprofundando a cada degrau conquistado na minha formação acadêmica. Ao ingressar no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2007, fui me inserindo em diversos projetos de extensão e pesquisa, a fim de encontrar a área em que tivesse maior afinidade. Ao cursar a disciplina Unidade de Cuidado de Enfermagem VII - Atenção Básica e Hospitalar na Área Materno-Infantil, e estudar a perspectiva do cuidado desses indivíduos na família, me deparei encantada e apaixonada pela área.

A partir de então, comecei a me inteirar sobre o assunto, participando do projeto de pesquisa multicêntrica intitulado Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência (RAPAD), e percebi o quanto o assunto paternidade ainda era pouco investigado e estudado quando comparado à maternidade.

Com o intuito de realizar trabalhos de cunho inovador para a ciência, e já pensando em continuar minha trajetória na docência e na pesquisa, foi realizado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como marco inicial na temática, intitulado: Vivência da Paternidade na Adolescência: apoio da unidade básica de saúde.

Ao finalizar o TCC, observei que ficaram algumas lacunas que precisariam ser exploradas e, com a minha aprovação no mestrado em 2012, tive oportunidade de continuar aprofundando conhecimentos sobre a temática. Na minha dissertação, intitulada “Percepção de Homens sobre a Vivência da Paternidade na Adolescência” apareceram resultados importantes em relação à influência da família no processo da paternidade (CORRÊA et al., 2016).

Por meio das entrevistas com os homens que vivenciaram a paternidade na adolescência, foi possível observar que possuíam interações fortes com suas famílias, estando compostas, em seus contextos mais íntimos, pelo microssistema. A família, para esses homens, foi o principal apoio para que conseguissem desenvolver o processo da paternidade com habilidades parentais efetivas e significativas. No entanto, a interação da família durante o desenvolvimento do pai adolescente também pode vir a inibir a construção e o exercício da paternidade.

Alguns homens referiram sentir a necessidade de serem pais novamente para conseguirem resgatar alguns papéis que não foram desenvolvidos durante a paternidade na adolescência.

Assim, observei na minha dissertação o quanto a família tinha influência no processo da paternidade e o quanto os homens exerciam o papel de pai baseado nos diferentes contextos vivenciado em seu ciclo vital. Nesta conjuntura, ao ingressar no doutorado no ano de 2013, optei por continuar aprofundando a temática, tendo como base as lacunas existentes de meus trabalhos anteriores

Para tanto, durante o meu processo de doutoramento, aprofundei conhecimentos referentes à temática da paternidade na família contemporânea, uma vez que se percebe na atualidade um aumento da participação proativa dos homens nos cuidados com os filhos. Sendo assim, escolhi estudar como era construída esta paternidade.

1 Introdução

A paternidade, tanto na sua significação como na sua vivência, é uma construção contínua, plural e aberta, que ocorre a partir da articulação entre cultura e pessoa. Ela representa, para o homem, mais uma fase que poderá proporcionar-lhe novas experiências (de ALMEIDA CARDOSO, GUEDES, LUCENA, et al., 2009). A possibilidade de aprender a lidar com as emoções e a expressá-las depende das experiências vividas e de como foi apreendido e vivenciado o modelo paterno (DANTAS, JABLONSKI, CARNEIRO, 2004).

O pai ocupa um lugar especial na evolução psicológica dos seus filhos, assim como pode implicar em modificação psíquica para si mesmo (GONÇALVES, et al., 2013; REDSHAW, HENDERSON, 2013). Essas modificações podem estar vinculadas ao significado social daquilo que o filho representa para ele, como a comprovação da sua virilidade, reconhecimento de poder, papel de provedor familiar e responsabilidades perante a família e a sociedade (CARVALHO, MERIGHI, JESUS, 2009). Assim, vinculados aos aspectos emocionais, há homens que ficam inquietos, angustiados ou que se sentem culpados pela gravidez, principalmente nas situações de desconforto que essa desencadeia na companheira/esposa gestante. Outros entram numa verdadeira competição com a gestante, queixando-se de cansaço, dificuldade, chegando mesmo a ficarem doentes (CASTOLDI, 2014).

No entanto, apesar de todas essas particularidades que podem acompanhar o processo da paternidade, este tema vem sendo foco de estudos há pouco tempo. A aproximação dos estudiosos, da mídia, e até mesmo dos homens com a temática pode estar atrelada às modificações no contexto sociocultural e econômico contemporâneo, em que a vivência da paternidade, quando exercida em um tempo em que as funções atribuídas ao pai parecem não estar tão bem delineadas, se torna ainda mais inquietante (ORLANDI, TONELI, 2005).

No que tange às modificações que acompanham historicamente a paternidade, autores referem como o declínio do patriarcado. Esse acontecimento está associado à fragilidade da posição do pai como figura de autoridade, na medida em que a paternidade já não se funda no discurso social em torno da posição simbólica do chamado pátrio poder (MOREIRA, BORGES, 2010). Os ideais da Modernidade, representados pela Revolução Francesa com suas concepções de

liberdade, igualdade e fraternidade, acabaram produzindo alterações significativas na paternidade como referencial simbólico, assim como modificaram o papel tradicional desempenhado pelo pai de família (BRANDÃO, 2005).

O papel do pai tem se modificado visivelmente nas últimas três décadas (MARTÍN, 2010; VIEIRA et al., 2014; REDSHAW, HENDERSON, 2013). Tais mudanças foram influenciadas pela esfera pública que trouxe profundas implicações para a vida em família. O fato de o pai e a mãe estarem acumulando uma dupla jornada de trabalho tem forçado uma nova divisão de tarefas no lar, bem como a partilha dos cuidados e educação dos filhos (de ALMEIDA CARDOSO, GUEDES, LUCENA et al., 2009). A saída das mães para o trabalho determinou uma modificação na participação dos pais, muitas vezes obrigados a assumir tarefas até então tidas como essencialmente femininas, e para as quais eles nem sempre se sentiam preparados (CASTOLDI, 2014).

A partir dessas influências, ocorreram modificações no modelo de família nuclear. Composta pela mãe, pai e filhos desde o século XIX, tinha como características a administração do lar pela mulher, sendo o modelo de feminilidade pautado no ideário de esposa, dona de casa, mãe de família, rainha do lar. A essa mulher incumbia atentar detalhadamente para o cuidado com a vida de cada membro de sua família, cumprindo o papel de importância na formação da família nuclear. Por outro lado, o homem era encarregado apenas da responsabilidade com os negócios, fazendo com que permanecesse ausente na maior parte do tempo das atividades do núcleo familiar (SILVA, 2015).

Esse modelo de família vem se modificando, o que pode ser percebido como aumento de divórcios e separações, indicando uma transformação no modelo familiar, acompanhada das dificuldades de conciliar casamento, vida e trabalho. Nessa situação, surgiram outras estruturas familiares diferentes da nuclear que geralmente tinha o pai como pilar de sustentação (SEFTON, 2014).

Dessa maneira, essas estruturas familiares estão sendo constituídas de inúmeras formas, sendo reconstruídos casamentos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; como, por exemplo, casais homoafetivos que adotam filhos legalmente, ou mesmo cada um vivendo com uma das famílias de origem, e as produções independentes que estão se tornando cada vez mais frequentes (PEREIRA, SCHIMANSKI, 2013).

Neste estudo entende-se família como um grupo de indivíduos que são ligados por vínculos emocionais (WRIGHT, LEAVHEY, 2012). Diante desta perspectiva, a família é um sistema complexo que está diretamente ligado aos processos de transformação histórica, social e cultural, apresentando um contínuo processo de modificação, o que implica alterações em sua composição e dinâmica (PEREIRA, SCHIMANSKI, 2013; CÚNICO, ARPINI, 2013).

Assim, este estudo possui como arcabouço a perspectiva ecológica sistêmica, vista como um complexo de elementos em estado de interação em que a relação entre os componentes torna os elementos mutuamente interdependentes (VASCONCELLOS, 2010). Deste modo, os sistemas devem ser vistos como estruturas organizadas hierarquicamente, que precisam ser analisadas em sua totalidade: desde os aspectos macro, como a ordem social, passando por níveis intermediários, como as culturas das comunidades locais, até atingir um nível mais proximal (DESSEN, 2010).

Nessa perspectiva, considera-se que a paternidade é construída na inter-relação de aspectos macro e microssistêmicos do contexto sócio-histórico-cultural em que se encontra. Sendo assim, é importante ressaltar que a família está diretamente ligada aos processos de transformação da cultura, participando da mesma fluidez e fragmentação da sociedade contemporânea. Então, para estudar e discutir a paternidade, parte-se não só do contexto no qual o fenômeno se insere, como também se busca considerar as inter-relações entre os sistemas que o compõem (STAUDT, WAGNER, 2008).

Nesta conjuntura, é de fundamental relevância mencionar o processo transgeracional da construção paterna, pois aquilo que é aprendido e transmitido entre sucessivas gerações, dentro do grupo familiar de cada sujeito, se expressa diretamente na concepção de mundo de cada um.

Segundo Staudt e Wagner (2008), as diversas formas de vivenciarmos os papéis que desempenhamos em nosso contexto influenciam e são influenciadas pelas partes que os constituem, caracterizando um dinamismo relacional não só entre os indivíduos, mas entre os indivíduos e a cultura, entre os indivíduos e suas crenças, seus modos de pensar, ser, e agir no mundo. Assim, se pode dizer que as relações que se têm estabelecido na contemporaneidade emergem em um contexto de pós-Modernidade, de globalização, da relativização do conhecimento, da fluidez dos conceitos e dos valores que fortalecem para o declínio paterno.

As mudanças nas formas de procriação, como, por exemplo, a procriação artificial, doador de esperma anônimo, embriões congelados, e as mudanças nas formas de filiação dos filhos – alterações no sistema de atribuição do sobrenome, monoparentalidade, homoparentalidade – sustentam a questão, uma vez que remetem ao distanciamento do homem do lugar de pai e ainda como o causador do desejo materno (AZEVEDO, 2008).

Dessa forma, as diversas configurações familiares ou as famílias pós-nucleares vão ter o reconhecimento social a partir das transformações ocorridas no século XX. Essas configurações de famílias, cujas composições se diferem do modelo de família nuclear, são denominadas de novas configurações familiares. A expressão é utilizada principalmente para destacar a coexistência de diferentes arranjos de famílias no contexto social (AZEVEDO, 2008).

Observa-se que a maioria das famílias de um lado resistem às novas tendências, que consideram como ameaçadoras para o bom andamento de suas relações, e de outro adaptam-se a algumas das exigências da cultura contemporânea. Assim, se reorganizam, dando vida a famílias novas, isto é, abertas para rejeitar modelos autoritários nos relacionamentos conjugais e na educação dos filhos, dispostas a acolher em seu contexto familiar os valores mais apreciados na atualidade, enquanto renovam o compromisso da dedicação prioritária ao bem do grupo familiar, cultivando relações de plena reciprocidade entre os sexos e entre as gerações (PETRINI, ALCÂNTARA, MOREIRA, s.d.).

Em tal contexto surgiu o conceito do “novo pai”, ou seja, a paternidade é considerada uma oportunidade para expressar sentimentos, participação ativa no cuidado dos filhos, tendo relação igualitária e fluida com a parceira, o que se expressa na divisão de tarefas (BUSTAMANTE, TRAD, 2005).

Neste trabalho o “novo pai” foi identificado como o pai contemporâneo que possui interações diretas com a criança, ou seja, que cuida, brinca, conversa, partilha atividades e lazeres, orienta, disciplina e exerce autoridade, assim como também exerce atividades atribuídas à paternidade que não implicam interações com os filhos, como as reuniões de pais ou o trabalho profissional. O pai contemporâneo é o homem que exercita a paternidade a partir de uma cooperação parental, incorporando uma cultura igualitária que aproxima papéis parentais de homens e mulheres, por intermédio de diferentes configurações de práticas de duplo cuidar (MARINHO, 2011).

Dentro desta nova forma de ser pai, podemos conceituar a coparentalidade, que é a capacidade de organização dos cônjuges de modo a proverem conjuntamente os cuidados às crianças, desempenhando papéis complementares muitas vezes, em que pais e mães devem estar preparados para dividir e até compartilhar atividades com a casa e com os filhos (MARINHO, 2011).

Viver uma relação de carinho, ao mesmo tempo em que nutre, protege e educa, permite aos pais e filhos experimentarem em plenitude suas relações sociais, o que constitui a mola propulsora para uma mudança efetiva nesses relacionamentos. Esse modelo de paternidade é parte de um movimento que se fortalece, negando a predominância das relações tradicionais pai-filho. Subjacente a essa afirmação, há o desejo de romper os estereótipos que fazem os homens incorporarem a máscara de machos, fortes, viris e infalíveis (ALMEIDA CARDOSO, GUEDES, LUCENA et al., 2009).

Esta maneira de vivenciar a paternidade possibilita que homens se percebam diferentes, ao mesmo tempo em que se veem assumindo novos posicionamentos em relação à vida pessoal e familiar. O processo da paternidade está atrelado a diversos sentimentos, interações, compreensões e percepções que estão arrojados aos aspectos culturais de gênero, o que faz com que o homem esbarre em conflitos internos e externos. Frente a esta paternidade há necessidade de mudanças sociais nas relações de poder cotidianas que a naturalizam e a desqualificam, assim como o potencial que homens têm para incorporar novas formas de participar da vida dos filhos. Nesse sentido, políticas públicas, legislação e práticas cotidianas das diversas áreas sociais, entre as quais a área da saúde, têm o desafio de agregar novas possibilidades (TEIXEIRA et al., 2014).

Estudo realizado por Dessen e Oliveira (2013), que objetivou descrever a percepção de mulheres grávidas e mães com bebês de até seis meses sobre a participação e apoio paterno, durante a gestação e nascimento de filhos, mostrou o quanto a mulher tem papel fundamental nas mudanças dos padrões masculinos na cultura brasileira, sobretudo no que tange ao envolvimento paterno. Dentre os resultados da pesquisa, alguns pais manifestaram que a chegada dos filhos mudou aspectos de sua personalidade, como aprender a ser mais paciente ou mais emotivo. Ainda, esses pais relataram demonstrar irritação e nervosismo, certa ambivalência e até mesmo sensação de impotência por não conseguirem suprir as necessidades do filho da mesma maneira que a esposa. Foi revelado também que,

embora a esposa manifestasse insatisfação com o pouco cuidado que eles proviam ao filho, quando estavam com a criança, elas interferiam tirando a criança dos cuidados do pai.

Segundo Sefton (2006) há muitos discursos que defendem que gerar um(uma) filho(a) e criá-lo(a) é algo natural para mulheres, enquanto que, para os homens, é uma tarefa que exige aprenderem “forçadamente” a realizar as práticas paternas. Por outro lado, há outros que se aproximam dos pensamentos pós-estruturalistas, acreditam que ambos (homens e mulheres) constroem, no decorrer da vida, suas identidades, atribuindo às mesmas um caráter híbrido e mutante. O que ocorre é que o investimento feito nas mulheres para que essas, desde cedo, aprendam a ser boas mães não é feito para os homens.

Nesta conjuntura, a maioria das mulheres, ainda na infância, vivencia e é interpelada por discursos e práticas que abordam cuidado com bonecas, troca de fraldas, amamentação, enquanto que para muitos homens tais discursos e práticas não os interpelam com semelhante intensidade e frequência. Dessa forma, dentro de uma especificação de como devem ser mães e pais, as aprendizagens de ser mãe estão, em muitas situações, mais presentes que as aprendizagens de ser pai, provocando discursos que podem anular ou afastar qualquer condição de possibilidade de homens irem em busca de uma paternidade que abranja algo diferente de um provedor financeiro e protetor de sua prole, ou além de um pai brincalhão de fim de semana, como muitas narrativas culturais afirmam (SEFTON, 2006).

Assim sendo, as relações comparadas com as estabelecidas no modelo nuclear estão sendo modificadas. Os próprios membros integrantes da nova família estão diferenciados, a composição não é mais a tradicional, as pessoas também estão em processo de transformação, no sentido da forma de pensar, nos questionamentos, na maneira de viver neste mundo em processo de mudanças. Assim, tais transformações da configuração familiar e também das relações sociais ocasionam um impacto na construção da identidade de cada componente no interior da família (OLIVEIRA, 2009). Desta forma, acredita-se que essas mudanças sociais têm impacto na construção da paternidade.

Considera-se neste estudo que a identidade é formada a partir da interação do sujeito social com outros indivíduos. Nessa interação, ele interioriza os elementos da cultura na qual está inserido, apropriando-se assim do desenvolvimento histórico

de toda a humanidade (HALL, 2014).

Nessa perspectiva, à luz do referencial ecológico-sistêmico, o pai constrói sua identidade paterna por meio das interações nos diversos contextos em que ele está inserido, sendo o processo de desenvolvimento da paternidade construído pelas relações entre diferentes ambientes em que o pai convive (por exemplo, trabalho e família), e pelos contextos socioculturais mais amplos em que o pai participa.

Diante do exposto, a presente tese a ser defendida neste estudo considera:

- a) Embora haja envolvimento dos pais na família, o modelo de pai provedor irá prevalecer;
- b) As mulheres são agentes importantes na formação de identidade dos homens pais para a construção da paternidade;
- c) O envolvimento dos pais na família é exercido de acordo com o modelo paterno que vivenciaram, seja de forma positiva e/ou negativa;
- d) Os homens constroem seu papel paterno a partir da vivência da paternidade.

Frente à temática, surgiu a seguinte questão de pesquisa: Como é a experiência da paternidade na contemporaneidade?

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Compreender as experiências de homens pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner.

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer a construção da paternidade para o homem;
- Identificar o papel do pai no contexto da contemporaneidade;
- Identificar os sentimentos gerados pelo processo da paternidade;
- Conhecer a rede social dos pais para a construção da paternidade contemporânea.

3 Revisão de Literatura

As construções das temáticas foram descritas a partir de um fio associativo em que descrevo a família desde os seus primórdios até os dias atuais para mostrar os diferentes contextos históricos, sociais e políticos, que enfrentou e como essa realidade influencia/influenciou na paternidade até dos dias de hoje. Em seguida, evidencio a construção da paternidade em que abordo de que maneira a figura paterna vem se desconstruindo e se construindo diante dos diferentes tempos e contextos. A partir dessas modificações sociais e culturais que envolveram o processo da paternidade ao longo do tempo, não poderia deixar de trazer o envolvimento paterno que contextualiza e conceitua as diversas faces do “ser” pai. Para finalizar, acrescento uma revisão sistematizada atualizada sobre o tema da pesquisa, para identificar os estudos que estão sendo realizados no mundo sobre a temática da paternidade.

3.1 Família

Segundo Engels (1982), a evolução da família se divide em quatro momentos: família consanguínea, punaluana, sindiásmica e monogâmica. A família consanguínea aceitava com normalidade relações sexuais entre pessoas com mesmo parentesco familiar. Nessa etapa da família, predominava o matriarcado, em razão da dificuldade, muitas vezes, de estabelecer com certeza a paternidade. Todos pertenciam à mesma família, levando os filhos a pertencerem sempre à mãe.

Com a necessidade de se formar novas comunidades que não fossem somente aquelas do grupo familiar, surge a família punaluana, que exclui as relações recíprocas entre pais e filhos e depois entre os irmãos. Com esse novo tipo de família, se tornava mais fácil identificar os graus de parentesco, uma vez que as uniões não mais aconteciam no seio das famílias, mas sim em diferentes comunidades familiares (ENGLES, 1982).

O terceiro tipo de família referido pelo autor é a família sindiásmica. O surgimento dessa família dá-se em substituição às uniões pelos grupos, as quais se tornaram cada vez mais complicadas, em virtude da crescente proibição de casamentos entre familiares. Neste período, o homem se dedica a uma mulher, mas a infidelidade e a poligamia ainda são frequentes. Quanto às mulheres, exige-se

fidelidade, sob pena de castigo rigoroso. A dissolução conjugal é feita com facilidade e, uma vez ocorrida, os filhos ficavam com a mãe, sem a participação paterna.

Por fim, surge a família monogâmica, hoje a mais disseminada entre os povos de cultura ocidental. Nasceu da família sindiásmica, entre a fase intermediária e superior da barbárie. Tem-se, neste período, uma estabilidade mais sólida no matrimônio. A mulher é punida mais severamente do que em qualquer época no caso de cometer adultério.

Já o roubo de mulheres tem sua origem no final deste período. Em razão da escassez de mulheres, os homens dos grupos ou das tribos ficaram totalmente sem possibilidade de conseguir uma companheira, forçando-se a raptá-la das tribos vizinhas, que emprestava a outros, mas ficava definitivamente com ele, mentor do rapto (ENGELS, 2002).

Ao lado da verdadeira mãe, surgiu um provável pai, dando início a uma divisão frágil de tarefa e, conseqüentemente, de bens. Ao homem, pertenciam os instrumentos necessários de caça, pois cabia a ele a procura pela alimentação, e à mulher, os utensílios domésticos, pois aguardava em casa o retorno do companheiro para preparar a refeição. Na medida em que a riqueza acumulava nas mãos dos homens, fazia nascer uma preponderância desses em relação às mulheres dentro da família. Supondo ver seus filhos deserdados após a sua morte, e já com uma posição econômica mais fortalecida, o homem usou dessa vantagem para subverter, em proveito dos filhos, a ordem de vocação hereditária estabelecida. Para tanto, necessitou derrubar as regras que estabeleciam essa ordem de vocação segundo o direito materno (ROCHA, 2015).

Assim, no século XVI, a mulher perdeu seus direitos perante o marido e a justiça, passando a ser considerada incapaz de cometer qualquer ato sem o consentimento do marido. A mulher e os filhos deviam submissão e obediência ao marido/pai, que passou a ter poder, inclusive, de influir no casamento dos filhos. O poder da religião cresceu na Idade Média e interferiu diretamente na família, que passa a ser a célula social, a base dos Estados e o fundamento do poder monárquico (CASTOLDI, 2002).

A Igreja Católica, por meio de uma naturalização do rei como representante divino, monopolizava a sociedade nas esferas política, econômica e científica. Dessa forma, o pai, como imagem do rei e de Deus, também possuía o monopólio da família na Idade Média. A figura paterna, nessa época, era vista como autoritária,

severa, que não permitia a aproximação dos filhos. Sua chegada no lar trazia temor e incômodo aos membros da família. Falava-se e agia-se de acordo com as suas determinações. O bem-estar da família girava em torno do bem-estar do pai (AZEVEDO, 2008).

A família era uma unidade política, jurídica, econômica e religiosa que se erigia em torno da figura masculina. Família significava uma função de transmissão da vida, dos bens e dos nomes, sendo excluídos os laços afetivos e envoltimentos amorosos. Toda a ascensão e o movimento social nesse período estavam vinculados ao pai de família, lei suprema dentro desta constituição de família (BRANDÃO, 2005).

O casamento partia de um acordo entre dois pais, um dando a filha e o outro recebendo-a para seu filho, cuja meta era o compromisso da transmissão do patrimônio – o pai o recebeu do próprio pai e deveria ser transmitido ao seu filho. O amor entre o casal era um fato secundário, podendo ou não acontecer, sendo essencial a fidelidade aos valores da linhagem que deviam ser perpetuados (BRANDÃO, 2005).

Ao longo da história da humanidade, a família tem tomado diferentes contornos, que não permitem fixar um modelo único, já que se transforma ao acompanhar os movimentos que vão constituindo as relações sociais ao longo do tempo e do espaço cultural em que está inserida (BRANDÃO, 2005).

Assim, a Idade Moderna, considerando os séculos XVIII e XIX, foi perpassada por uma gama de transformações que vão incidir diretamente na composição do grupo familiar. A Modernidade se caracteriza pela supremacia do homem em relação à natureza. Esse, por sua vez, governa e lidera a sociedade por intermédio de um sistema calcado na razão em detrimento do regime monárquico, absolutista, autoritário e divino. A razão é então o fundamento da sociedade moderna, o que garante a evolução e a dominação da ciência frente a todos os acontecimentos, sejam eles de ordem natural ou social. O modelo de família na Era Moderna era o da família nuclear, sendo esta composta pelo marido/pai, pela esposa/mãe e pelos filhos legítimos do casal (AZEVEDO, 2008).

Com a Revolução Francesa e com a Revolução Industrial, verificaram-se profundas transformações na instituição familiar. Com a Revolução Francesa, o casamento religioso foi substituído pelo casamento civil e, com a Revolução Industrial, a produção artesanal, que concentrava os trabalhos em casa e em torno

de um chefe de família, foi gradativamente substituída pela utilização das máquinas, localizadas nos estabelecimentos comerciais situados nas áreas urbanas. Com a Revolução Industrial, o trabalho da mulher em fábricas e, posteriormente, em outras atividades econômicas, deflagrou o processo crescente de modificação do contexto familiar (ROCHA, 2015).

No Brasil, as transformações sociais contemporâneas, como o incremento da inserção da mulher no âmbito profissional e os novos arranjos familiares, modificaram a estrutura e os padrões de funcionamento familiar, mais especificamente em relação ao número de lares brasileiros chefiados por mulheres, ou seja, lares em que o trabalho feminino passou a representar a principal fonte de sustento econômico da família (VIEIRA, et al., 2014).

Em pouco espaço de tempo, as pessoas testemunharam descobertas e mudanças que operaram significativamente na sociedade e especificamente na esfera familiar, sendo algumas delas a descoberta e difusão da pílula anticoncepcional; a entrada da mulher no mercado de trabalho; o início e fortalecimento do movimento feminista – que parece ter sido a “revolução” mais bem sucedida dos últimos tempos; a reprodução assistida; as mudanças nas leis que regulam os direitos da criança e do adolescente (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA); e na sociedade conjugal, como também aquelas que não mais discriminam filhos legítimos e ilegítimos; e ainda a prática cada vez mais utilizada do exame de DNA para a confirmação da paternidade (MOREIRA, RABINOVICH, ZUCOLOTO, 2016).

Assim como mudanças no novo Código Civil em que se destacam algumas alterações. O casamento religioso foi regularizado com efeito civil; a união estável passou a ser reconhecida, desde que a relação seja duradoura e contínua; aboliu-se a expressão “filho legítimo”, passando o natural e o adotivo a terem o mesmo tratamento; as mães solteiras passaram a formar família com os filhos; a mãe solteira passou a ser chefe da chamada entidade familiar, assim como todas as demais também passaram a ter o mesmo *status* (igualdade entre cônjuges); o marido pode usar o sobrenome da mulher e vice-versa, como também a ex-esposa pode manter o sobrenome do ex-cônjuge; a guarda dos filhos pode ficar com o pai ou a mãe, sendo escolhido aquele que reunir melhores condições para isso; o marido também pode exigir pensão alimentícia (PEREIRA, ARPINI, 2012).

Essas mudanças que vêm ocorrendo na composição familiar referem-se aos avanços da comunicação, da tecnologia, da globalização, das questões de gênero, da espiritualidade, da biotecnologia e do aumento populacional (BOSSARDI, VIEIRA, 2010).

No Canadá, transformações no plano social e jurídico demarcaram as novas configurações familiares e o papel de pai e de mãe. Desde o ano de 2000, uma lei permite a casais do mesmo sexo usufruírem dos mesmos direitos sociais garantidos aos heterossexuais, e também são realizados acordos proporcionando às famílias terem filhos a partir de uma terceira pessoa, ou seja, um doador. Com relação ao projeto parental, são constatadas diferenças entre homens e mulheres, sendo que elas, estando em casal ou a sós, podem contar com o recurso da procriação assistida, em contraste com aqueles, que não podem usufruir de tal recurso em nenhuma circunstância. (TAHON, 2006).

Tais mudanças trouxeram impactos no grupo familiar porque influenciaram as condutas e comportamentos sociais de homens e mulheres e, é claro, os papéis assumidos por estes na família – papéis de esposo e esposa, mãe e pai. As formas diferenciadas de assumir tais papéis, de expectativas recíprocas e de exercer atitudes, geraram, por sua vez, outras formas de interação e vinculação na família (MOREIRA, RABINOVICH, ZUCOLOTO, 2016).

Assim, a família torna-se reduzida quanto ao número de filhos, os cônjuges procuram a satisfação tanto pessoal, no interior do núcleo familiar, quanto profissional; a família torna-se mais igualitária, tendo o casal de cônjuges direitos e deveres comuns ao grupo familiar e social. Relativo aos filhos, há uma aproximação entre as gerações, sendo que esses visualizam em seus pais pessoas que permitem um diálogo, podendo eles mesmos divergir das opiniões de seus genitores. As novas famílias começam a ocupar um espaço social que antes só era permitido à família nuclear (AZEVEDO, 2008).

A modificação na composição familiar, nas relações de parentesco e na representação das relações na família tem seu fundamento direto na transformação da configuração familiar, e também nas relações sociais, ocasionando impacto profundo na construção da identidade de cada componente no interior da família. Nesse contexto, encontramos a nova família, que se caracteriza pelas diferentes formas de organização, relação e em um cotidiano marcado pela busca do novo. Os arranjos diferenciados podem ser propostos de diversas formas, renovando

conceitos preestabelecidos (OLIVEIRA, 2009).

Conforme Wagner (2011), é possível identificar a força do legado familiar na transmissão de seus valores, crenças, normas e mitos de geração a geração nas mais diversas culturas. Esse processo baseia-se no pressuposto de que todo indivíduo se insere em uma história que já existe antes mesmo de ele nascer, à qual deve adaptar-se e corresponder. Por serem as relações familiares tão marcantes e influentes na vida do sujeito, elas acabam por representar a base do comportamento futuro sem que o sujeito se dê conta da força que ela impõe em suas escolhas e decisões.

Um dos conceitos de família a define como unidade grupal, um sistema complexo que está diretamente ligado aos processos de transformação histórica, social e cultural. Sendo assim, apresenta um contínuo processo de modificação, o que implica alterações em sua composição e dinâmica (CÚNICO, ARPINI, 2013; PEREIRA, ARPINI, 2012).

Seja qual for o modelo de família, ela é sempre um conjunto de pessoas consideradas como unidade social, como um todo sistêmico, local em que se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior. Assim, a família constitui um sistema dinâmico, contém outros subsistemas em relação, desempenhando funções importantes na sociedade, como, por exemplo, o afeto, a educação, a socialização e a função reprodutora (DIAS, 2011).

Observa-se que a maioria das famílias que, de um lado, resiste a tendências que reconhecem como ameaçadoras para o bom andamento de suas relações, de outro adaptam-se a algumas das exigências da cultura contemporânea. Assim, se reorganizam, dando vida a famílias “novas”, isto é, abertas para rejeitar modelos autoritários nos relacionamentos conjugais e na educação dos filhos, e dispostas a acolher em seu contexto familiar os valores mais apreciados na atualidade, enquanto renovam o compromisso da dedicação prioritária ao bem do grupo familiar, cultivando relações de plena reciprocidade entre os sexos e entre as gerações (MOREIRA, RABINOVICH, ZUCOLOTO, 2016).

Diante desses aspectos, ao entrar em contato com diversas famílias, desperta a atenção o quanto a família não responde mais ao que, há apenas algumas décadas, se propunha como novo: o modelo nuclear. As famílias monoparentais (apenas um dos progenitores vive com os filhos), famílias reconstituídas (novas uniões após a separação conjugal), e famílias homoafetivas (casais do mesmo sexo)

constituem a realidade de uma parcela significativa da população (PEREIRA, ARPINI, 2012).

3.2 A construção da paternidade

Na Antiguidade, a filiação paterna era algo incontestável, pois todos eram filhos de um pai. Primeiro, a humanidade é filha de um pai criador do universo, esse pai é denominado Deus. Secundariamente, todos são filhos de um ser que é chamado homem/pai que é feito à imagem e semelhança do pai Deus. Neste período, o sujeito não seria concebido como autônomo, mas como aquele que legitimava a obra divina. Assim, os referenciais que regiam a vida em comum estavam ancorados em dois ideais: os ideais da Igreja e os ideais do Império, representantes supremos da ordem divina (AZEVEDO, 2008).

O homem era considerado o chefe político, religioso e juiz, era o *pater familias*, que exercia o direito de vida e morte sobre todos os membros de seu grupo, impondo penalidades e tratando-os como coisas pertencentes ao seu patrimônio. Deus, nessa sociedade, é vivido, imaginado como um pai criador, onipotente e, por analogia, todo pai terrestre seria vivido como senhor (BRANDÃO, 2005).

O pai da casa era como um líder natural, tinha amplos poderes como o pai, incluindo a vida e a morte, a punição corporal, ou a venda de crianças, se necessário. A ausência de emoções visíveis era, então, justificada pela crença de que o afeto tornaria o pai indulgente. Nada poderia limitar o poder do pai sobre seus filhos, insistindo até mesmo a Igreja que a sua única obrigação era garantir comida (MARTÍN, 2010).

A Igreja Católica, por intermédio de uma naturalização do rei como representante divino, monopolizava a sociedade nas esferas política, econômica e científica. Dessa forma, o pai como imagem do rei e de Deus também possuía o monopólio da família na Idade Média. A figura paterna, nessa época, é vista como autoritária, severa, que não permitia a aproximação dos filhos. Sua chegada no lar trazia temor e incômodo aos membros da família. Falava-se e agia-se de acordo com as suas determinações. O bem-estar da família girava em torno do bem-estar do pai (AZEVEDO, 2008).

Porém, o homem e, conseqüentemente a figura do pai, não se mantém como autoridade infinita na esfera social. Esta transformação se dá em conseqüência de três acontecimentos históricos: da Revolução Francesa com o seu lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, que trazia à tona os direitos humanos, e não mais os do pai, contribuindo para acabar com a supremacia do autoritarismo do Deus patriarcal. A Revolução derruba a imagem de um rei que tinha por missão divina guiar, educar e alimentar o seu povo; da Revolução Industrial que foi relevante devido à transformação ocorrida no mercado de trabalho; as profissões saíram do âmbito familiar, afastando os homens trabalhadores de casa, aumentando a autoridade materna no seio da família; e, por fim, do Iluminismo, que foi importante pois o seu pensamento central estava embasado na liberdade individual e no referencial democrático (FARIA, 2003).

Dessa forma, o mundo passa a ser regido não mais pelos desígnios divinos, mas por meio das determinações humanas. Nasce na sociedade moderna um sentimento de valorização do homem. Surgem tanto nas artes como nas ciências obras que tratam o homem pelo homem e não mais como um ser proveniente do divino (AZEVEDO, 2008).

Alguns autores marcam esses acontecimentos oriundos dos séculos VIII e XIX, como a crise da paternidade, momento em que o homem entra em crise sobre sua referência como pai. A mulher, além de cuidar dos filhos e das tarefas da casa, começa a participar de forma efetiva no aumento da renda da família, mudando seu papel de “dona de casa” para a “dona da casa” (OLIVEIRA, 2012).

No período pós-guerra, o aumento econômico devolveu a muitos pais a sua posição de provedor do lar, mesmo tendo abandonado o papel central da família para a mãe. Alguns homens, cujas jornadas de trabalho beiravam 60 horas semanais, tiveram que adaptar-se à distância física dos filhos; outros, não absorvidos no mercado de trabalho e despreparados para as tarefas domésticas e de educação dos filhos, tinham que se submeter ao sustento pela esposa (CASTOLDI, 2002).

Nas famílias de classe média, por exemplo, a participação crescente das esposas e dos próprios filhos no orçamento doméstico afeta a principal função do chefe da família, que era o sustento financeiro. Além dessa realidade, muitas vezes, o saber paterno se tornou obsoleto frente às novas situações do mundo moderno, pois algumas não são experimentadas por ele, à medida em que o papel dos filhos

se transforma devido às suas trajetórias individuais como casamento, independência financeira, entre outras. A autoridade paterna pode ser questionada e essas relações modificadas, uma vez que os filhos poderão negociar ou impor suas deliberações ao pai (CASTOLDI, 2002).

Segundo Borges (2005), na sociedade contemporânea, o poder do pai tem sido desacreditado e desvalorizado. A massificação dessa desvalorização é provocada por mulheres e mães emancipadas que assumiram a educação e o provento dos próprios filhos. Nesta nova configuração, a figura paterna é fragilizada e ausente, e passa a ser desnecessária para as mulheres ditas emancipadas.

O discurso sobre o declínio da função paterna também emergirá por haver uma total simetria, seja no âmbito social ou legal, nas posições de pai e de mãe no interior das famílias. Expõe, ainda, a perda do lugar de chefe de família pelo pai, e a legalidade de casamentos homossexuais, que provocam a dissociação entre o pai e a masculinidade como fatores que contribuíram para o declínio da função (AZEVEDO, 2008).

Por outro lado, o homem tem se mostrado mais afetivo, mais próximo de seus filhos. É comum encontrar o homem que cuida da casa, que brinca com as crianças, que dá banho no bebê. Essa mudança no perfil masculino aponta para um pai que se encontra mais presente no interior da família, pois ele passa agora a exercer atividades domésticas, tarefas que eram exclusivas do domínio feminino (AZEVEDO, 2008).

Podem ser identificados três modelos paternos. Primeiramente, a paternidade patriarcal, que predominou de 1620 a 1800. As principais características desse tipo de paternidade são o modelo agrário, presença física, distância emocional, máxima autoridade paterna relativa a aspectos da vida da esposa, dos filhos e de outros dependentes. A paternidade moderna, surgiu em 1800 e se estendeu até a contemporaneidade. As principais características desse tipo de paternidade são o modelo urbano associado à emergência da burguesia, distanciamento físico, condutor moral, iniciador dos filhos na vida pública, papel de provedor exclusivo. Além da paternidade andrógena, que começou a surgir nos anos de 1970 e, assim como a paternidade moderna, se mantém. As principais características desse tipo de paternidade são o modelo urbano, decorrente em parte das reivindicações feministas; maior participação masculina no contexto doméstico e na criação dos filhos, resultante da saída das mulheres para o mundo público;

tratamento mais igualitário das crianças, independentemente do gênero (TRINDADE, 1998).

Ao apontar as tendências futuras de paternidade, considera-se a multiplicidade de opções familiares, as famílias separadas, recasadas, uniparentais, com pai/mãe substitutos, e assim por diante. Essas configurações familiares diversas apontam para uma série de novos estilos de paternidade (CASTOLDI, 2002).

Em um estudo realizado por Pimentel (2009), com homens de Portugal e do Belém do Pará, que teve como objetivo identificar a autopercepção da paternidade, focalizando modelos, funções, valores e a concepção de amor dos informantes, os pesquisadores relataram que os pais do estudo queriam ter um papel mais ativo, efetivo e interventivo, em contraposição aos modelos de paternidade vivenciados ou observados em gerações anteriores.

Mendes (2007) aponta em seu estudo três modelos de pais, e os caracterizou da forma a seguir. Pai formiga – os filhos são inesperados, tem maior investimento profissional. Se utiliza dos recursos econômicos na criação para uma educação considerada “boa”, apresenta menor disponibilidade e orientação para a família e responsabiliza as mulheres pelos cuidados e educação dos filhos. Pai galinha – reconhecimento da importância de estar presente na vida dos filhos, desenvolvendo uma relação emocional com estes. São os que mais participam nas práticas e cuidados relacionados com os filhos. Pai galo – posicionamento mais conservador perante o desempenho efetivo do papel de pai e face ao papel da mulher na família e na sociedade.

Segundo Hennigen (2002), a mídia tem sido considerada um lugar privilegiado de circulação de discursos em nossa sociedade, logo, importante para as construções de identidade da paternidade.

Pesquisa realizada sobre o masculino na mídia constata que os comerciais analisados apresentam um modelo cultural ideal de homem (branco, heterossexual e dominante). Nas produções cuja temática é relativa ao cuidado infantil, a mãe ocupa a posição de protagonista e, quando o pai é a figura central, sua ação é no sentido de educar moralmente ou garantir o futuro financeiro do(a) filho(a). O autor também encontra referência ao que chama de pai pastelão (aquele que só atrapalha); e o afeto masculino conectado ao cuidado só aparece metaforicamente e relacionado a animais de estimação (MEDRADO, 2013).

A paternidade vem ganhando espaço e importância nos estudos científicos, sendo os pais considerados importantes para o desenvolvimento dos filhos e também para a família (relações conjugais). O modelo familiar e, conseqüentemente, o modelo de paternidade têm se mostrado ora arraigados a conceitos/modelos antigos, ora aderindo a comportamentos novos. Os pais estão sendo convidados a assumir atribuições e demandas provenientes de uma nova sociedade que abriu espaço para novas conquistas femininas (inserção no mercado de trabalho) e masculinas (participação em atividades domésticas e no cuidado dos filhos) (PRADO, ABRÃO, 2015).

O exercício da paternidade pode ser a porta de entrada do homem no campo dos cuidados, de si próprio, dos(as) filhos(as) e da companheira. Nesse sentido, a educação, a informação e a atenção à saúde permeada pela abordagem de gênero podem gerar mudanças nas concepções e no exercício do ser pai e do ser mãe na sociedade. A reprodução social dos modelos masculino e feminino tem a sua base na maternagem (*mothering*), termo que significa cuidados de mãe, cujo valor cultural na reprodução da masculinidade tem um sentido ideológico na produção das desigualdades entre os sexos. Em que as mulheres, como mães, são agentes decisivos na esfera da reprodução social, pois são elas que educam e repassam aos filhos as ideologias vigentes na sociedade (FREITAS, 2007).

Em meio à busca masculina por maior aproximação daquilo que tradicionalmente cabia às mulheres, existe uma preocupação a respeito do quanto essa nova postura pode ou não interferir na manutenção da masculinidade. Muitos homens acabam se encontrando em um dilema de estarem mais engajados àquilo que lhes estão exigindo para acompanhar as transformações contemporâneas, e, ao mesmo tempo, temerosos em não comprometer sua imagem de virilidade e de macho diante de toda uma sociedade que estimula e valoriza tal característica. Essas preocupações não se restringem aos homens, visto que muitas mulheres também têm esse receio em relação ao sexo oposto, seja nas relações que estabelecem com eles, seja na criação de seus filhos (STAUDT, WAGNER, 2008).

Existem também diversas contradições no âmbito legal para os homens-pais da contemporaneidade, ao tentarem exercer sua paternidade de maneira que atendam às novas demandas sociais. Ao lermos a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT, 2005), por exemplo, encontramos a forte disparidade em relação às licenças-maternidade e paternidade, com 120 e 5 dias de licença concedidos,

respectivamente. Vale lembrar que, até 1988, esse direito não era dado aos homens. A guarda dos filhos em processos de separação conjugal também ajuda a ilustrar esse fenômeno. Ainda que venham acontecendo alguns avanços, como a guarda alternada e compartilhada, sabe-se que a primazia materna no cuidado e proteção dos filhos é ainda uma realidade (STAUDT, WAGNER, 2008).

No entanto, há um aprofundamento na complexidade das relações conjugais que comporta a organização de eventos nos quais os homens estão discutindo sua própria identidade social. Este aspecto representa uma tentativa de compreender e encontrar soluções para as novas situações de relacionamento decorrentes das mudanças nas relações parentais e da ampliação da participação das mulheres na esfera pública de trabalho, fatores relevantes no relacionamento homem/mulher do cenário social contemporâneo (FREITAS, 2007).

3.3 Envolvimento paterno

A paternidade corresponde a um período de transformações na vida de um homem, porém, quando exercida em um tempo em que as funções atribuídas ao pai parecem não estar tão bem delineadas como em épocas anteriores, pode se tornar ainda mais inquietante. Antes, cabia ao pai a função de chefiar a sua família, zelando sempre pelo seu sustento (OLIVEIRA, SILVA, 2011).

Os seus deveres estavam preestabelecidos por gerações anteriores e havia poucas possibilidades de exercê-los de outras formas. No entanto, outras funções foram acrescentadas, como a aproximação afetiva e o diálogo, o homem teve a possibilidade de ampliar o contato com seus filhos e de participar mais no processo formativo. Além dessas modificações, aquele pai autoritário deu lugar a um pai mais flexível e sensível às diversas situações cotidianas. Pode-se dizer que dentro da nova perspectiva de paternidade, o homem se constrói como pai na sua relação com o filho (OLIVEIRA, SILVA, 2011).

Embora o modelo familiar tradicional, no qual o pai é o principal provedor do sustento financeiro da família, faça-se presente em muitos lares brasileiros, está cada vez mais comum a existência de um funcionamento familiar em que as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos são divididos entre pai e mãe, mesmo que não

de forma igualitária, estabelecendo um novo modelo (emergente) de paternidade: o novo pai (BITTENCOURT, et al., 2015).

O novo pai é um modelo de paternidade em que o homem participa da criação dos filhos, preocupado em demonstrar afeto nas relações estabelecidas dentro da família (ALMEIDA, SILVA, RIBEIRO, et al., 2015).

O termo com o qual Pleck J. (1997) denomina o novo modelo de paternidade, que tem como marca central a igualdade de responsabilidade pela criação dos filhos, é o de “pai co-genitor”. O pai cogenitor deve se envolver com as crianças, dividir igualmente com a mãe o cuidado físico diário dos filhos e participar ativamente no desenvolvimento da criança desde o nascimento até a fase adulta.

Essas mudanças geram um aprofundamento na complexidade das relações conjugais, nas quais os homens estão discutindo sua própria identidade social. Esse fato representa uma tentativa de compreender e encontrar soluções para as novas situações de relacionamento decorrentes das mudanças nas relações parentais e da ampliação da participação das mulheres na esfera pública de trabalho, fatores relevantes no relacionamento homem/mulher do cenário social contemporâneo (FREITAS et al., 2007).

Nesse sentido, a relação familiar vivida tem modificado qualitativamente o significado da paternidade. O “novo pai” visita o pai tradicional, mas afasta-se dele, dotando a paternidade de sentido mais amplo, percebendo-a desde a gravidez, iniciando ainda nessa fase a construção de vínculos afetivos que se firmarão com o nascimento. Esse movimento dialético faz emergir reflexões nos sujeitos acerca de suas próprias concepções sobre o ser pai, abrindo possibilidades de (des)construir a paternidade incorporada a partir das relações sociais desde menino, sobretudo com o próprio pai (Freitas et al., 2007).

Assim, aspectos como os modelos e padrões de relacionamento intergeracionais, percepções do pai sobre seu papel e o da mãe quanto ao companheiro como pai, além da disponibilidade de uma matriz de apoio, têm sido associados ao envolvimento paterno (CASTOLDI, GONÇALVES, LOPES, 2014).

Estudo que tinha como objetivo analisar o que foi publicado sobre o envolvimento paterno por duas revistas de divulgação verificou que o assunto mais citado nas reportagens refere-se ao *novo pai*. Além deste item, foi encontrado o *pai como modelo*, que é aquele que tem seu próprio pai como exemplo de como ser pai. Esse elemento temático engloba, ainda, os valores transmitidos pelo pai, a

admiração do filho pela figura paterna e a semelhança estética, profissional e comportamental entre pai e filho(a). Destaca-se também como assunto mais abordado o *papel do pai*, que constitui as disponibilidades física, afetiva, emocional, financeira e temporal na criação dos filhos, e a responsabilidade do pai na vida do filho. Abrange também os cuidados básicos (a alimentação da criança, por exemplo) e abertura ao mundo (estímulo à exploração do ambiente, colocando limites por meio da disciplina) (BITTENCOURT et al., 2015).

Ainda neste mesmo estudo de Bittencourt et al. (2015), os homens criam estratégias para lidar com o processo da paternidade, por meio de criação de *blogs* e livros, participação em cursos para pais, leitura a respeito de temas referentes à paternidade e assistem a filmes, como forma de preparação. Esse elemento temático envolve ainda o pai se percebendo no processo de transformação, os sentimentos gerados e a reação das pessoas quando o homem menciona que irá ser pai.

Lamb (1997) aponta que existem vários fatores que afetam como os homens exercem seu papel de pai, incluindo as expectativas e os comportamentos maternos, a qualidade do relacionamento que os pais tinham com seus genitores, *status* no trabalho e práticas culturais.

Um dos fatores que interferem no envolvimento paterno é o poder aquisitivo dos genitores, porque pais com maior renda têm maior nível de escolaridade, favorecendo a importância na atribuição da educação e aprendizagem de seus próprios filhos (CIA, BARHAM, 2009).

Estudo realizado por Silva e Piccinini (2007) identificou que as responsabilidades financeiras e a acessibilidade, que, por sua vez, são fortemente influenciadas pelas exigências do trabalho, são fatores importantes para o envolvimento paterno.

Estudo realizado por Backes (2015) constatou correlação negativa entre a jornada de trabalho do pai e o suporte emocional. Esse achado indica que quanto maior é a jornada de trabalho do pai, menos suporte emocional ele fornece à criança.

Em uma análise entre pais indianos, os resultados indicam que o envolvimento paterno nos cuidados com a criança pode ser determinado pela percepção sobre a paternidade e pelas expectativas em relação ao seu papel. Os fatores socioeconômicos também têm sido examinados como influentes no

envolvimento, e a importância deste assunto implica na criação de programas e intervenções que possam promover atitudes e participação paterna (SARAFF, SRIVASTAVA, 2010).

Estudo realizado com profissionais da saúde a respeito do cuidado paterno na família contemporânea identificou três aspectos importantes que influenciam o modo de envolvimento paterno: as características individuais do homem, do contexto no qual está inserido, e o modelo de paternidade vivenciado na família de origem. Consideram-se como características individuais do pai o seu conhecimento, suas experiências pessoais e a capacidade de envolver-se na dinâmica familiar. Em relação ao contexto, destacam-se as interações vivenciadas pelo homem na família de origem e a situação financeira. Além destes fatores, as experiências vividas pelos pais e os valores transmitidos por seus genitores influenciam na criação de seus filhos. Alguns homens, criados no modelo de paternidade patriarcal, procuram reformular seu papel na família ao invés de reproduzir a experiência vivenciada ao se tornarem pais (ALMEIDA, SILVA, RIBEIRO et al., 2015).

Nesse mesmo estudo, outro achado sobre fatores que influenciam no envolvimento paterno está na participação do homem desde o pré-natal, nas consultas, quando o pai demonstra preocupação com o desenvolvimento da criança e adota alguns cuidados em relação à saúde da esposa. Esta participação do pai no cuidado e o conhecimento dos eventos ocorridos durante a gestação, parto e pós-parto podem influenciar o modo como o homem vivencia a chegada dos filhos, contribuem na tomada de decisões, iniciativas no cuidado com a criança e estabelecimento precoce do vínculo. Esse aspecto pode influenciar positivamente a participação do homem na criação dos filhos, preparando-o para determinadas situações, como as mudanças e imprevistos ocorridos nesse período (ALMEIDA, SILVA, RIBEIRO et al., 2015).

Durante este período de gestação, parto e pós-parto, a mulher é vista pelo companheiro como sensível e frágil, necessitando de cuidados com ela e na manutenção do lar. Esta participação rompe paradigmas nos quais a mulher é vista como responsável pelo cuidado e promove uma troca de papéis, em que o homem assume a responsabilidade para além de provedor da família, mas também como aquele que compartilha e oferece cuidados diversos (SILVA, MARCOLINO, GANASSIN et al., 2016).

A existência de relações positivas e que estimulem a participação paterna nos cuidados ao bebê são importantes para que o envolvimento paterno em práticas de cuidados aconteça. A partir do momento em que a mãe ou outros membros familiares incentivam a participação do pai nos cuidados ao bebê, e reconhecem seu papel e empenho para engajar-se nas atividades compartilhadas, é possível que o pai, aos poucos, consiga desempenhar atividades mais complexas com a criança, dividindo responsabilidade com a mãe e fortalecendo seu vínculo com o bebê (JAGER, DIAS, 2015).

As mães interferem nas interações pai-criança de diferentes maneiras, ou proibindo o pai de realizar alguma atividade que apresente algum risco físico para a criança, tirando sua autoridade ou incentivando a participação do mesmo, colaborando com o engajamento do pai nas atividades com a criança (BACKES, 2015).

Estudo realizado com puérperas, a fim apreender suas percepções acerca dos cuidados paternos à mãe e ao filho, identificou que as mulheres possuíam sentimentos de ansiedade e insegurança decorrentes do pouco conhecimento acerca de como realizar cuidados com a criança, resultando em ausência de confiança da puérpera na capacidade do companheiro ou ainda no distanciamento deste por acreditar não conseguir realizar tais cuidados (SILVA, MARCOLINO, GANASSIN et al., 2016).

O termo “envolvimento” remete essencialmente a um tipo de investimento e diz respeito à interação ou proximidade com a criança e pode ser dividido também em: ativo — cuidar, fazer a higiene e falar com a criança; e passivo — atividade que engloba a proximidade com a criança, sem necessariamente implicar uma ação, como dormir junto e ficar perto. Esse termo é privilegiado por psicólogos interessados em pesquisas interculturais do desenvolvimento, que investigam como a presença do pai e da mãe e seu nível de envolvimento com a criança podem influenciar seu desenvolvimento emocional, cognitivo, da personalidade e da moral (BOSSARDI, 2013).

Para Lamb (1997), o envolvimento paterno inclui três aspectos: engajamento, acessibilidade e responsabilidade. A acessibilidade concerne à presença e à disponibilidade do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles. A interação refere-se ao contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer. Por fim, a responsabilidade diz respeito

ao papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança (como levar o filho ao médico ou participar da reunião do colégio).

Para Lewis e Dessen (1999), os níveis de envolvimento paterno são classificados em diferentes perspectivas em relação à paternidade, como, por exemplo, a paternidade *tradicional*, a *moderna* e a *emergente*. Na perspectiva *tradicional*, o pai tem o papel de provedor, que oferece suporte emocional à mãe e estabelece normas para a conduta moral dos membros da família, mas não se envolve diretamente com os filhos, seguindo um modelo autoritário. Na perspectiva *moderna*, o papel do pai o leva a acompanhar o desenvolvimento moral, escolar e emocional dos seus filhos. É um pai que entende seu filho, mas ainda faz pouco para cuidar de suas necessidades do dia a dia. Por fim, a perspectiva *emergente* origina-se na ideia de que o homem é capaz de participar ativamente dos cuidados e da criação dos seus filhos.

A equipe Prospere, formada por pesquisadores de diversas áreas na Universidade de Québec em Montreal (UQÀM), que há dez anos dedicam-se ao estudo da paternidade, adota o termo “engajamento paternal” como sinônimo de envolvimento paterno e o define como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. O engajamento paterno se exprime de diferentes formas: pai em interação (presença do pai para com a criança, direta ou indireta); pai que cuida (compartilha as tarefas cotidianas); pai afetuoso (gestos e palavras que tranquilizam e encorajam); pai responsável (realiza tarefas para o desenvolvimento da criança); pai provedor (promove apoio financeiro para as necessidades da criança); e pai evocativo/significativo (pai que pensa na criança) (PROSPERE, s.d.).

Estudo que tinha como objetivo analisar o envolvimento paterno ao nível dos Cuidados e da Socialização com 199 famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar encontrou que quanto mais elevada a idade do pai, menor a sua participação nas atividades relacionadas com o Ensino/Disciplina. Relativamente às Habilitações Literárias, verifica-se que, quanto maior o nível de estudos do pai, maior o seu envolvimento nas tarefas de Cuidados Diretos e Indiretos, Ensino/Disciplina e Lazer no Exterior; e quanto mais elevadas as Habilitações Literárias maternas, maior a participação do pai ao nível dos Cuidados Diretos e Indiretos, e Lazer no Exterior. Como se pode observar, quanto mais alargado o horário semanal no qual o pai se encontra no seu local de trabalho, menor o seu envolvimento nas cinco dimensões

analisadas. Por sua vez, quanto maior o número de horas de trabalho semanal materno, menor a participação do pai nas atividades de Brincadeira (SOUZA, 2015).

Pesquisa que teve como objetivo investigar as relações entre envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos identificou que quanto mais o pai se envolve com o(a) filho(a), disciplinando-o(a), mais ele proporciona à criança, de modo geral, a abertura ao mundo, a assunção de riscos e a punição. Quanto mais suporte emocional o pai fornece para a criança, mais ele incentiva a interação da criança com o mundo extrafamiliar, desempenhando cuidados básicos com seu filho, e mais ele realiza evocações, como, por exemplo, lembrar da criança, pensar, imaginar. Da mesma forma, quanto maior o suporte emocional do pai em relação à criança, mais ele concretiza tarefas da casa e, por fim, mais envolvido de forma geral ele é com seu filho (BACKES, 2015).

Além desses envolvimento, a mesma pesquisa indicou uma tendência de o envolvimento paterno ser diferente em função deste fator. Pode-se notar que o pai se mostra mais envolvido com filhos do sexo masculino. O pai realiza mais Suporte Emocional, Abertura ao Mundo, Cuidados Básicos, Jogos Físicos, Evocações e Disciplina com filhos homens. Os pais de meninas admitem que, muitas vezes, não se sentem seguros ao cuidar de suas filhas, pois não sabem como lidar com sua vaidade, como arrumar o cabelo e colocar a roupa que elas gostam. Nesses casos, os pais fazem o possível, mas demonstram preferência de que a mãe se encarregue dos cuidados (BACKES, 2015).

Portanto, o envolvimento paterno está relacionado a diversos aspectos, pessoais, relacionais, sociais e culturais. As mudanças ocorridas na sociedade deflagraram um novo modelo de paternidade, em que o pai também é chamado de cogenitor, o qual compartilha com a mãe da criança as tarefas de cuidado da casa e dos filhos e envolve-se afetivamente com a mesma. No âmbito pessoal deve-se considerar a personalidade do pai, seu momento de vida, contexto familiar, entre outros fatores que possam interferir em seu envolvimento (BACKES, 2015).

3.4 A construção da paternidade: uma revisão integrativa

Em virtude das mudanças ocorridas na paternidade nas últimas décadas e a sua importância no contexto social, foi realizada uma revisão de literatura que permita identificar a produção científica sobre a paternidade contemporânea. A presente revisão integrativa, sistematizada, traz, à luz da literatura, conhecimentos acerca da paternidade contemporânea, além de apoiar-se na leitura exploratória e seletiva do material de pesquisa, bem como em sua revisão integrativa, contribuindo para o processo de síntese e análise de vários estudos, criando uma associação de literaturas compreensíveis.

Para a realização desta revisão integrativa foram seguidos os passos: identificação do tema e seleção da questão norteadora para a elaboração da revisão integrativa; estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados e apresentação da síntese do conhecimento (MENDES, SILVEIRA GALVÃO, 2008). Desta maneira, para guiar a pesquisa, formulou-se a seguinte questão: “Qual a produção científica acerca da paternidade contemporânea?”.

Foi realizada uma busca nas bases de dados U.S. National Library of Medicine National Institutes of Health (PUBMED), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Encontram-se 207 artigos que abordavam o assunto paternidade; destes, 66 estão indexados na PUBMED; 39, na BVS; e 109, na Capes. Após a seleção das produções e sua organização, realizou-se a leitura dos títulos e resumos para identificar se atendiam aos critérios de inclusão. Assim, após a leitura e exclusão dos artigos que não respondiam à pergunta norteadora e não se enquadravam nos critérios do estudo, foram selecionados 59 artigos.

As buscas ocorreram no mês de outubro de 2015, e a partir destas encontrou-se um total de 19 artigos.

Os descritores cruzados na base de dados PUBMED e BVS foram: *Paternity AND Family AND Paternal Behavior*, e utilizaram-se como limites: Resumo disponível, estudos em humanos. No banco de periódico da CAPES foram cruzados os descritores: Família *and* Paternidade.

Foram estabelecidos como critérios de exclusão: estudos que não fizessem referência direta à paternidade e que não apresentassem resumo. Após esta etapa, realizou-se uma análise baseada nos títulos dos manuscritos; nos resumos de todos os artigos que preenchiam os critérios de inclusão ou que não permitiam a certeza de que deveriam ser excluídos. Logo em seguida, todos os artigos selecionados foram obtidos na íntegra e posteriormente examinados de acordo com os critérios estabelecidos.

Após esta etapa, fez-se a leitura destes artigos na íntegra para a delimitação dos resultados, sendo excluídos mais 40 artigos que tratavam da paternidade em outros focos de estudo. Tais artigos excluídos abordavam questões criminais, infertilidade, estudos clínicos e genéticos para determinação da paternidade, não se encaixando na temática pesquisada. Desta forma, os 19 artigos foram categorizados em um quadro analítico que constou de título, autores, fonte, ano, bases de dados, objetivo do estudo, método e principais resultados (Apêndice A).

Após a leitura dos artigos na íntegra e análise dos enfoques dos mesmos, foram encontrados quatro temas centrais: 1) Exercício da paternidade contemporânea; 2) Construção da paternidade; 3) Gênero e paternidade; 4) Paternidade na adolescência.

3.4.1 Exercício da paternidade contemporânea

Onze estudos referiam-se à temática desta categoria, abordando as transições que vêm ocorrendo com o exercício paterno. Estudo cujo objetivo foi compreender os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno de três pais identificou que os pais podem ter uma ampla participação na vida dos seus filhos, não restringindo seu envolvimento ao sustento financeiro, a passeios e a brincadeiras. Os pais entrevistados participavam dos cuidados básicos dos filhos e dividiam com suas esposas as responsabilidades pelas crianças (SILVA, PICCININI, 2007).

Em consonância com esses resultados, pesquisa realizada com intuito de investigar a figura do pai no mundo contemporâneo revelou que a tarefa de prover foi colocada não como uma exclusividade do pai, e sim como algo a ser compartilhado pelo casal, o que demonstra uma tentativa de superação do papel de pai como provedor, sugerindo maior participação do pai na dinâmica socioafetiva da

família. Assim, segundo autores dessa pesquisa, o pai contemporâneo não se identifica com o homem que definimos ser mero reprodutor, ou provedor econômico, ele se faz presente no contexto familiar estável, sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar, sendo movido pelas transformações socioculturais (GOMES, RESENDE, 2004).

Em uma revisão de literatura acerca da paternidade contemporânea, foram revelados os impactos positivos do envolvimento masculino no desenvolvimento da criança, assim como as transformações que a paternidade traz para o homem, estando atrelada às condições sociais e pessoais do pai (CARVALO, CRUZ, 2009; VIEIRA, BOSSARDI, GOMES et al., 2014). Outro estudo de revisão bibliográfica também trouxe resultados sobre os impactos da paternidade na vida dos filhos. Este estudo apontou diversas repercussões negativas da ausência paterna prolongada/duradoura no desenvolvimento de adolescentes de ambos os sexos, tais como manifestações de comportamentos delinquentes, amadurecimento físico precoce e dificuldades na conquista de autonomia, em decorrência de padrões de interação familiar disfuncionais (SGANZERLA, LEVANDOWSK, 2010).

Estudo realizado com pais que estavam experienciando a paternidade aos três meses do bebê revelou que, para a maioria dos pais, os sentimentos positivos e de satisfação com a paternidade estavam ligados ao envolvimento nos cuidados e no dia a dia com o filho, que lhes permitia acompanhar o seu desenvolvimento. Foi identificado nesse estudo um novo pai, que quer acolher, satisfeito, o discurso de uma participação maior na vida dos filhos e da família. Ele parece mais livre da obrigação de arcar sozinho com o sustento financeiro da família, participa voluntariamente dos cuidados e da divisão de tarefas domésticas, estando longe de forjar-se como simulacro das mães (GONCALVES et al. 2013).

Estudo realizado no sul da França, com casais cujo objetivo era explorar o papel da licença paternidade no aparecimento da depressão pós-parto, mostrou a importância do envolvimento paterno nos cuidados do lactente durante os três primeiros meses, pois, além de influenciar positivamente para a saúde materna, também estava associado com maior vínculo do pai com a criança (SÉJOURNÉ, VASLOT, BEAUMÉ et al., 2012).

Nesse mesmo estudo, foi constatado que pais que foram preparados para o momento do parto criaram envolvimento com a criança antes mesmo do parto e tiveram maior percepção de cuidados de saúde com a mãe e criança. Dados

semelhantes foram encontrados em um estudo desenvolvido na Inglaterra, a fim de compreender como foi a participação do homem na gravidez e no parto, e de que forma e como o envolvimento paterno pode influenciar a captação da mulher nos serviços e suas percepções de cuidado. Os resultados desta pesquisa trazem que a maioria dos homens participou do pré-natal e se sentiram felizes em acompanhar suas esposas, e que o envolvimento paterno foi maior nos pais que tiveram contato com profissionais de saúde antes da 12^a semana de gestação, que a licença de paternidade teve forte ligação com o bem estar materno e no envolvimento dos pais nos cuidados com a criança (REDSHAW, HENDERSON, 2013).

Pesquisa realizada com população portuguesa, cujo objetivo foi verificar se existia relação das variáveis sociodemográficas, do envolvimento na gravidez ou do corte do cordão umbilical com a ligação emocional do pai com o bebê, constatou que há melhor ligação afetiva entre o pai e o bebê se os profissionais de saúde promoverem o envolvimento do pai na gravidez, nomeadamente por meio do acompanhamento da grávida às consultas de vigilância da gravidez, nos preparativos para o nascimento do bebê, na leitura de informação sobre o bebê em desenvolvimento. O envolvimento do pai no parto também trouxe resultados positivos (NOGUEIRA, FERREIRA, 2012).

Trabalho que se propôs analisar como pais separados constroem e mantêm o vínculo afetivo com seus filhos considera que está havendo uma valorização da presença do pai na vida dos filhos, o que sugere o aparecimento de nova concepção de paternidade, que incorpore valores distintos de gerações anteriores. A discussão da identidade masculina impõe-se em uma relação circular com a da paternidade, uma vez que as características do modelo tradicional de masculinidade são questionadas em prol de uma reformulação que a torne mais condizente com as demandas advindas tanto do movimento de emancipação feminina, quanto dos novos papéis na família para os quais o homem é requisitado (DANTAS, JABLONSKI, CARNEIRO, 2004).

A identificação do novo pai também foi resultado do estudo com pais em processo de adoção. Os participantes da pesquisa apontaram para uma transformação do papel tradicional de pai em direção a uma nova paternidade, mas mostraram que essa vem ocorrendo de forma lenta e gradativa, já que a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores (ANDRADE,

COSTA, ROSSETTI-FERREIRA, 2006).

Estudo realizado com mulheres para saber as concepções que tinham da paternidade identificou que a superação do modelo pai/provedor esteve presente no relato de todas as informantes, enquanto que o modelo pai/autoridade foi confirmado. A evidência dessa investigação aponta para a existência de um movimento dialético acerca das concepções de paternidade no universo investigado. Foi constatada não apenas a mudança, mas também a conservação de elementos presentes anteriormente (PERUCCHI, BEIRAO, 2007).

3.4.2 Construção da paternidade

Quatro estudos relataram que a paternidade, para muitos homens, foi construída de acordo com o modelo paterno que tiveram.

Estudo que buscou identificar como os homens se percebiam pais no mundo contemporâneo revelou que os participantes reconheceram que seus pais tiveram dificuldade para deixar fluir e circular o afeto que eles nutriam pelos filhos. Estes percebiam um bloqueio inexplicável e desconheciam as razões que os mantinham distantes. Buscando compensar o afeto que lhes foi negado, construíram a imagem de pai ideal, na qual deveriam se transformar mais tarde: ao ocupar o lugar de pais, tentam assumir paternidade ligada mais ao afeto, à partilha e ao diálogo, seja com os filhos, seja com a esposa. Os autores concluem ainda que o modelo tradicional vai, progressivamente, se desarticulando conforme o homem, ao se tornar pai, se permite reviver neste papel a relação com o pai da infância, ressignifica sua experiência e percebe o encontro de seus sentimentos antigos com os atuais. Assim, se desvela a figura paterna renovada que se construiu e se compôs na trama das relações entre o jovem pai e o pai parental original, inserida na interação com a nova família (GOMES, RESENDE, 2004).

Outros estudos também trazem em seus achados que é possível perceber que o novo pai, o qual participa do cuidado do filho e envolve-se mais afetivamente, está presente e atuante no imaginário dos pais que buscam reavaliar sua experiência com os seus pais para balizar a sua própria paternidade (GONÇALVES, GUIMARÃES, SILVA et al. 2013; PERUCCHI, BEIRAO, 2007).

Pesquisa realizada com estudantes universitários, para identificar suas perspectivas sobre a paternidade, revelou que a criação e a educação oferecidas

pela família aos meninos estão intimamente relacionadas aos seus padrões culturais, valores com que eles foram criados, associando-se à conduta que os jovens terão frente à paternidade, mulher e filhos. Os participantes citaram os seus próprios pais como exemplo, para a construção de suas trajetórias de vida, envolvendo também a mãe, descrita como elo importante na vivência e estruturação na família (PEROSA, PEDRO, 2009).

3.4.3 Gênero e Paternidade

Foi possível identificar em cinco estudos uma relação de gênero que há no exercício da paternidade. No estudo que buscou investigar as concepções que mulheres chefes de família têm sobre a paternidade foi visível o quanto essas estão imbricadas nos conceitos culturais que caracterizam os homens como viris, fortes, invulneráveis e provedores. As informantes desse estudo caracterizaram a figura paterna pela autoridade plena e exclusiva do pai sobre os filhos, cabendo-lhe a função de estabelecer limites, impor regras de conduta, delimitar simbolicamente o que é e o que não é permitido. A relação pai/provedor foi superada de acordo com todos os relatos, sendo que a tarefa de prover apresentou-se como uma possibilidade combinada à educação dos filhos. No entanto, a tarefa de educar sobressai à de prover (PERUCCHI, BEIRAO, 2007).

Ainda nesse mesmo estudo, o espaço doméstico se apresenta como um território predominante feminino em que não foi relatada nenhuma intenção de compartilhar os afazeres domésticos com os homens.

Dados semelhantes também foram possíveis de serem observados em estudo transversal com famílias de 153 crianças em um bairro de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. As expectativas sociais da comunidade foram caracterizadas por relações de gênero tradicionais, com divisão rígida de papéis entre os progenitores; à mulher são destinados os cuidados da casa e dos filhos, enquanto que o homem enfrenta o mundo externo, ocupando-se do sustento da família e dos valores e costumes da família (FALCETO, FERNANDES, BARATOJO et al, 2008).

As relações de gênero não apareceram somente na divisão de tarefas da casa, mas também nos cuidados corporais e formação moral das crianças, em que meninas eram cuidadas diferentemente dos meninos. Estudo de cunho etnográfico com famílias de um bairro de periferia de uma capital nordestina mostrou que a participação dos

homens no cuidado da saúde das crianças era diferente para meninos e meninas. Homens e mulheres consideraram que a menina precisa de mais cuidados corporais que o menino, na higiene e na arrumação. Para os informantes do estudo os cuidados que envolvem manipulação do corpo são considerados “negócio de mulher”, algo que a mulher faz melhor, como parte de seus instintos e porque desde cedo se preparou para isso. Para essas famílias, a presença paterna era importante para que se conseguisse manter padrões rígidos de educação, assim como a pessoa mais adequada para conversar sobre sexualidade como filho homem (BUSTAMANTE, 2005).

Estudo com objetivo de identificar a percepção que as crianças têm quanto ao comportamento paterno de cuidado e às diferenças em relação ao materno apresenta resultados referente à construção social dos papéis dos pais, em que a mulher que sai para trabalhar continua desempenhando com versatilidade os múltiplos papéis que lhe são atribuídos como mãe, esposa, dona de casa e profissional, parecendo suprir as demandas real e ideal de forma predominantemente satisfatória na opinião dos filhos. O homem, por sua vez, começa a desempenhar novos e diferentes papéis junto à família, mas os filhos esperam ainda mais para que o pai se aproxime do ideal deles, no que se refere a cuidado, atenção, diversão, orientação, brincadeira e carinho (ROSANE, LUIZ, 2009).

Apesar de a maioria dos estudos apresentar transformações no modelo patriarcal em que se valorizam a troca de carinho e afeto com o filho, os cuidados físicos, a educação, ainda é forte o significado da paternidade provedora (SILVIA, PICCININI, 2007; PERUCCHI, BEIRAO, 2007; ANDRADE, COSTA, ROSSETTI-FERREIRA, 2006).

3.4.4 Paternidade na adolescência

Foram encontrados três artigos que tinham como foco principal a paternidade na adolescência. Estudo com o objetivo de descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais dos pais adolescentes, e verificar sua associação com a idade paterna, identificou que pais adolescentes, com maior frequência, não possuem trabalho remunerado, têm baixa renda mensal, não exercem a chefia da família, e têm baixa escolaridade, quando comparados a pais adultos (SCHELEMBERG,

PEREIRA, GRISARD et al., 2007). Ainda, neste estudo, não foi constatada associação estatisticamente significativa entre ser pai adolescente e dar pouco ou nenhum apoio à gestação.

Estudo realizado com adolescentes, a fim de investigar a percepção de adolescentes não pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade nesta etapa da vida, mostrou que a situação da paternidade na adolescência tende a ser percebida como negativa, devido às suas implicações neste período e nos projetos de vida. A paternidade para alguns teria maior dimensão, influenciando quase todos os projetos de vida (ter uma família, ter uma casa, ter um carro, ter um emprego, ter uma boa remuneração, ajudar as pessoas, ser um profissional de nível superior) tanto por reduzi-los à metade, pois os esforços seriam destinados a suprir as necessidades do bebê, como por alterar suas atividades da juventude, diminuindo as possibilidades de concretizar os anseios individuais (VENTURA, PICCININI, 2014).

Pesquisa que buscou abordar sentimentos da família do pai adolescente na vivência da paternidade encontrou que o pai adolescente procurou exercer e construir a paternidade da melhor forma possível, e os informantes demonstraram sentimentos positivos quanto à paternidade, apesar das alterações que ocorreram em suas vidas. A família foi identificada como elo importante da rede social de apoio para vivenciar a paternidade. Observou-se também que a concepção da paternidade na adolescência, muitas vezes vista como inconsequente, descomprometida, foi refutada no estudo, uma vez que demonstrou que os pais adolescentes assumiram o papel de pai conforme suas características e singularidades, sendo apoiados por suas famílias (MEINCKE, CARRARO, 2009).

Ao realizar uma revisão integrativa sobre a paternidade, se observa os múltiplos estudos e olhares que se direcionaram para esta temática. Os achados desta revisão nos permitem refletir o quanto a paternidade vem se modificando nos últimos anos devido às influências culturais, econômicas, sociais e familiares. Essas transformações são identificadas principalmente no envolvimento paterno no exercício da paternidade.

As modificações que vêm ocorrendo em torno do papel paterno são apontadas na maioria dos estudos como consequências da emancipação feminina no mercado de trabalho. No entanto, identifica-se, na categoria paternidade e gênero, a forte construção social do papel de pai viril, forte, provedor, sendo o responsável pela educação e impor limites ao filho. Foi possível observar nos

estudos o quanto as mulheres ainda são inteiramente responsáveis pelo espaço doméstico e pelos cuidados com os filhos, no que se refere à higiene e alimentação.

4 Referencial Teórico

Para o entendimento das múltiplas interações que acompanham e envolvem o processo de construção da paternidade, este estudo foi subsidiado no Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner (2005). O uso do Modelo encontra sustentação junto à temática, porque o pai/pessoa passa por mudanças durante o tempo em busca de uma identidade para expressar seu novo processo, ocorrendo nesse momento uma transição ecológica, mudanças de papel, e do contexto, com a chegada do filho.

Esse referencial segue as proposições teóricas desenvolvidas por Urie Bronfenbrenner, que ganharam destaque pela ampliação da concepção de ecologia do desenvolvimento humano, possibilitando o planejamento de investigações com o intuito de conhecer melhor a pessoa e sua evolução (POLONIA, DESSEN, SILVA, 2005). A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano surgiu de uma séria crítica de Bronfenbrenner ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano fora do contexto; de focalizar somente o indivíduo em desenvolvimento dentro do ambiente restrito e estático do laboratório, sem valorizar as múltiplas influências dos contextos em que vive (BRONFENBRENNER, 1996).

Desde a primeira formulação da teoria, em meados dos anos de 1950, ocorreram uma série de modificações em alguns conceitos e a ampliação da concepção ecológica do desenvolvimento humano. Inicialmente, o Modelo Teórico delineado por Bronfenbrenner tinha o ambiente como foco principal, atentando para os diversos contextos em que o indivíduo estava inserido e a forma como ele os percebia, mais do que como eles se configuravam objetivamente. Posteriormente, contemplou de modo mais detalhado os aspectos do desenvolvimento vinculados à pessoa e suas características biopsicológicas (PRATI, COUTO, MOURA et al., 2008; BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

Dentre as reformulações ocorridas, destaca-se a consideração da bidirecionalidade em relação à pessoa e ao ambiente em que atua (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998). De acordo com o Teórico, as pesquisas, até então, consideravam somente a noção unidirecional, em que apenas uma pessoa exercia influência sobre a outra. Rompendo com essa noção, Bronfenbrenner expôs ao campo científico importantes premissas para o

planejamento e desenvolvimento de pesquisas em ambientes naturais, caracterizando um novo paradigma de pesquisa capaz de abarcar os processos e os fenômenos do desenvolvimento por meio do intercâmbio entre indivíduo e ambiente (POLONIA, DESSEN, SILVA, 2005).

A importância das transições ecológicas deriva-se do fato de elas constantemente envolverem uma mudança de papel, a capacidade de alterar a maneira pela qual a pessoa é tratada, como ela age, o que ela faz, sente e pensa. Entretanto, essas modificações não ocorrem somente com a pessoa que está no processo de desenvolvimento; ocorrem, também, com as outras pessoas que estão em seu contexto (BRONFENBRENNER, 1996).

Correlacionando as transições ecológicas com os novos papéis que surgirão na vida do homem que se torna pai, ressalta-se a importância de o mesmo possuir uma rede de apoio para que possa atuar e desempenhar seu papel de pai frente à sociedade (BUENO et al., 2012). Destacam-se a importância e a influência dos contextos e suas relações para o desenvolvimento humano, procurando compreender e explicar o comportamento a partir das relações e interações que os seres humanos estabelecem com os seus contextos de vida (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

O Modelo Bioecológico tem como eixo central a possibilidade de estudar o desenvolvimento da pessoa no seu contexto ecológico, por meio de suas interações nos ambientes em que vive/convive. De acordo com Bronfenbrenner (2005), interações significam as relações estabelecidas entre a pessoa em desenvolvimento e outras pessoas, objetos e símbolos, dentro dos processos proximais, e deve ocorrer de forma contínua, corroborando para que elas se tornem progressivamente mais complexas.

Para que as interações sejam efetivas, é necessário que ocorram em longos períodos de tempo. Tais formas de interação duradoura entre o organismo e o ambiente são denominadas de processos proximais. Exemplos de padrões duradouros de processos proximais são encontrados em atividades conjuntas pai-criança, mãe-criança, ou criança-criança, brincadeira solitária ou em grupo, leitura, aprendizagem de novas habilidades, estudo, atividades esportivas, entre outras (BRONFENBRENNER, CECI, 1994).

O desenvolvimento humano dos pais, geralmente, influenciará nas características dos filhos e vice-versa, tendo em vista as interações que ocorrem durante os processos proximais e no desempenho dos papéis. Os pais, na maioria das vezes, são vistos como modelo pelos filhos, conseqüentemente, esse fato também poderá influenciar no exercício da paternidade (MEINCKE, 2007).

Estudar a construção da paternidade suscita identificar as modificações sociais e culturais que surgem ao longo do tempo e como estas influenciam neste processo. Para tanto, o presente estudo adotará em seu delineamento e análise os quatro elementos-chave da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: Processo, Pessoa, Tempo e o Contexto (PPTC) (BRONFENBRENNER, 2002).

O Processo se constitui pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Ele ocorre desde o início da vida, por meio de interações recíprocas entre as díades mãe-filho e pai-filho, em que pais e filhos influenciam-se mutuamente, ao partilharem uma atividade. Para que o ser humano se desenvolva intelectualmente, emocionalmente, socialmente e moralmente, é necessária a participação ativa em inter-relações progressivamente mais complexas com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato (BRONFENBRENNER, CECI, 1994; POLONIA, DESSEN, SILVA, 2005).

Tais formas de interações são denominadas de processos proximais, que são entendidos como propriedades de sistemas, nas quais a pessoa é apenas um dos elementos, sendo o foco principal as interações (NARVAZ, KOLLER, 2004). Para que se estabeleça um processo proximal, é fundamental a presença de cinco aspectos: 1) a pessoa precisa engajar-se em uma atividade; 2) esta atividade deve ocorrer regularmente por longo período de tempo; 3) as atividades devem tornar-se gradativamente mais complexas; 4) a reciprocidade deve estar presente nas interações; 5) os objetos e símbolos presentes no contexto imediato devem provocar a atenção, imaginação, exploração e manipulação da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

Nesse contexto, é indispensável que os objetos, símbolos e pessoas presentes no ambiente despertem, estimulem a atenção, a participação e o interesse da pessoa em desenvolvimento, baseado na reciprocidade (BRONFENBRENNER, 2005).

No entanto, a força, a forma, o conteúdo e a direção dos processos proximais variam em seu efeito sobre o desenvolvimento das características biopsicológicas da pessoa, do ambiente, da natureza dos resultados, das mudanças e continuidades sociais ao longo do tempo e do período histórico em que a pessoa vive (BRONFENBRENNER, CECI, 1994).

Nessa conjuntura, observa-se que o pai contemporâneo, na busca de seu novo papel, passa por uma vivência embasada em uma cultura que, geralmente, está apoiada em valores e sentimentos das famílias, os quais foram construídos por gerações. Esse processo de construção da identidade, da subjetividade e da representação de paternidade ocorre em contextos históricos, culturais e afetivos, com significados próprios de cada geração (MEINCKE, CARRARO, 2009).

A pessoa refere-se às características biopsicologicamente determinadas construídas nas interações com o ambiente. Envolvendo, assim, constâncias e mudanças na vida do ser humano em desenvolvimento, no decorrer de sua existência (BRONFENBRENNER, 1996). Devido a essas características, a pessoa não é tábula rasa, mas produtora e produto das interações, e a forma como as experiências pode variar de acordo com as disposições, os recursos e as demandas que possui (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

As disposições referem-se à capacidade da pessoa de estabelecer os processos proximais e mantê-los em operação ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998). Sendo assim, percebe-se que, na paternidade, essa capacidade é observada quando o pai participa das consultas pré-natais, dos exames, envolvendo-se na escolha do nome do filho, na educação, no cuidado diário, na compra de objetos, brinquedos, roupas e móveis, entre outros.

Os recursos constituem as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para que ocorra o estabelecimento dos processos proximais específicos de determinada fase do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

Existem três grupos de características da pessoa que atuam no desenvolvimento e que influenciam os processos proximais: a força, que se refere a características ou disposições comportamentais ativas que colocam os processos proximais em movimento e os sustentam, sendo algumas delas a iniciativa, curiosidade, desatenção, insegurança, entre outras; os recursos biopsicológicos, que envolvem experiências, habilidades e conhecimentos necessários ao efetivo funcionamento dos processos proximais ao longo dos diferentes estágios de

desenvolvimento, em deficiências e competências psicológicas que influenciam a capacidade de a pessoa engajar-se efetivamente nos processos proximais; as demandas, que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, podendo favorecer ou não o estabelecimento dos processos proximais (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998; NARVAZ, KOLLER, 2004).

O contexto compreende o meio ambiente global em que a pessoa está inserida e onde se desenrolam os processos desenvolvimentais, não se limitando a um ambiente único e, sim, relacionando-se a vários ambientes. Compreende tanto os ambientes mais imediatos nos quais vive a pessoa em desenvolvimento, quanto os mais distantes, onde a pessoa nunca esteve, mas que se relacionam e têm o poder de influenciar o curso de desenvolvimento humano. Esses ambientes são designados em quatro propriedades, sendo o mais próximo (microsistema), o que inclui a inter-relações entre duas pessoas/ambientes (mesossistema), até o ambiente do qual ela talvez nunca participe (exossistema) e o macrosistema (padrões do micro, meso e exo, sendo o sistema mais amplo que envolve todos os outros ambientes), os quais são descritos a seguir (BRONFENBRENNER, 2002).

Tais níveis estão ligados à forma de estruturas concêntricas; possuem o mesmo centro, inseridos um no outro, formando o meio ambiente ecológico. O microsistema é um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados face a face pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicos. Exemplos desse ambiente onde as pessoas facilmente interagem são a casa, o local de trabalho, os serviços de saúde, a creche, a igreja, a escola, entre outros (BRONFENBRENNER, 1996).

No entanto, enfatiza-se que o termo “experienciado” indica a maneira como a pessoa percebe e dá significado ao que vivencia no ambiente, não incluindo apenas as características objetivas desse meio. Nesse sentido, as interações dentro do microsistema ocorrem com aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente e são permeadas pelas características de força, de recurso e de demandas das pessoas envolvidas (BRONFENBRENNER, 1996; NARVAZ, KOLLER, 2004).

O mesossistema consiste em um conjunto de microsistemas que uma pessoa frequenta e nas inter-relações estabelecidas por eles. Os processos que operam nos diferentes ambientes frequentados pela pessoa são interdependentes, influenciando-se mutuamente.

Assim sendo, a interação de uma pessoa em determinado lugar, como exemplo, o trabalho, é influenciada e influencia outros ambientes dos quais participa, como a família (BRONFENBRENNER, 2002).

O exossistema refere-se ao ambiente que a pessoa não frequenta ativamente, mas que desempenha uma participação indireta sobre o seu desenvolvimento. O exemplo descrito por Bronfenbrenner (1996, p.21) é o caso de uma criança, no qual podem ser considerados: “o local de trabalho dos pais, uma sala de aula de um irmão mais velho, a rede de amigos dos pais, as atividades da diretoria da escola local”.

Esse sistema evidencia que as inter-relações não se restringem às interações face a face, mas envolvem também outros sistemas e contatos indiretos entre as pessoas (POLONIA, DESSEN, SILVA, 2005). Citam-se os serviços de saúde, cujas decisões administrativas ou políticas podem ter impacto sobre a paternidade.

Já o macrosistema é composto pelo conjunto de ideologias, valores e crenças, religiões, formas de governo, culturas e subculturas que estão presentes no dia a dia e que influenciam seu desenvolvimento. Assim, o macrosistema consiste no conjunto de padrões do micro, meso e exo, sendo o sistema mais amplo que envolve todos os outros ambientes, formando “uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra” (BRONFENBRENNER, 2002; NARVAZ; KOLLER, 2004, p.59).

O tempo é outro componente que permite examinar a influência sobre o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que ocorrem. Esse elemento é subdividido em três componentes. O microtempo, que envolve a continuidade e a descontinuidade, observadas dentro de pequenos episódios contínuos de processo proximal. O mesotempo é a periodicidade dos episódios do processo proximal por meio de longo intervalo de tempo, como dias e semanas, e os efeitos acumulativos desses processos podem produzir resultados significativos. O macrotempo refere-se às expectativas e aos eventos em mudanças dentro da sociedade por meio de gerações, e esses eventos influenciam e são influenciados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano, no ciclo da vida (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

Um exemplo é a diferença na maneira de os homens se envolverem com os filhos e a família no século XX, distantes afetivamente e centrados na manutenção financeira, e, na atualidade, mais afetivos e participantes das atividades cotidianas

da família (de ALMEIDA CARDOSO, GUEDES, LUCENA et al., 2009).

Dessa forma, ressalta-se, neste estudo, o tempo como um elemento importante para aprofundar conhecimentos sobre a construção da paternidade na família contemporânea, uma vez que se evidencia uma transformação no modelo paterno e das famílias desde os primórdios até os dias de hoje, assim como o contexto no qual a pessoa vive/convive durante o desenvolvimento.

5 Método

5.1 Caracterização do estudo

Estudo de natureza qualitativa e descritiva, uma vez que se alicerça no entendimento de que essa abordagem buscou descrever momentos e significados rotineiros e problemáticos da vida, tentando conhecer ou interpretar os significados que as pessoas a eles conferem.

A pesquisa qualitativa possui uma abordagem naturalista e interpretativa que implica na qualidade das entidades e sobre os processos e os significados socialmente construídos da realidade, em que não se preocupa em quantificar o que emerge da realidade (DENZIN, LINCOLN, 2006).

5.2 Local do estudo

O ponto de partida para a realização do estudo foi uma escola no Município de Rio Grande – RS. A coleta de dados ocorreu tanto nas dependências da escola como na residência, local de trabalho dos participantes e no espaço de convivência da Universidade Federal de Rio Grande.

5.3 Participantes da pesquisa

A escolha dos participantes foi intencional, aquela cuja seleção é baseada no conhecimento sobre a população e no propósito do estudo (PATTON, 1991). Os participantes da pesquisa foram 11 homens que estavam vivenciando a coparentalidade.

5.4 Critérios de inclusão

Homens com idade superior a 24 anos de idade, pois, conforme Ministério da Saúde (BRASIL, 2010), já vivenciaram a adolescência e a juventude;

a) Ter vivenciado a paternidade no mínimo há 12 meses, e tal escolha alicerçou-se na justificativa de que o tempo era um elemento essencial na vivência da paternidade;

b) Residir no perímetro urbano do Município de Rio Grande/RS;

c) Aceitar o uso de gravador durante a entrevista narrativa.

5.5 Critério de Exclusão

a) Participante com deficiência auditiva

5.6 Procedimentos para coleta dos dados

A amostra intencional utilizada foi a amostragem com critérios, isto é, foram selecionados indivíduos que estivessem dentro dos critérios previamente definidos. (PATTON,1991). A seleção dos participantes ocorreu por meio de meus colegas de trabalho (médico, técnicos de enfermagem), pela escola onde se tinha como proposta inicial realizar o estudo e participantes da pesquisa.

Dois participantes foram selecionados por intermédio da coordenadora de estágios e projetos de uma escola no Município de Rio Grande/RS, dois pais foram indicados pelos próprios participantes da pesquisa e os outros sete pais foram indicados pelos colegas de trabalho da pesquisadora.

A coleta de dados ocorreu do mês de março a maio de 2017 e foi concluída quando se alcançou a saturação dos dados, ou seja, quando as informações dos participantes se tornaram repetitivas (FONTONELA, et al.,2011).

Para viabilização da coleta dos dados, foram utilizados a entrevista narrativa, genograma e o Mapa Mínimo das Relações (MMR), que serão descritos a seguir.

5.7 Trabalho de campo

Conforme apresentado no projeto de pesquisa deste estudo, a seleção dos participantes seria realizada em uma escola no Município de Rio Grande - RS, na qual seria solicitado à responsável pelo Círculo de Pais e Mestres indicar pais que participassem ativamente nas reuniões e/ou levassem frequentemente seus filhos à escola e preenchessem os critérios de seleção do estudo. Em uma primeira abordagem com a diretora da escola selecionada, tive a oportunidade de conversar com a mesma, a qual me encaminhou para a coordenadora de estágios e projetos, que me recebeu de forma cordial e prestativa.

Devido à mudança do Secretário da Educação no período em que havia encaminhado meu projeto para apreciação, tive que aguardar meses para que a

atual Secretária da Educação autorizasse o estudo. Em determinado momento, durante o período de espera da autorização, fui chamada pelo Superintendente da Educação, que conversou comigo acerca do meu trabalho, a realidade das escolas e o envolvimento de alguns pais dentro da comunidade escolar. Este encontro considerei positivo e animador com relação às expectativas com a realização do estudo e a busca dos participantes na escola escolhida como ponto de partida para início da coleta dos dados.

Após a aprovação da pesquisa pelo CEP, retornei à escola e procurei a coordenadora dos estágios e projetos a fim de iniciar a coleta dos dados. Nesse momento me foi sugerido que reduzisse os participantes, pois seria difícil conseguir um mínimo de pais que acreditava-se ser necessário para a obtenção dos dados. A coordenadora ressaltou ter um pai em especial que era participativo nas reuniões da escola e um outro que era bolsista na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A coordenadora sugeriu encontrar outros participantes por meio da indicação dos pais entrevistados. Após, a coordenadora ligou para um dos participantes marcando um encontro na escola para que eu pudesse apresentar meu trabalho e convidá-lo a participar da pesquisa.

Na realização do encontro com o participante, expliquei o estudo, seus objetivos e os princípios éticos, o participante aceitou o convite, assinou o TCLE e, após, realizou-se a entrevista narrativa. Posteriormente solicitei à coordenadora o contato do segundo pai que ela havia referido, que me indicaria o melhor horário para encontrar com este segundo participante. Assim sendo, estabeleceria o contato, o convite, bem como a melhor forma para ser realizado o encontro.

Este pai, além de ter sua filha estudando nesta escola, também estava realizando estágio com as séries iniciais na mesma escola da sua filha e após a entrevista conversei com o mesmo sobre a possibilidade de me indicar pais que ele soubesse que se encaixassem nos critérios do estudo. A partir da indicação deste participante consegui mais um pai para o estudo, no entanto, apesar da ajuda do mesmo, encontrei muitas dificuldades em conseguir outros pais para a pesquisa. Durante duas semanas estive na escola no horário de entrada das crianças para abordar pais que estivessem levando seus filhos a fim de convidá-los para participar da pesquisa. Por meio desta abordagem consegui mais dois pais, porém ambos foram excluídos do estudo por não se adequarem aos critérios de seleção da pesquisa.

Devido à demora para a obtenção dos demais participantes e vendo a dificuldade em prosseguir na busca de novos pais dentro do âmbito escolar, decidiu-se, junto com a orientadora, realizar a coleta de dados a partir da indicação de pessoas que conhecessem pais que se enquadrassem nos critérios de inclusão do estudo. Essa decisão contribuiu para o andamento do estudo, pois apesar de ser explicado diversas vezes o objetivo da pesquisa, os pais provenientes da escola e até mesmo a coordenadora de estágios e projetos vinculavam a entrevista à escola e/ou à educação.

5.7.1 Entrevista narrativa

A entrevista narrativa (EN) é uma técnica diferenciada de coleta de dados que se caracteriza como entrevista aberta profunda. A EN é uma narração sobre a vida pessoal do entrevistado sem prévia preparação. O entrevistador começa a entrevista apenas com uma pergunta inicial que motiva o participante a narrar as experiências e acontecimentos de sua vida pessoal. O entrevistador não intervém nesta narração, somente quando termina a narração que poderá fazer mais perguntas. A metodologia da EN parte da hipótese de que a narração das experiências de vida como história de vida sem uma prévia preparação supõe uma aproximação máxima com os trechos realmente apresentados (APPEL, 2005).

Segundo Schütze (1977), a técnica de entrevista narrativa tem a intenção de reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, sendo uma proposta sistemática de criar narrativas com fins de pesquisa social. A entrevista narrativa busca romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas e gerar textos narrativos sobre as experiências vividas, que, por sua vez, nos permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências.

As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Por meio da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social

(MUYLAERT et al., 2014; JOVCHELOVITCHE, BAUER, 2013).

Schütze (1977) parte do princípio de que a narração está mais propensa a reproduzir em detalhes as estruturas que orientam as ações dos indivíduos. A entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia. O sentido da narrativa está em tudo o que permeia toda a história.

O interesse com as narrativas tem sua origem na Poética de Aristóteles e com a consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação dos fenômenos sociais. A entrevista narrativa recebeu seu nome da palavra latina *narrare*, narrar, contar uma história (JOVCHELOVITCHE, BAUER, 2002).

Segundo Jovchelovitche e Bauer (2013), contar histórias implica em duas dimensões: a cronológica em que a narrativa é uma sequência de episódios, e a não cronológica, em que se constrói um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou da configuração de um enredo. O enredo é essencial na construção de uma estrutura narrativa, é o que dá sentido e coerência à narrativa, fornece o contexto para que se entenda os acontecimentos, atores, descrições, objetos, moralidade, relações que constituem a história, o que define o espaço de tempo que marca o começo e o fim.

Assim, o importante é o que está acontecendo no momento da narração, sendo que o tempo presente, passado e futuro são articulados, pois a pessoa pode projetar experiências e ações para o futuro e o passado pode ser resignificado ao se recordar e se narrar experiências. Nesta perspectiva, o sentido não está no fim da narrativa, ele permeia toda a história. Compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias, é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos do enredo (MUYLAERT et al., 2014; JOVCHELOVITCHE, BAUER, 2013).

Um acontecimento pode ser traduzido tanto em termos gerais como em termos indexados. Indexados significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo, assim as narrações são ricas de colocações indexadas, pois elas se referem à experiência pessoal e também porque tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações (JOVCHELOVITCHE,

BAUER, 2013).

A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje e estimule um informante a contar histórias sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Para se conseguir uma versão menos imposta e por isso mais “válida” da perspectiva do informante, a influência do entrevistador deve ser mínima. Assim, as regras da execução da EN restringem o entrevistador (JOVCHELOVITCHE, BAUER, 2013).

Nesse processo, são envolvidas as características paralinguísticas (tom da voz, pausas, mudanças na entonação, silêncio que pode ser transformado em narrativas não ouvidas, expressões, entre outras), fundamentais para se entender o não dito, pois no processo de análise de narrativas explora-se não apenas o que é dito, mas também como é dito (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2002).

As narrativas podem ser divididas em três tipos: narrativas breves, narrativas de vivência e narrativas populares (SILVA, TRENTINI, 2002). O presente estudo utilizou a narrativa de vivência, uma vez que buscou compreender a construção da paternidade por meio das vivências dos participantes.

As narrativas de vivência são mais amplas, incluindo vários episódios que, geralmente, são colocados em uma sequência de acontecimentos, onde nem sempre há uma interpretação temporal, construindo-se a experiência como um processo. A pessoa, geralmente, está contando um acontecimento longo e vai trazendo outros fatos, episódios, comentários relacionados, o que enriquece a história (SILVA, TRENTINI, 2002). Nesta conjuntura, observa-se que a narrativa de vivência possui coerência com o referencial teórico utilizado no estudo, pois traz elementos que se inter-relacionam com os quatro núcleos do Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner, que são o Processo (vivência, enredo), Pessoa (personagem), Contexto (episódios, ambiente/espço) e o Tempo.

A seguir apresento a Tabela 1 para sintetizar o conceito básico de EN e suas regras de procedimento. A entrevista narrativa se processa por meio de quatro fases: começa com a iniciação, move-se por intermédio da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva. As regras que se seguem são um compilado da proposta de Schutze, Jovchelovitch e Bauer (2012).

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões <i>exmanentes</i> .
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralingüístico para continuar a Narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas <i>exmanentes</i> para Imanentes.
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê”? Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Figura 1 - Fases principais da entrevista narrativa

Fonte: JOVCHELOVICH, BAUER (2002).

Com base nestes inquéritos iniciais, e em seus próprios interesses, o pesquisador monta uma lista de perguntas *exmanentes*. As questões *exmanentes* refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem, já as questões *imanentes* são os tópicos, temas e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante. O ponto crucial é traduzir questões *exmanentes* em questões *imanentes*, ancorando questões *exmanentes* na narração, e fazendo uso exclusivamente da própria linguagem do entrevistado. No decorrer da entrevista, o entrevistador deve estar focado em questões *imanentes*, em tomar anotações de linguagem empregada, e em preparar perguntas para serem feitas posteriormente, em tempo adequado (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2013).

Assim, neste estudo obtiveram-se 11 participantes que narraram suas experiências com a paternidade permeando os diversos contextos em que transitaram para a construção da mesma. Grande parte das entrevistas narrativas foram ricas em detalhes em que os participantes narraram momentos de suas experiências de vida desde a infância até a vida adulta, as histórias das gerações

familiares, as trajetórias até a paternidade, compartilhando suas histórias de vida. De tal modo, que cada participante narrou sua história da paternidade de acordo com sua singularidade, em que alguns foram mais sucintos enquanto que outros trouxeram sua história mais detalhada.

A maioria dos pais, quando narravam suas histórias, se emocionaram ao lembrarem das interações que tiveram com seus pais. As emoções eram resquício de saudades de entes queridos que apareceram nas suas histórias de vidas e que já não se encontravam mais em vida, assim como mágoas que vieram à tona, sendo esses sentimentos provenientes de familiares próximos e que tiveram papel importante da construção de vida desses participantes.

As entrevistas narrativas oscilaram entre 30 minutos e 100 minutos de duração, totalizando aproximadamente 10 horas de gravação e 34 horas de transcrição no Microsoft Office Word, totalizando 54 páginas de transcrição com espaçamento simples e fonte Arial tamanho 12.

5.7.2 Genograma e Mapa Mínimo das Relações

O genograma é um instrumento particularmente útil a ser empregado para delinear as estruturas internas e externas da família (WRIGTH, LEAHEY, 2002). O genograma é um diagrama do grupo familiar, ou seja, é uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família (WENDT, CREPALDI, 2007). É uma prática antiga que vem, recentemente, sendo usada como uma técnica de avaliação clínica das famílias. O desenvolvimento do genograma envolve um processo complexo, no qual a entrevista é uma parte significativa e a comunicação que ocorre entre o profissional e a família pode ser entendida como um processo envolvendo interação social, recuperação de memórias e desenvolvimento próprio. Analisando o genograma, pode-se ter uma visão histórica de como a família enfrenta os acontecimentos críticos e, particularmente, as mudanças no ciclo de vida (MELLO et al., 2005).

É considerado como um instrumento que auxilia a família a expressar-se, e que vem somar-se à gama de instrumentos de coleta de dados, como os relatos orais para estudos de caso, histórias de vida e entrevistas reflexivas que permitem a ampla expressão dos participantes. É utilizado para engajar a família, destravar o sistema, rever dificuldades familiares, verificar a composição familiar, clarificar os

padrões relacionais familiares, explicita a estrutura familiar ao longo de várias gerações e das etapas do ciclo de vida familiar, além dos movimentos emocionais a ele associados (WENDT, CREPALDI, 2008).

O Mapa Mínimo de Relações (MMR) consiste em um registro da rede social pessoal por meio da representação gráfica, na qual estão inclusos todos os indivíduos que interagem com a mesma. A rede social é dinâmica e constitui sua identidade, sua história, além de ser um dos ingredientes responsáveis pela satisfação e realização da vida pessoal (SLUZKI, 2010).

Optou-se pela utilização do MMR, em virtude de sua aplicabilidade ser acessível às diferentes culturas, situações econômicas, níveis de instrução, e por considerar o significado individual atribuído aos componentes da rede social de apoio. O mapa é composto por quatro quadrantes, que representam as diferentes relações sociais: família, amizades, trabalho/escolas e relações comunitárias, subdivididas em sistemas de saúde e agências sociais. Os quadrantes são subdivididos em três círculos concêntricos que indicam a proximidade das relações. O interno representa as relações íntimas (familiares com contato cotidiano e amigos próximos); o intermediário, as relações sociais ou profissionais e familiares intermediários; e o externo, os conhecidos e as relações ocasionais (SLUZKI, 2010).

De acordo com a Teoria Geral dos Sistemas, o contexto do evento é fundamental para entender os processos que se desenvolvem, ao invés da análise do evento isolado de seu ambiente. Observam-se padrões de funcionamento dos organismos biológico de interdependência por meio de seus sistemas internos. O conjunto de sistemas integrados funciona como um organismo, ou seja, uma unidade funcional e numa relação de interdependência com o meio ambiente em que está contido (MUNIZI, EISENSTEIN, 2009).

Dessa forma, acredita-se que a paternidade é um fenômeno construído conforme o contexto social e familiar, bem como a visão de mundo dos homens que a vivenciam (CORRÊA, et al., 2016). Salienta-se que o desenvolvimento humano ocorre nas interações entre a pessoa e seu contexto de vida (BRONFENBRENNER, 2002).

Assim, neste estudo utilizaram-se no genograma as três gerações da família, pois acredita-se que ela se constitui como um elemento importante para a construção da paternidade.

O genograma e o MMR foram utilizados devido às influências que as interações, as pessoas, as culturas, os contextos possuem na vivência e na construção da paternidade na família contemporânea.

O genograma tende a seguir formas de apresentação padronizadas. Os símbolos são representados por Wrigth e Leahey (2002).

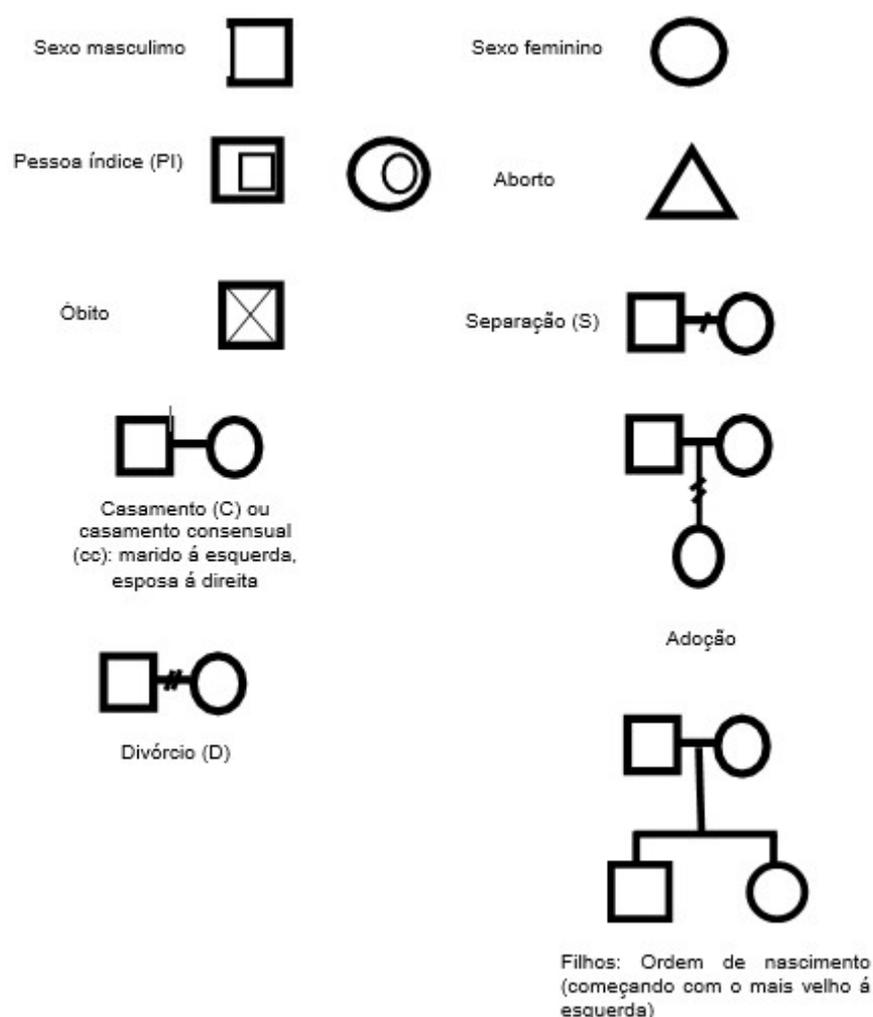


Figura 2 - Símbolos Genograma

Fonte: Wrigth e Leahey (2002).

O genograma da família é inserido no círculo central, os círculos externos representam pessoas, órgãos ou instituições no contexto familiar. São desenhadas linhas entre a família e os círculos externos para identificar a natureza dos vínculos efetivos existentes. As linhas retas indicam fortes vínculos, linhas pontilhadas indicam vínculos tênues e linhas cortadas indicam relações estressantes. As setas

podem ser desenhadas ao longo das linhas para o fluxo de energia e os recursos.

A seguir apresenta-se um exemplo do MMR com símbolos representados a partir de Sluzki (2010) em um artigo construído com dados da Pesquisa Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência (RAPAD).



Figura 3 - Símbolos MMR

Fonte: CORRÊA, et al. Mapa Mínimo das relações sociais no exercício da paternidade na adolescência. Revista de Enfermagem da UFSM 2013, 3(3):480-489.

5.8 Princípios éticos

O presente estudo respeitou a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos, e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem¹, no seu Capítulo III, no que diz respeito a deveres, nos artigos 89, 90 e 91, e às Proibições, nos artigos 94 e 98 (COFEN, 2007; BRASIL, 2012).

Foram encaminhadas carta e cópia do projeto à Secretária Municipal de Educação da Cidade de Rio Grande, para solicitar apreciação e autorização para realizar o estudo (Apêndice B).

¹ Capítulo III (dos Deveres): Art. 89 - Atender as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a especificidade da investigação; Art. 90 - Interromper a pesquisa na presença de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa; Art. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados. Capítulo III (das Proibições): Art. 94 - Realizar ou participar de atividade de ensino e pesquisa, em que o direito inalienável da pessoa, família ou coletividade seja desrespeitado ou ofereça qualquer tipo de risco ou dano aos envolvidos; Art. 98- Publicar trabalho com elementos que identifiquem o sujeito participante do estudo sem sua autorização

O projeto de pesquisa foi encaminhado à Plataforma Brasil, que direcionou a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), recebendo Parecer de aprovação número de CAAE 65726117.0.0000.5316 (Anexo A).

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, fez-se o convite aos pais para participarem do estudo, os quais foram esclarecidos quanto ao objetivo do estudo, que é: Compreender as experiências de homens/pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. Posteriormente ao aceite, foram realizado a leitura e esclarecimentos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e solicitada a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma com o participante e a outra com a pesquisadora (Apêndice C). Após assinatura do TCLE deu-se início à entrevista narrativa (Apêndice D).

A todos os participantes foram garantidos o anonimato, o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento e o livre acesso aos dados quando fosse de seu interesse. O anonimato foi garantido pela identificação com a palavra Pai seguida de um número de 1 a 11, a fim de preservar suas identidades. Os nomes identificados nos genograma são fictícios.

Quanto aos riscos, o estudo envolveu, exclusivamente, a realização de entrevistas. Não foi incluído nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos. No entanto, a entrevista poderia acarretar desconfortos ao participante, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente.

Os benefícios aos participantes do estudo foram as reflexões acerca da construção e vivência da paternidade e sobre como ocorreu a construção paterna e a sua importância na família.

As entrevistas narrativas (Apêndice D) foram transcritas, relatando fielmente os dados coletados, bem como os genograma e os Mapas Mínimos das Relações.

Toda a documentação permanecerá sobre a guarda da pesquisadora arquivada no computador do Núcleo de Pesquisa e Estudos com Crianças, Adolescentes, Mulheres e Famílias (NUPECAMF) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, por um período de cinco anos, e posteriormente será excluída.

5.9 Análise dos dados

A análise dos dados neste estudo foi ancorada em Fritz Schütze (1977, 1983) que, além de apresentar a proposta da entrevista narrativa, aponta possibilidades para a sistematização de análise das mesmas. A opção por utilizar o referencial metodológico de Schütze foi em razão da sua congruência com o referencial teórico deste estudo, uma vez que mostra uma coerência com os núcleos básicos da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner: pessoa, processo, contexto e tempo.

De acordo com Schütze (1983), somente dados textuais que apresentam o processo social de forma contínua permitem uma análise sistemática dos dados, que inicia com uma apresentação textual dos dados e uma descrição completa da sequência dos mesmos. Mas justamente essa dimensão de uma análise completa dos dados só pode ser realizada tomando-se como referência os indicadores formais da estrutura textual. Os principais indicadores formais no texto narrativo são os elementos marcadores que indicam a finalização de uma unidade de apresentação e que daí em diante começa a seguinte.

Jovchelovitch e Bauer (2002) apontam a análise de entrevistas narrativas de Schütze (1977, 1983), em seis fases: 1) transcrição detalhada do material verbal; 2) divisão do texto em material indexado e não indexado; 3) uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos; 4) as dimensões não indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento”; 5) o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais; e 6) uma comparação de casos dentro do contexto.

Com intuito de melhor compreensão do processo de análise, apresenta-se a Figura 4, diagrama criado por Meincke (2007) baseado em Schütze (1977, 1983) e Jovchelovitch e Bauer (2002).

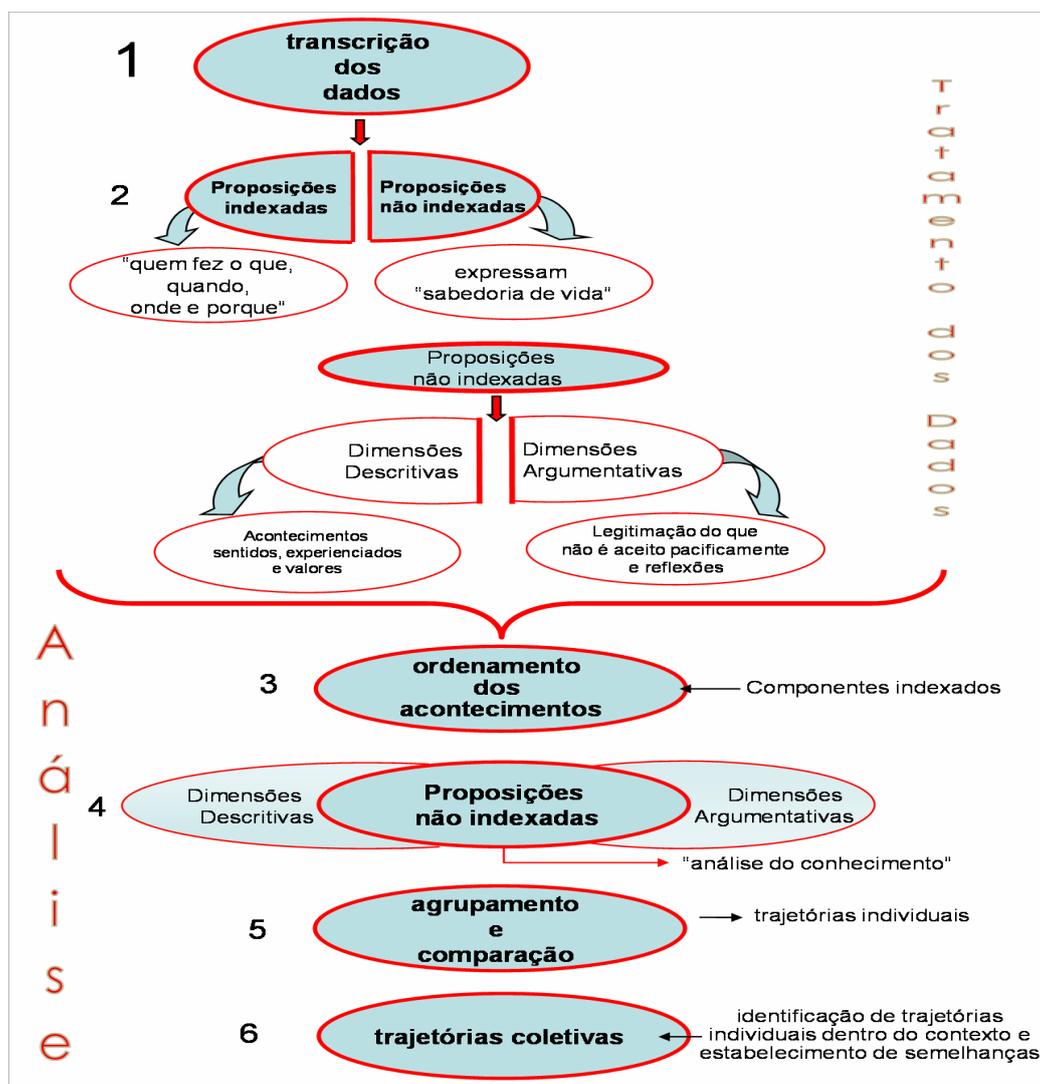


Figura 4 - Diagrama criado por Meincke baseado em Schütze

Fonte: MEINCKE, 2007.

Ao olhar a sistematização da proposta de Schütze (1977, 1983), apresentada por Jovchelovitch e Bauer (2002), percebem-se duas fases: a primeira fase de preparação dos dados (primeiro e segundo passos), e a segunda fase, da análise propriamente dita (demais passos). A seguir apresenta-se cada passo individualmente.

O primeiro é uma transcrição detalhada de alta qualidade do material verbal. Ocorrerá a análise formal do texto, durante o qual o intérprete identifica os diferentes tipos de texto e os principais elementos marcadores de finalização e iniciação de um novo tópico ao longo da entrevista.

Segundo Schütze (1977), nesta etapa é preciso ter clareza sobre em qual ordenação aparecem e se desenrolam as descrições abstratas na parte de detalhamento do segmento narrativo, e de como são complexas sua estrutura e realização. Elas surgem, em regra, de uma sequência de proposições narrativas pormenorizadoras, e de descrições concretas abstraem suas características e as empregam em afirmações argumentativas universais. Por outro lado, dão o fundamento para juízos valorativos e formulações teóricas da perspectiva dos acontecimentos sociais vivenciados e de seu espaço social, bem como para a atitude sistemática do narrador, ou seja, do informante da história.

O segundo passo implica uma divisão do texto em material indexado e não indexado. As proposições indexadas têm uma referência concreta a “quem fez o quê, quando, onde e por quê”, enquanto que proposições não indexadas vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos, e de uma forma generalizada, “sabedoria de vida”. Esta etapa da análise tem como objetivo principal a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, tais como: “Etapas da vida arraigadas institucionalmente; Situações culminantes; Entrelaçamento de eventos sofridos; Pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; bem como Desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 1983, p.286).

As proposições não indexadas podem ser de dois tipos: descritivas e argumentativas. As descritivas se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligadas a eles, e às coisas usuais e corriqueiras. As argumentativas se referem à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e a reflexões em termos de teoria e conceitos gerais sobre os acontecimentos (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2002).

O terceiro passo faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, cujo produto chama-se “trajetórias”. Nesse passo, formulam-se os indícios essenciais dos espaços de vivências e de acontecimentos com os quais, respectivamente, o

narrador/informante da história, está se confrontando no curso narrativo da história. Eles surgem sempre a partir de apresentações narrativas da construção, do surgimento de situações que estão localizadas nas cenas e incluídas nos ambientes sociais, mundos sociais e condições socioculturais (SCHÜTZE, 1977).

No quarto passo, as dimensões não indexadas do texto são investigadas como “análise do conhecimento” de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2013), ou seja, as teorias desenvolvidas pelo entrevistado sobre sua história de vida e sua identidade. As teorias explicativas sobre determinados acontecimentos ou escolhas realizadas pelo entrevistado, assim como as avaliações sobre a biografia e sobre o seu próprio “eu” podem surgir tanto nas passagens narrativas nas fases iniciais da entrevista, como na seção final ou parte conclusiva da entrevista narrativa.

O quinto passo compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais, levando ao último passo, no qual muitas vezes, por meio de diversas comparações de casos, trajetórias individuais são colocadas dentro do contexto e semelhanças são estabelecidas.

Para o início dessa etapa, Schütze sugere uma estratégia de comparação mínima entre entrevistas, buscando analisar situações paralelas àquelas encontradas na análise da primeira entrevista. A comparação mínima permite um grau maior de abstração com relação às análises realizadas sobre a primeira entrevista, na medida em que o intérprete deixa de tratar o caso como individual e passa a analisar as condições estruturais que estão por detrás da particularidade do caso (SCHÜTZE, 1983).

Em seguida, em uma estratégia de comparação máxima, confronta as categorias teóricas empregadas no discurso com categorias opostas, e assim se destacam estruturas alternativas dos processos biográficos sociais em sua eficácia biográfica diferenciada e se desenvolvem possíveis categorias elementares que, mesmo nos processos alternativos confrontados uns com os outros, ainda são comuns entre si (SCHÜTZE, 1983).

A análise de narrativas, segundo a proposta de Fritz Schütze (1981), tem como um de seus principais objetivos a reconstrução de modelos processuais dos cursos de vida. Em outras palavras, conforme Weller (2009), por meio da análise detalhada de entrevistas narrativas, busca-se elaborar modelos teóricos sobre a trajetória biográfica de indivíduos pertencentes a grupos e condições sociais específicas. Percebe-se então que este referencial metodológico sustenta o

presente estudo, que aborda a experiência da paternidade na família contemporânea.

5.10 Organização e gerenciamento dos dados

Após a transcrição dos dados, foram organizados e armazenados no *software Ethnograph v6*. Este *software* é um programa para análise descritiva interpretativa de textos que pode ser utilizado em qualquer metodologia qualitativa. A escolha pela utilização do Ethnograph v6 deu-se devido a ser uma ferramenta que permite a organização e o gerenciamento dos dados, mantendo-se a qualidade dos mesmos durante todo o processo.

O *software* tem por finalidade facilitar as tarefas do pesquisador, pois, entre suas funções, permite a adição de textos, criação de códigos, definição destes códigos, criação e agrupamento das categorias.

Logo após a identificação dos códigos em cada entrevista, ou seja, trechos da entrevista narrativa que formaram uma unidade de sentido, essa unidade contendo a descrição da situação ou experiência, o julgamento que fez incluindo aspectos emotivos, que ajudaram a delimitar a gravidade ou importância que a pessoa deu à situação ou experiência.

Foram identificados 11 códigos no conjunto das entrevistas narrativas, sendo eles: pai de menina x pai de menino, características de pai, reflexões de ser pai, valores familiares, rede social, direitos paternos, papel paterno, papéis de homens x papéis de mulheres, valores de pai, valores intergeracionais e práticas de ser pai. Após, foi realizado um processo de reorganização desses códigos por se tratar de unidades de temas semelhantes, e então se formaram três categorias de análise: entrevistas narrativas sobre o processo da construção paterna na contemporaneidade; Papel de pai ou papel de mãe *versus* cooperação parental; Reflexões e sentimentos paternos na contemporaneidade.

5.11 Divulgação dos resultados

Os resultados serão divulgados por meio da elaboração de artigos científicos, assim como um panfleto informativo sobre a importância da figura paterna no contexto da família contemporânea para entregar na escola em que ocorreu o ponto de partida da pesquisa, a fim de que seja divulgado aos pais dos

alunos e funcionários. Pretende-se também apresentar à Secretaria Municipal de saúde do Município de Rio Grande para que possam ser utilizados instrumentos de educação em saúde durante a assistência no cuidado à saúde do homem, da mulher (consultas de pré-natal com o parceiro) e da família.

6.0 Apresentação e divulgação dos resultados

A apresentação dos dados é composta pelos passos da Análise de Schütze (1977). De acordo com a sistematização realizada por Jovchelovitch e Bauer (2002) a respeito da teoria de Schütze, a análise é compreendida em seis passos que serão organizados e sintetizados em forma de diagrama, para melhor entendimento, na figura 5.

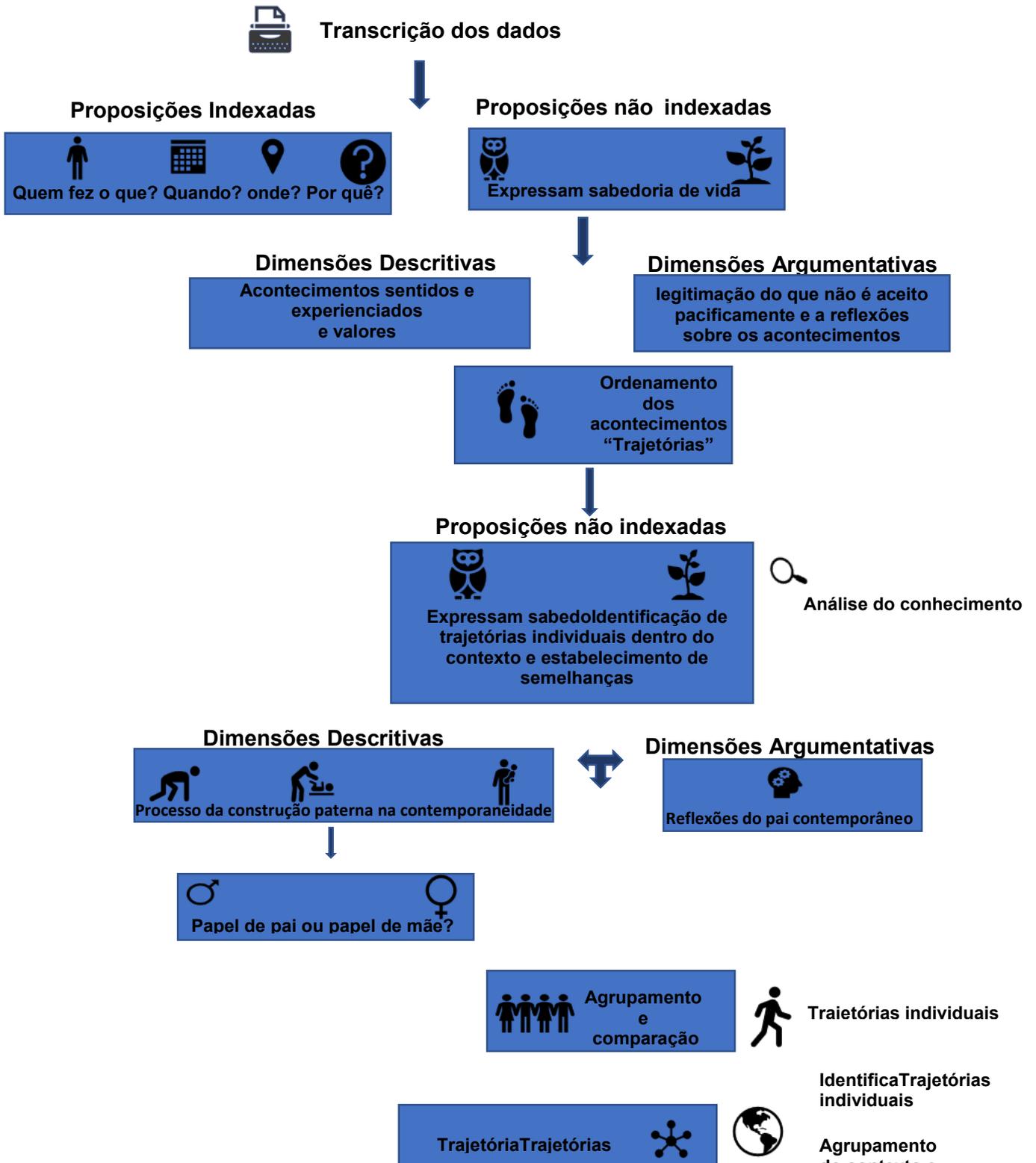


Figura 5 - Diagrama de tratamento e análise dos dados baseado em Corrêa (2017)

Ao olhar para o diagrama na Figura 5, observam-se duas fases: a primeira fase de preparação dos dados (o primeiro passo consiste na transcrição do material verbal e o segundo passo implica na divisão do texto em material indexado e não indexado), e a segunda fase, a de análise propriamente dita, ou seja, os demais passos.

6.1 Proposições indexadas: conhecendo o pai contemporâneo

Apresenta-se o segundo passo da análise de Schütze, as proposições indexadas que têm uma referência concreta a “quem fez o quê, quando, onde e por quê”. Com a finalidade de aprofundamentos nesta etapa da análise dos dados, utilizou-se o genograma que, segundo Wendt e Crepaldi (2007), consiste em um instrumento que explicita a estrutura familiar ao longo das gerações e das etapas do ciclo de vida familiar.

Dessa forma, apresentam-se a seguir os participantes deste estudo.

Pai 1

Pai 1 foi o primeiro pai indicado pela escola em que se iniciou o estudo, e a entrevista ocorreu nas dependências da escola. Sua idade era 58 anos, de cor branca, evangélico, trabalhava na área da construção civil como autônomo, tinha formação em Teologia básica e foi pastor durante anos. Na época da entrevista relatou que, quando era convidado, ministrava palestras para usuários de drogas e suas famílias, como também em grupos da pastoral. Era membro do conselho de saúde e representante dos pais de alunos em uma instituição de Educação Básica. O genograma de sua família pode ser visualizado na Figura 6.

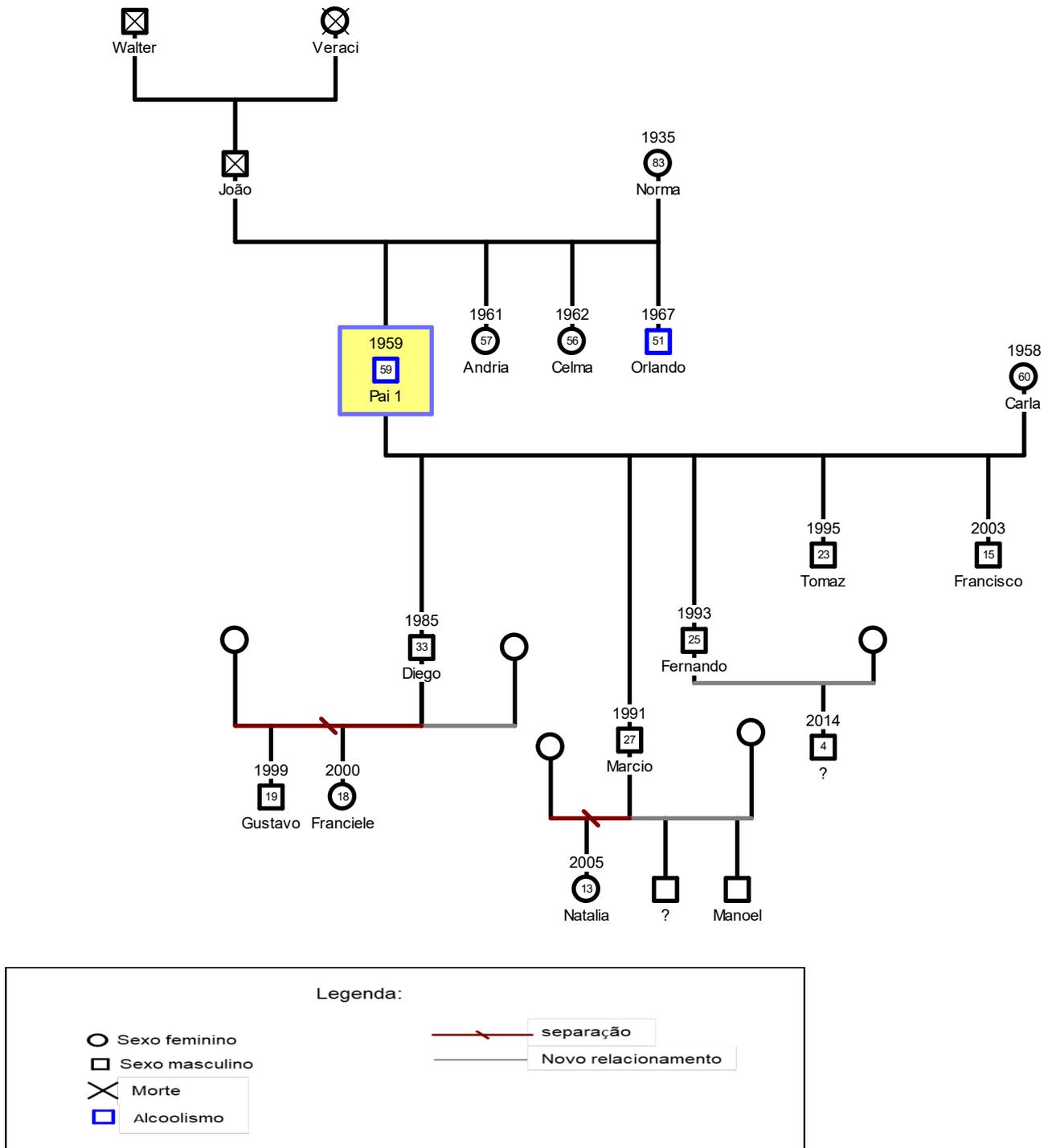


Figura 6 - Genograma familiar de Pai 1. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 1 era casado com Carla, 60 anos, e juntos tiveram cinco filhos: Diego de 33 anos, Márcio de 27 anos, Fernando de 25 anos, Tomaz de 23 anos, e Francisco de 14 anos. Seu contato com a escola era considerado por ele como próximo devido

às dificuldades que seu filho mais novo teve com a alfabetização e aprendizagem, o que fez dele um pai participativo na educação escolar do filho. Conforme a Figura 6 no genograma, é possível identificar que a maioria dos seus filhos já havia construído novas famílias e já tinha filhos. Pai 1 possuía seis netos de quem no momento da entrevista, não conseguiu lembrar os nomes. Seus filhos Diego e Márcio estavam no segundo casamento e, por isso, para ele, estava havendo uma desestruturação familiar.

Pai 1 apresentou-se uma pessoa falante. No momento da construção do genograma, lembrou e narrou muitos momentos da sua infância com seus pais, João e Norma, e por diversos momentos se emocionou, por vezes de saudade e outras por mágoas. Ao narrar sobre suas palestras aos usuários de drogas e suas famílias, lembrou da perda de seu irmão Orlando, que era alcoólatra, e, apesar de ter ajudado muitas pessoas a abandonarem o álcool, não conseguiu o mesmo feito com seu irmão.

Durante a entrevista narrativa, Pai 1 remeteu sua história de vida ao seu pai, e começou narrando quando e onde sua infância ocorreu. Seu avô paterno Walter era mestre ferroviário na cidade de Rio Grande-RS, assim como seu pai. João teve sua trajetória marcada pelo período do regime militar. Segundo Pai 1, seu pai foi grevista dos ferroviários por conta da falta de pagamentos e, por esse aspecto, era considerado coligado do partido comunista. Diante de tal contexto político que se instalou na época, seu pai, João, foi deslocado junto de sua família (Norma, Pai 1 e Andria) para a cidade de Passo Fundo.

Então ele foi mandado daqui para Passo Fundo em 1º de maio de 1966. As nossas coisas e objetos de mudanças foram colocadas dentro de um vagão e a partir dali nós abandonamos Rio Grande, obrigados! Viajamos por umas duas semanas, fomos engatando de um trem e soltando de outro numa estação e outra, até chegar em Passo Fundo. E em Passo Fundo a gente morou acho que aproximadamente 6 meses dentro de um vagão ferroviário em um desvio de linha de trem, até que meu pai conseguisse uma casa. Lá nós passamos algumas dificuldades. Por morar longe, eu estava estudando aqui recém no primeiro ano primário, e lá fiquei por mais dois anos sem escola na época, até que meu pai conseguiu uma casa próxima a uma escola (participante se emociona), isso pesa bastante quando eu olho o que foi hoje minha formação. E o pai fazendo isso tudo num período em que tudo era difícil. As compras eram feitas nas cooperativas da rede ferroviária, porque o salário atrasava e depois descontava do salário, mas nunca nos faltou alimento nem uma condição honesta de se viver, e isso também não fez meu pai ser subversivo ou ter que apelar para outra forma desonesta ou qualquer coisa parecida. (Pai 1)

A construção da paternidade de P1 esteve embasada em influências das interações vivenciadas com seu pai, Sr. João, e do ambiente onde cresceu. Assim

como seu pai, Pai 1 frequentemente inseria-se em movimentos políticos e carregava valores e crenças, os quais foram transmitidos por intermédio de seu meio familiar. Diante do contexto político e histórico vivenciado na sua infância, foi possível perceber as influências causadoras do seu desenvolvimento de crenças e ideologias.

Pai 2

Pai 2 tinha 39 anos, de cor branca, e cabelos grisalhos. Sua religião era a Umbanda e estava cursando Curso de Graduação de Direito a distância. A entrevista foi realizada no domicílio do participante, no qual estavam presentes sua mãe, Valentina, 82 anos, que residia com o casal, a filha Milena e a empregada doméstica.

O participante sabia informar dados completos a respeito de seus familiares, pois já havia construído em outro momento um genograma familiar. A seguir, encontra-se, na Figura 7, o genograma da família do Pai 2, no qual identificam-se a estrutura e vínculos familiares.

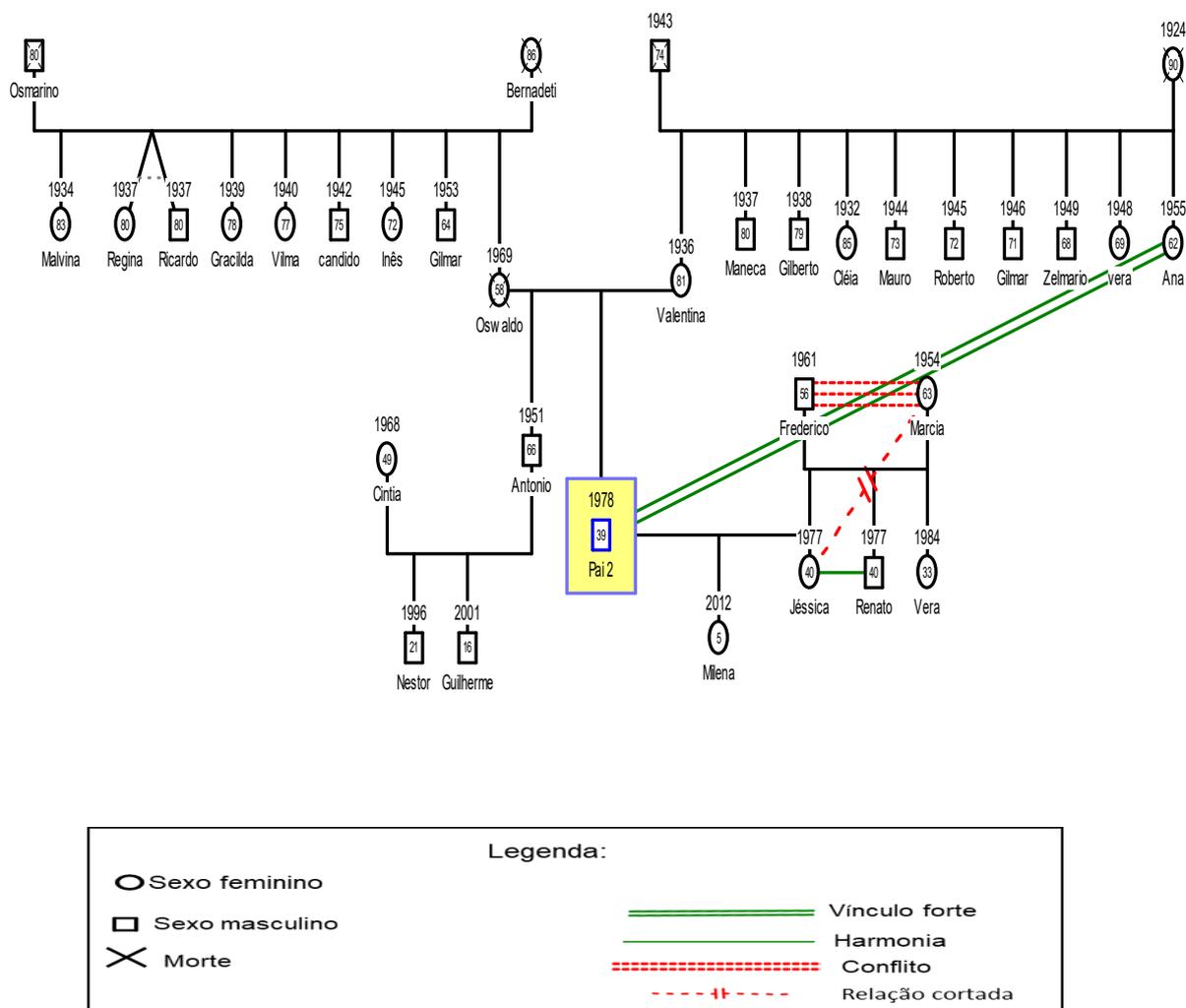


Figura 7 - Genograma familiar de Pai 2. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 2 era casado com Jéssica, 40 anos, e tiveram uma filha, Milena, de 5 anos. Desde o nascimento da filha, ele trabalhava no lar. Antes de a sua filha nascer, o participante trabalhava em uma empresa no terminal naval na cidade de Rio Grande, nos turnos da manhã, tarde e, por vezes, à noite. Nessa época, sua esposa cursava Medicina na cidade de Pelotas.

Pai 2 possuía um irmão, Antônio, de 66 anos, que morava em outro estado e por este motivo suas interações eram via telefone. Seu pai, Osvaldo, faleceu quando era adolescente, mas possuía muitas lembranças boas da sua relação com seu pai. tinha vínculo forte com sua tia Ana, de 62 anos, pois ela morava com sua família quando ele ainda era criança, e desde então a considerava uma irmã.

Na família de sua esposa existiam conflitos e poucos vínculos afetivos. Houve um rompimento na relação entre a mãe de Jéssica, Márcia, e ela. Pai 2 referia que, a partir das observações das relações familiares da esposa e da sua família, ambos refletiram sobre como deveriam conduzir suas relações, bem como seria a criação da sua filha.

Jéssica tem um propósito de quebrar um ciclo. A mãe dela botou a própria mãe pra fora de casa e também cortou relação com a Jéssica, e então a Jéssica vem com propósito que isso não vai ocorrer. Dessa vez, esse ciclo não vai se repetir [...] a criação de quando criança tu vê o modo como criar, a família muito grande te ajuda muito porque tu vê várias vezes o que deu certo e o que não deu certo [...] (Pai 2)

Pai 2 era carismático, apresentou-se sensível e emotivo e, por diversas vezes, se emocionou narrando sua história de construção paterna.

Pai 3

Pai 3 tinha 49 anos, tinha cabelos grisalhos e era calvo. Se considerava espírita kardecista e possuía graduação em Administração. Recentemente, tinha sido nomeado em um concurso público no Município de Rio Grande/RS. Pai 3 era um homem reservado, mas compartilhou muitas informações sobre sua infância e sua construção de paternidade. A entrevista aconteceu em sua residência enquanto cuidava de sua filha de 1 ano de idade, Lili. Atencioso e educado, me esperou com um chimarrão, o que acredito que contribuiu para que se sentisse mais à vontade durante a entrevista. Enquanto narrava sua história, Pai 3 prestava cuidados diretos à filha, como troca de fraldas, preparo de papinhas e brincadeiras. O seu genograma familiar pode ser visualizado na Figura 8.

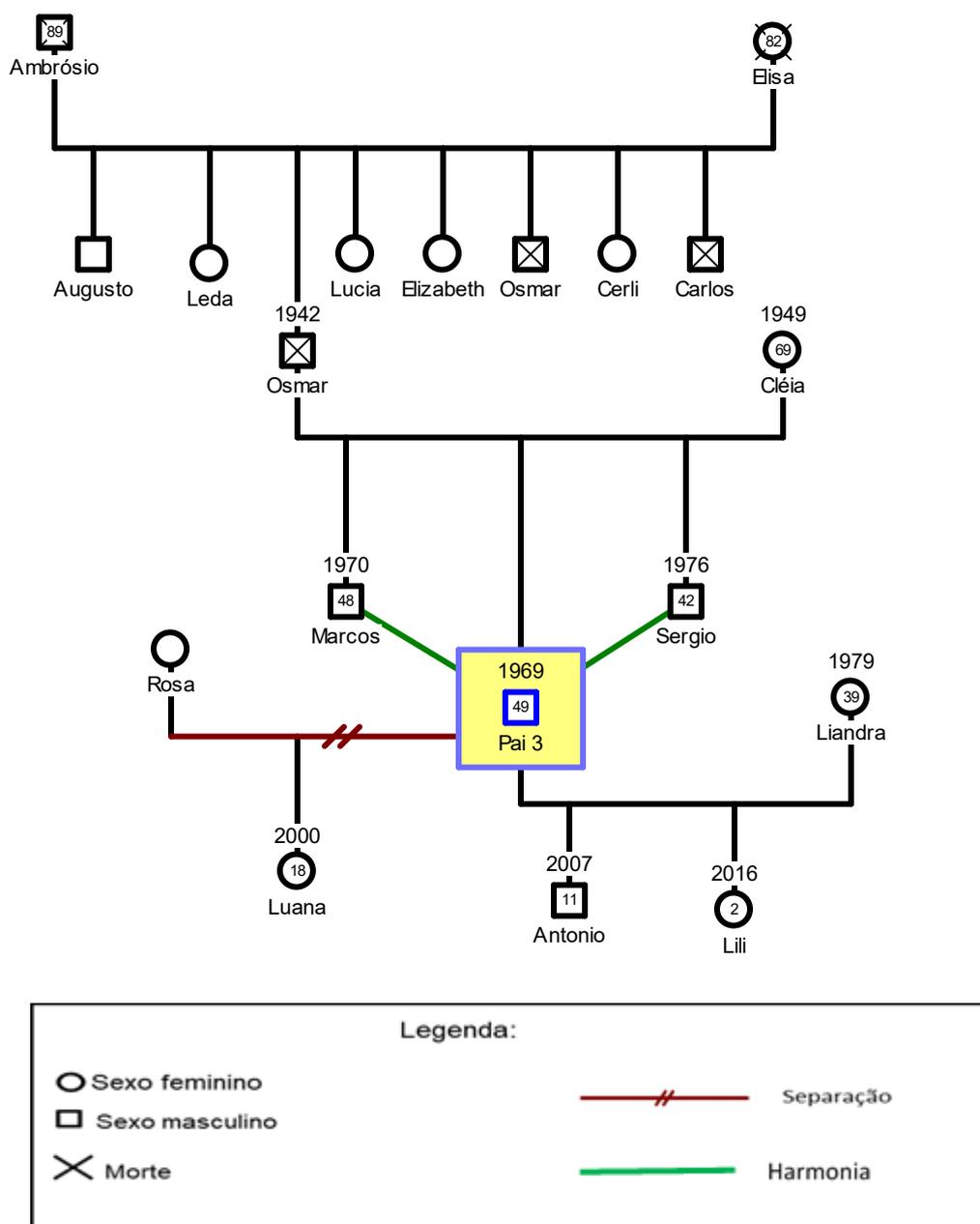


Figura 8 - Genograma familiar de Pai 3. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 3 era casado com Liandra, tinha 3 filhos, Luana de 18 anos, Antônio de 11 anos, e Lili de 2 anos. Sua filha mais velha era do primeiro casamento. Pai 3 tinha dois irmãos, Marcos de 48 anos, e Sérgio de 42 anos. Relatou ter uma boa relação com eles, além de sentir obrigação de cuidar de seu irmão mais novo. Seu pai, Osmar, havia falecido há anos e, devido a isso, sua mãe, Cleia de 69 anos, morou com ele até o seu segundo casamento. Pai 3 se criou no interior. Seu pai se mudou para o interior para que os filhos não crescessem com as más influências de

os cuidados da avó materna no período da tarde.

Ao construir seu genograma a partir das gerações paternas, P4 teve dificuldades, pois não sabia muitas informações a respeito de sua árvore genealógica. Referiu que não conheceu seu avô, e que seu próprio pai, José, 70 anos, conheceu a figura paterna apenas na fase adulta.

Meu pai foi conhecer o pai dele depois de moço, depois de homem, e viraram amigos, mas não tinha vínculo paterno. A vó teve vários filhos de vários pais, tem três que são de um, dois de outro. A tia Helena eu só fui conhecer depois de velha; eu tenho os primos que eu fui conhecer com 20 e poucos anos, porque a mulher que cuidou dela como mãe, quando tava pra morrer, disse pra ela quem era a mãe dela, e aí ela veio nos procurar. Os de Pelotas são a mesma coisa, os que ficaram juntos são os que eu tenho mais vínculo porque são os o que estavam mais perto, vinham em casa e tudo mais. Meu pai não foi criado somente pela mãe dele, Celma. Ele foi criado pela Celma e Margarita, que era irmã dela, que era minha outra vó, eu tinha duas avós que eram irmãs. Como a Celma estava sempre trabalhando longe de casa, quem me criou foi a Margarita [...] (Pai 4)

Pai 4 tinha vínculos fortes com sua Irmã Rosana, 43 anos, e seu sobrinho Vinícius, 23 anos. Este fato pode estar relacionado com sua trajetória de construção da paternidade, pois Rosana se separou quando Vinícius ainda era pequeno, e P4 assumiu o papel de pai.

[...] meu sobrinho por parte da minha irmã, o mais velho, pra mim, é como filho, porque minha irmã se casou e se separou e ficou aquele guri ali, e tava todo mundo: "Ah, coitadinho dele, não pode falar alto, não pode fazer isso, aquilo, porque ele pode ficar traumatizado", e então eu comecei a ver isso e pensei: Não! vou puxar pra mim. Quando ele queria alguma coisa e minha irmã tava com medo, eu dizia pra mandar pra mim, que eu vou dizer sim ou não, se pode ou não pode [...] (Pai 4)

Pai 4 referiu que sua família frequentemente fazia encontros entre primos e tios, que eram realizados por sua tia Saionara, desde que sua mãe Tânia faleceu, com intuito de agregar a família.

[...] minha tia, a Saionara, é aquela que tenta agregar todo mundo depois que minha mãe morreu, e todo mundo ia pra lá, todos os domingos iam pra lá, e desde que a mãe morreu ela faz alguma coisa pros primos e tios estarem todos juntos, e às vezes estou lá. Eu estava sempre, hoje em dia já não tenho mais tanto contato. (Pai 4)

Pai 5

Pai 5 tinha 30 anos, simpático e espontâneo. Em nosso primeiro encontro sentiu-se à vontade para conversar. A entrevista foi realizada na Universidade Federal de Rio Grande, onde o participante estudava. O genograma de sua família pode ser visualizado na Figura 10.

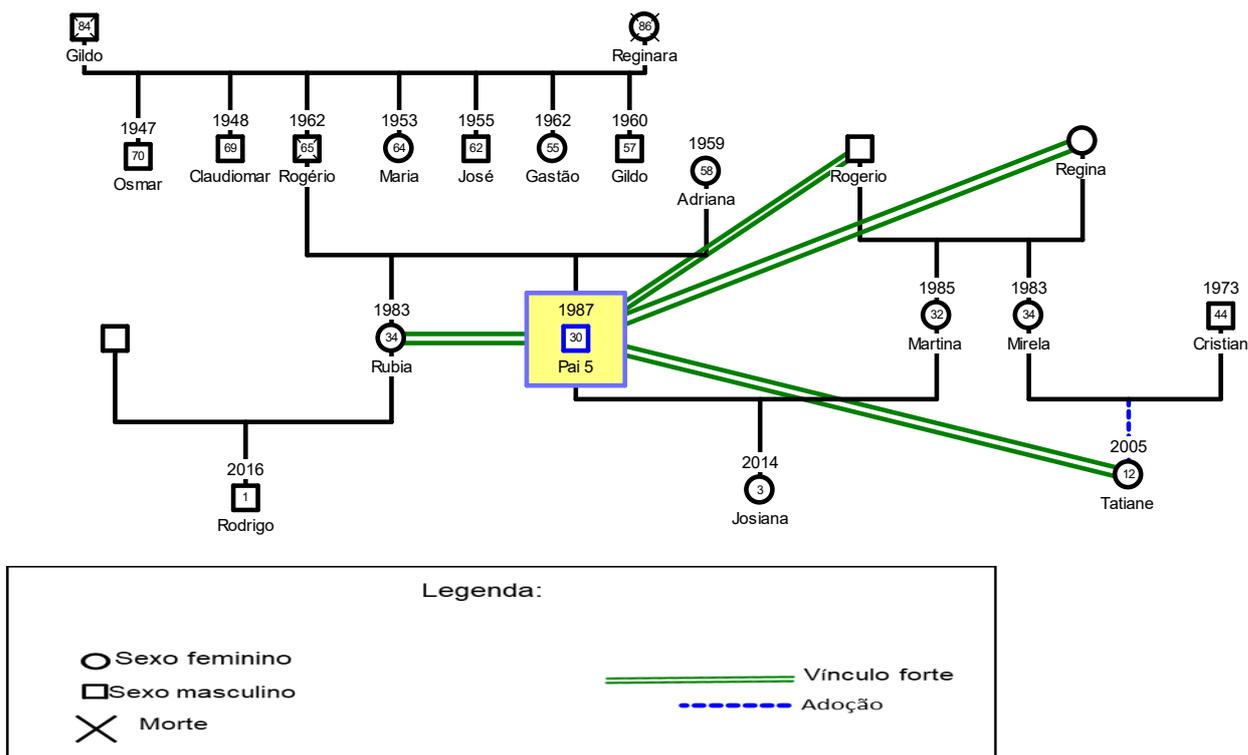


Figura 10 - Genograma familiar do Pai 5. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 5 era casado com Martina, 32 anos, e tinha uma filha chamada Josiana, de 3 anos. A entrevista ocorreu no espaço de convivência da FURG. Pai 5 era consultor de vendas de cosméticos, onde se destacou e descobriu-se um ótimo vendedor. Para ele, este trabalho foi uma oportunidade de ficar mais tempo com sua filha, e assim participar do seu desenvolvimento.

Pai 5 tinha uma relação forte com sua família, especialmente sua irmã Rúbia, 34 anos. Este vínculo foi fortalecido durante a doença de seu pai, que veio a falecer em 2012.

[...] eu e minha irmã somos praticamente um só, somos muito ligados um com o outro, e ela... a gente se ajuda bastante [...] meu pai teve uma doença bem grave, né, foi praticamente eu e ela e a minha mãe que cuidamos dele, e foi bem difícil, e a gente teve que se unir mesmo, e foi só nós três, e a gente foi criado em ambiente familiar saudável. (Pai 5)

No genograma de Pai 5, podem-se perceber os fortes vínculos que ele tinha com sua afilhada Tatiane, 12 anos, que era filha adotiva da irmã de sua esposa.

Pai 6

Pai 6 tinha 58 anos, era negro, falante e prestativo, a entrevista ocorreu nas dependências da escola onde se iniciou o estudo. Apresentou-se carismático e falante, era participativo nas atividades escolares dos filhos, segundo ele. Possuía ensino fundamental incompleto e referiu não ter religião. O genograma de sua família pode ser visualizado na Figura 11.

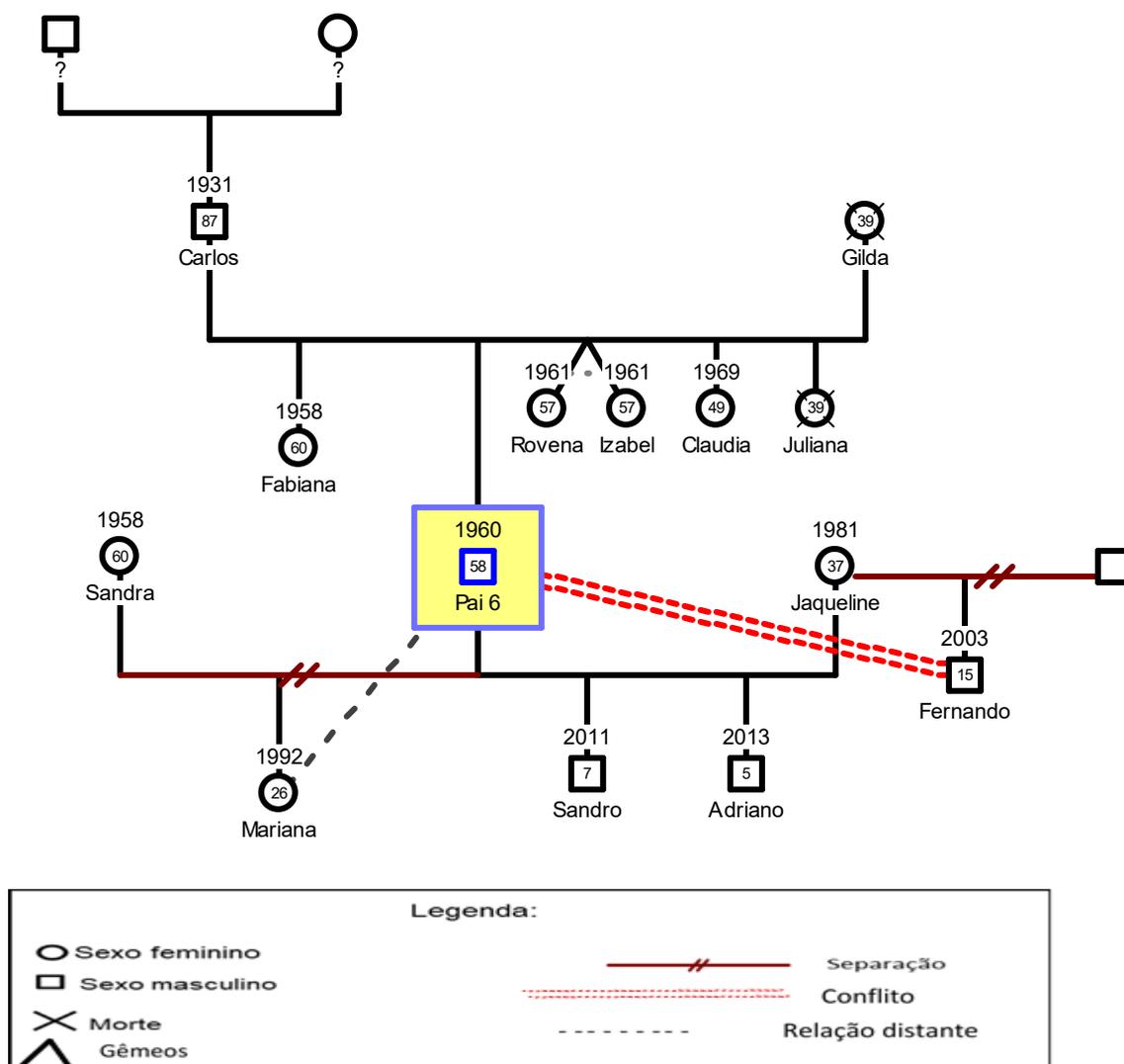


Figura 11 - Genograma familiar do Pai 6. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 6 tinha uma relação estável de 7 anos com Jaqueline, de 37 anos. Desta relação tiveram dois filhos: Sandro de 7 anos, e Adriano de 5. Viviam também com o casal o filho do primeiro relacionamento de Jaqueline, seu enteado, Fernando, de 15 anos. Pai 6 tinha uma filha, Mariana, de 26 anos, que era fruto do seu primeiro casamento que durou 22 anos. No entanto, desde sua separação, não manteve mais contato com sua filha, fato que o deixava triste. Era aposentado como ferroviário, e no momento da entrevista realizava pequenos trabalhos informais. Durante algum tempo dedicou-se a confeccionar roupas de motoqueiros para vender, pois relatou que a costura sempre foi algo que lhe causava prazer em realizar.

Para Pai 6, as demandas de uma vida adulta começaram cedo, e esta realidade refletiu e refletia no seu exercício paterno. Por meio do genograma é possível observar uma família reconstituída, ou seja, a convivência da nova família com os filhos do primeiro relacionamento e com os filhos do cônjuge do segundo casamento.

Essa configuração familiar apresentava alguns problemas devido aos vínculos formados nas relações anteriores. Isto é possível observar na relação do Pai 6 com seu enteado Fernando.

[...] eu tentei com o meu enteado (ensinar matemática), mas ele nunca foi interessado, eu digo pra ele que eu cobro ele, mas ele não quer, queria que ele fosse meu amigo mas ele não quer, minha mulher é uma boa mãe, mas tem diferença dos meu filhos pro dela, não sei o que é, mas é diferente, ela nunca conseguiu dar uma dura nele, só nos nossos [...] (Pai 6)

Pai 7

Pai 7 tinha 47 anos, era branco, possuía o rosto marcado por olheiras que eram fruto de muitas noites de trabalho. A entrevista ocorreu no seu local de trabalho. Possuía 2º grau completo, e não tinha religião. O seu diagrama familiar pode ser visualizado na Figura 12.

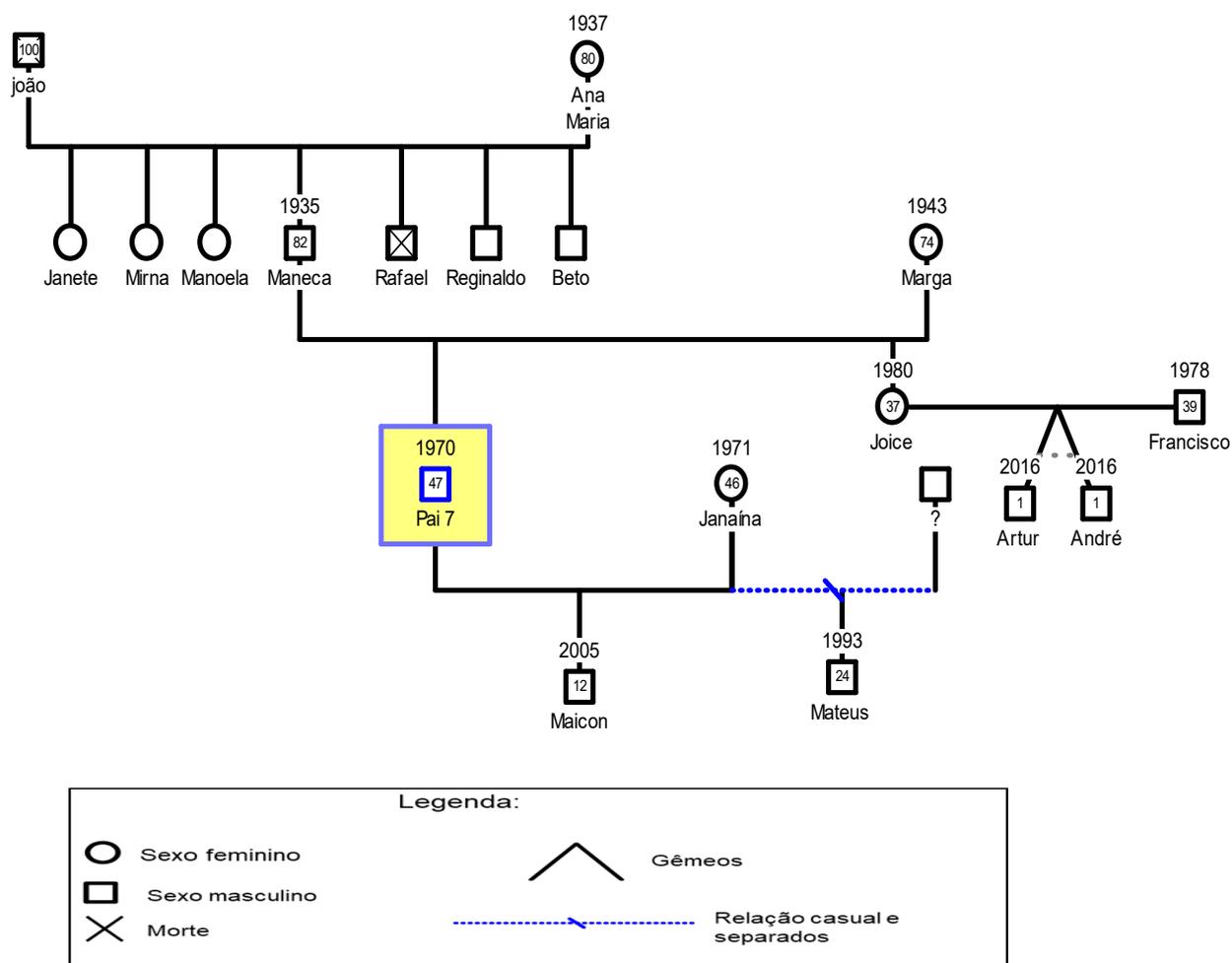


Figura 12 - Genograma familiar do Pai 7. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 7 era casado com Janaína, 46 anos, e tinha dois filhos, Maicon de 12 e seu enteado, Mateus, de 24 anos. Antes de Maicon nascer, Pai 7 trabalhava em três empregos, um em cada turno, porém, ao perceber que não conseguia acompanhar o crescimento de seu filho, pediu demissão de dois empregos. No momento da entrevista, Pai 7 trabalhava como funcionário público municipal de Rio Grande, onde optou por seguir realizando sua jornada de trabalho no período da noite. Pai 7 era um pai carinhoso, atencioso e preocupado.

Pai 7 morava no mesmo terreno que seus pais, Maneca, de 82 anos, e Marga, de 74 anos, além de sua irmã, Joice, de 37 anos, seu marido e seus dois filhos. A esposa do Pai 7 trabalhava de babá cuidando dos filhos de Joice, os gêmeos Artur e André.

Pai 8

Pai 8 tinha 33 anos, era branco, uma pessoa agradável. Possuía 2º grau completo e estava cursando a Faculdade de Engenharia da Computação, não frequentava nenhuma religião, e trabalhava como autônomo. A entrevista ocorreu no domicílio do participante, estando presentes sua sogra, esposa e filha recém-nascida. O seu genograma familiar é possível ser visualizado na Figura 13.

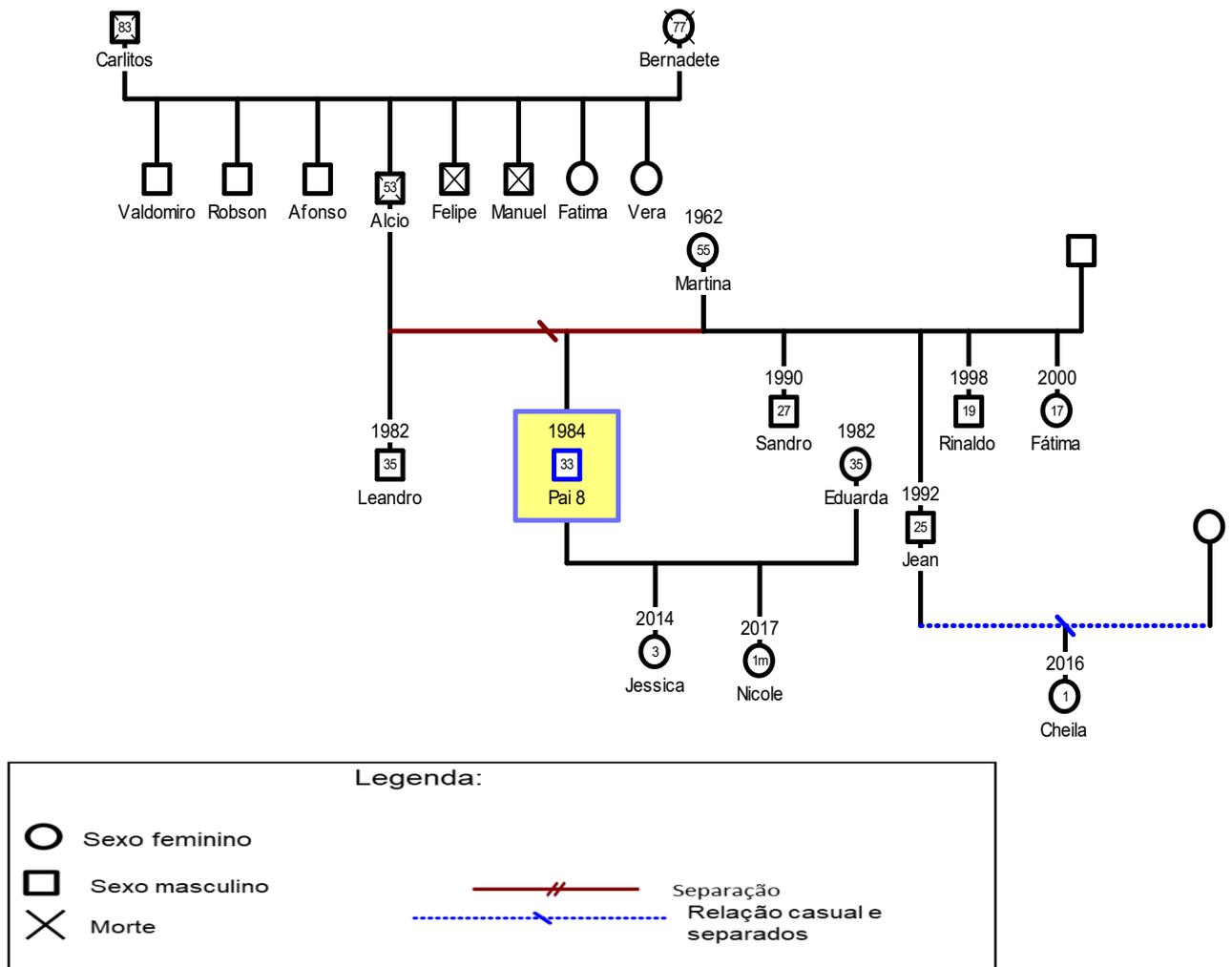


Figura 13 - Genograma familiar do Pai 8. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 8 era casado com Eduarda, 35 anos, e tinham duas filhas, a Jéssica de 3 anos e a Nicole de 1 mês. Sua esposa era uma profissional da área da saúde. Como Pai 8 era o seu próprio gestor em sua empresa, isso fazia com que seus horários fossem mais flexíveis e, com essa atividade, o tempo que podia se dedicar a suas filhas era maior. Relatou ser um pai participativo em todas as demandas que um filho requer, independentemente da idade.

Pai 8 tinha 5 irmãos, e seus pais se separaram quando ele tinha 2 anos, e depois de alguns anos seu pai veio a falecer. Leandro, de 35 anos, era irmão do mesmo pai e os outros irmãos eram da sua mãe Martina, 55 anos, com seu padrasto, com o qual não tinha contato.

Pai 9

Pai 9 tinha 54 anos, era branco, tinha uma expressão séria e rígida. Pai 9 foi sucinto e direto, porém, por meio da sua entrevista narrativa, era possível identificar um pai comprometido, que trabalhou para dar o melhor aos seus filhos e sempre compartilhou os cuidados com sua esposa. A entrevista ocorreu em seu domicílio. Era aposentado e referiu ser católico não praticante. O genograma de sua família pode ser visualizado na Figura 14.

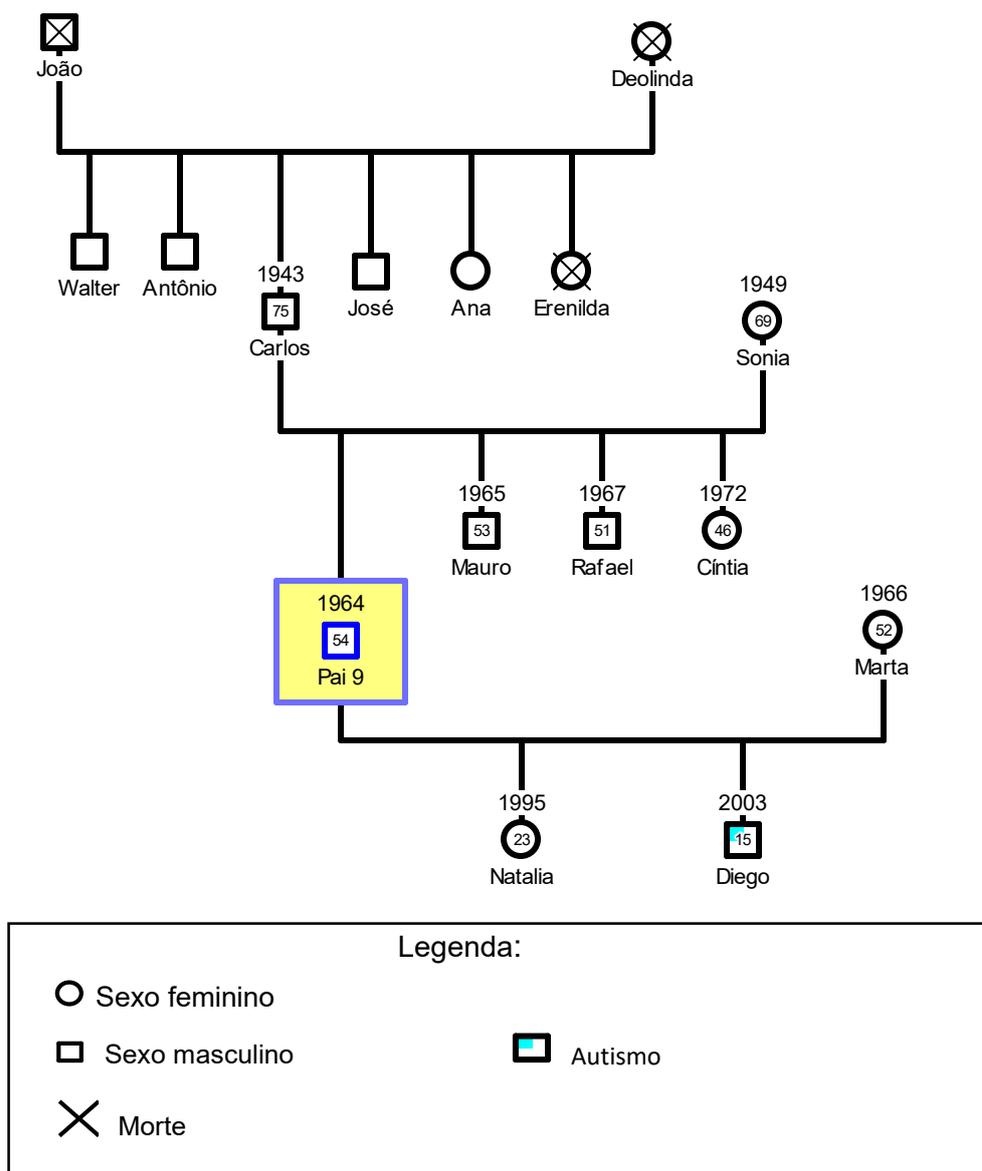


Figura 14 - Genograma familiar do Pai 9. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 9 era casado com Marta de 52 anos e tiveram dois filhos, Natália, de 23 anos, e Diego, de 15 anos. Quando Natália era criança, ele trabalhava à noite e ficava com ela durante o dia enquanto a esposa trabalhava. Já, quando Diego nasceu, Pai 9 estava se aposentando, o que contribuiu para que tivesse a oportunidade de acompanhar mais diretamente o desenvolvimento dos filhos. Pai 9 tinha uma preocupação constante com seu filho mais novo, Diego, pois foi diagnosticado havia pouco tempo com autismo.

[...] o Diego teve diagnóstico de autismo, mais leve, no caso, e ele tem muita dificuldade em relacionamento e por ele passar 24 horas dentro de casa, no quarto! Não quer saber de conversar com as pessoas [...] os amigos que ele tem no colégio são três, no meio de 500 colegas no colégio[...] agora a Natalia tá estudando, já sabe o que quer da vida, mas o

Diego não, é uma preocupação permanente, infelizmente, mas poderia ser pior[...] (Pai 9)

Por meio dessa fala, é possível identificar o quanto o diagnóstico de autismo do filho trazia preocupações ao Pai 9.

Pai 10

Pai 10 tinha 38 anos, de cor branca. Era de religião espírita e possuía 2º grau completo. A entrevista ocorreu no domicílio do participante. Trabalhava nos turnos da manhã e da tarde. Pai 10 relatou que possuía uma carga horária de trabalho exaustiva, mas, apesar disso, relatou que conseguiu ser um pai presente. Na Figura 15 é possível observar por meio do genograma a estrutura e os vínculos familiares do Pai 10. Considerei importante inserir a família de sua esposa, pois, por residirem no mesmo terreno, eram próximos, e sempre foram uma rede de apoio forte para o casal.

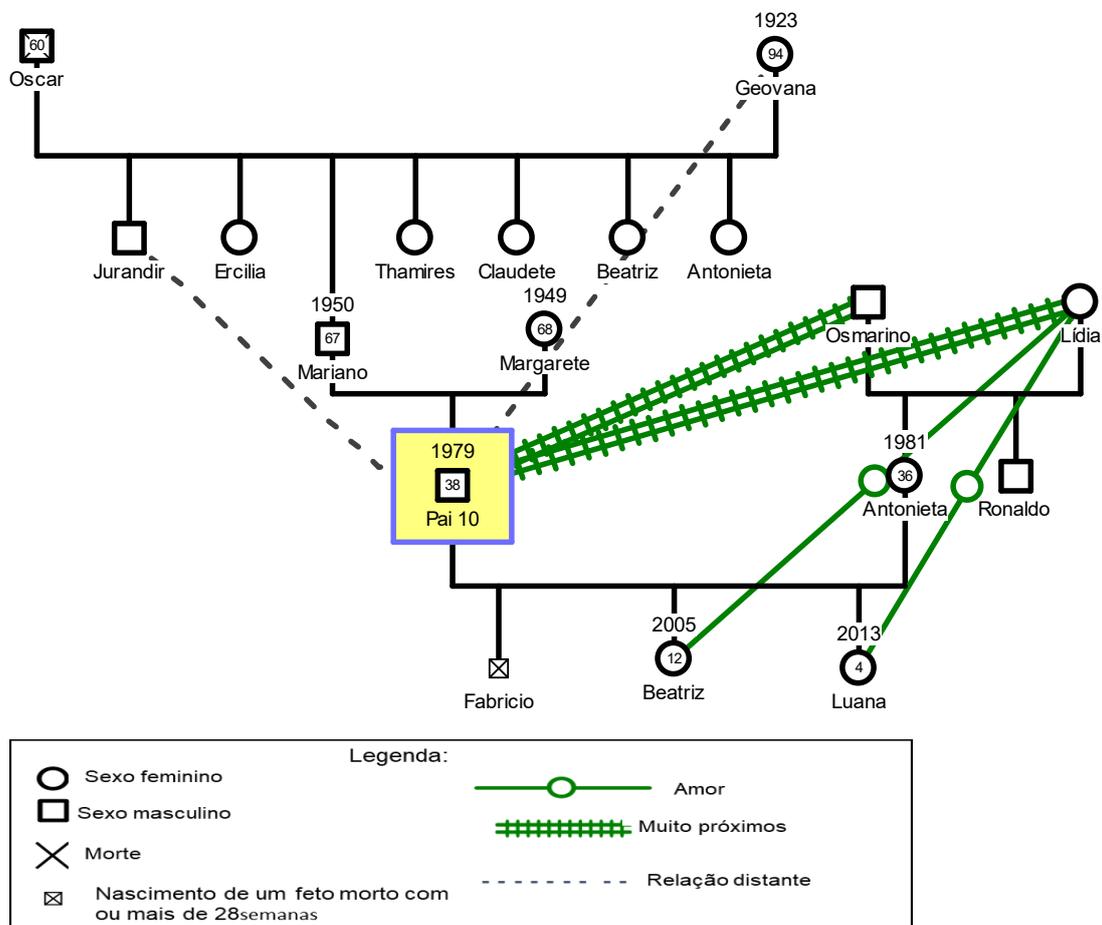


Figura 15 - Genograma familiar do Pai 10. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 10 era casado com Antonieta de 36 anos e pai de duas meninas, Beatriz de 12 anos e Luana de 4; era filho único de Mariano, de 67 anos, e Margarete, de 68 anos. Pai 10 e sua esposa moravam no mesmo terreno que os seus sogros, Osmarino e Lídia. Tinha um vínculo forte com os dois, sempre estiveram presentes na vida do casal. Sua esposa era técnica de enfermagem e trabalhava em regime de plantão 12 por 36 horas, e durante o dia fazia o Curso de Graduação em Enfermagem. Beatriz estudava no turno da manhã, e no período da tarde ficava com sua avó materna, Lídia. O mesmo acontecia com Luana, que frequentava a escolinha no turno da tarde e ficava com a avó na parte da manhã. Pai 10 ressaltou que levava Luana todos os dias para a escolinha após o almoço. A paternidade para o Pai 10 também foi construída por valores e princípios transmitidos no seu microsistema familiar, mas o seu carinho e doação para as filhas, assim como para sua esposa, foram relatados também como fruto de experiências e interações

vivenciadas por uma trajetória de dificuldades e conquistas.

O primeiro filho do casal chamava-se Fabrício. Ambos curtiram a gestação cheios de amor, expectativas e planos que foram cortados quando, no 9º mês de gestação, houve complicações gestacionais que levaram o bebê a óbito. Este período foi enfrentado com dificuldades pelo casal, mas conseguiram se reerguer e logo ficaram grávidos novamente. Durante a gestação de Beatriz o casal teve muitas inseguranças, e o medo de que a história se repetisse era uma constante. Quando estavam na 35ª semana de gestação, Antonieta começou a ter alguns picos hipertensivos, o que a levou à realização de uma cesárea de urgência. Beatriz nasceu pequenina, com 2.030 gramas e, após ficar um período na UTI, foi para casa, onde os cuidados e atenção foram redobrados.

Pai 10 nesse período trabalhava somente em um emprego e conseguia ter mais tempo para compartilhar os cuidados com a esposa.

Pai 11

Pai 11 tinha 41 anos, era branco, mostrou-se comunicativo e educado. Era professor de uma Universidade de Rio Grande, não frequentava nenhuma religião. A entrevista ocorreu no seu ambiente de trabalho. O diagrama de sua família pode ser visualizado na Figura 16.

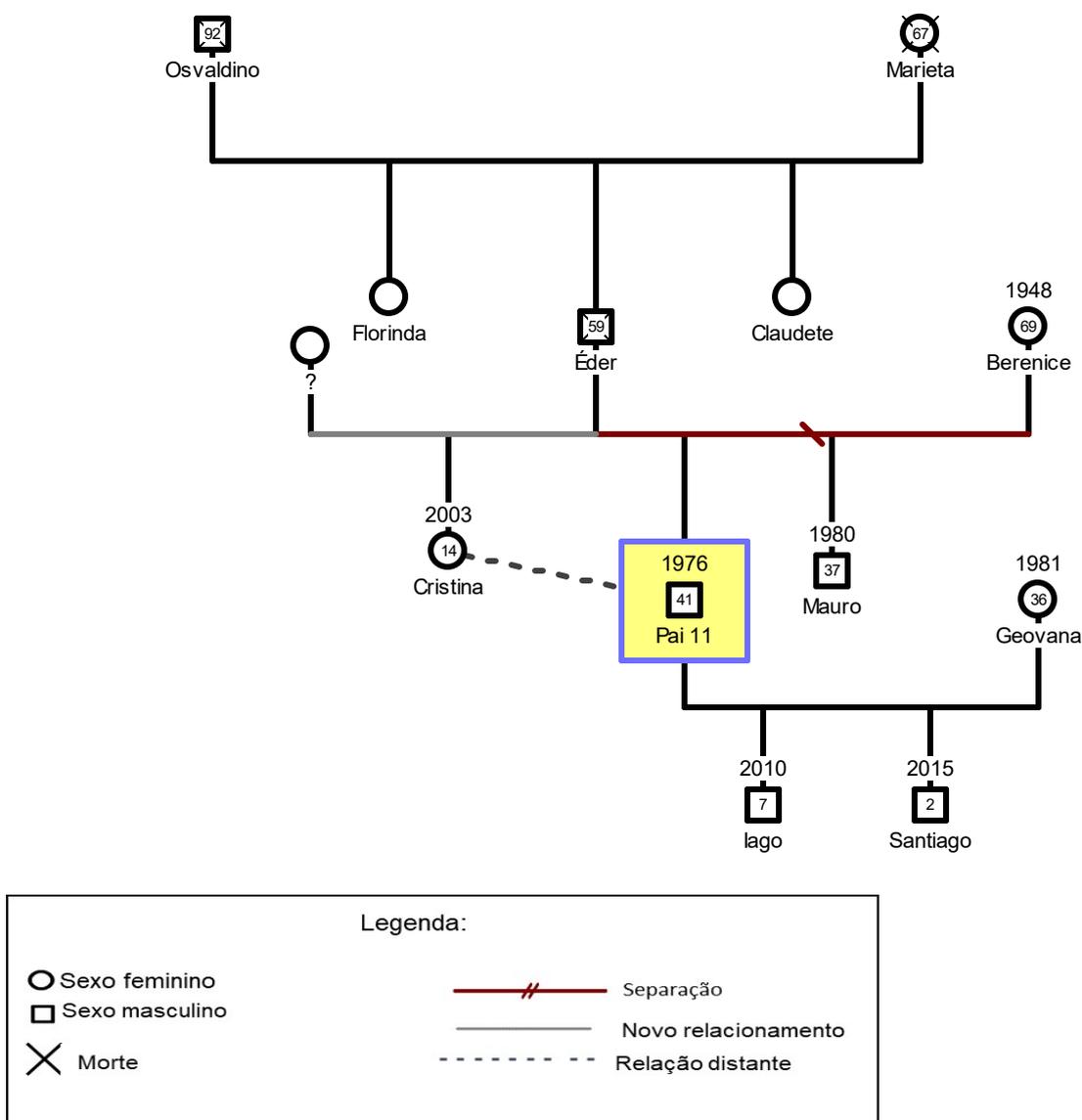


Figura 16 - Genograma familiar do Pai 11. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 11 era casado com Geovana de 36 anos e tinha dois filhos, Iago de 7 e Santiago de 2 anos. Sua esposa fazia faculdade em período diurno. Seus pais separaram-se quando Pai 11 já era adulto e, após a separação, seu pai teve uma filha em um outro relacionamento, Cristina, 14 anos, porém Pai 11 não tinha qualquer relação com a irmã.

Após conhecer os participantes, as suas singularidades e as interações que eles possuíam nos seus contextos de vida, avançamos um passo na análise embasada em Schütze, para então conhecer os valores desses participantes e suas

sabedorias de vidas.

O terceiro passo faz uso de todos os componentes indexados do texto para analisar o ordenamento dos acontecimentos para cada indivíduo, cujo produto chama-se “trajetória”. Neste passo, formulam-se os indícios essenciais dos espaços de vivências e de acontecimentos com os quais, respectivamente, o narrador/informante da história está se confrontando no curso narrativo da história. Eles surgem sempre a partir de apresentações narrativas da construção, do surgimento de situações que estão localizadas nas cenas e incluídas nos ambientes sociais, mundos sociais e condições socioculturais (SCHÜTZE, 1977).

6.2 Análise do conhecimento: proposições não indexadas

Esta etapa da análise teve como objetivo principal a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, tais como: “Etapas da vida arraigadas institucionalmente; Situações culminantes; Entrelaçamento de eventos sofridos; Pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; bem como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 1983).

A partir deste momento, emerge a produção do conhecimento, quando os dados são apresentados e discutidos. Assim, apresentam-se as **dimensões descritivas**, que se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, os valores e opiniões ligados a eles, e as coisas usuais e corriqueiras, enquanto que as **dimensões argumentativas** se referem à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e a reflexões em termos de teoria e conceitos gerais sobre os acontecimentos (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2013).

6.2.1 Dimensões descritivas que emergiram das entrevistas narrativas

A partir da análise do conhecimento das proposições não indexadas, apresentam-se as dimensões descritivas que resultaram em duas categorias: **Processo da construção paterna na contemporaneidade e Papel de pai ou papel de mãe versus cooperação parental**, representadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Dimensões não indexadas baseadas em Schütze (1977) e Bauer e Jovschelovitch (2013)

Proposições não indexadas		
Dimensões descritivas		Dimensões argumentativas
Processo da construção paterna na contemporaneidade	Papel de pai ou papel de mãe <i>versus</i> cooperação parental	

6.2.2 Processo da construção paterna na contemporaneidade

A construção da paternidade, neste estudo, ocorreu nas interações dos participantes com sua família durante a infância e adolescência, assim como na idade adulta, durante o seu exercício paterno, por meio das relações/interações com sua esposa, filhos, amigos e nos diversos contextos em que transitaram, e em que ainda transitavam, ao longo do tempo.

A maioria dos participantes, ao narrar sua história da paternidade, fez referência sobre a forma como seus pais a exerceram e aos valores familiares transmitidos durante o seu desenvolvimento no microssistema familiar.

Rokeach (1973) salienta que o valor é como uma crença duradoura em um modelo específico de conduta ou estado de existência, o qual é pessoalmente ou socialmente adotado, estando embasado em uma conduta preexistente. Os valores podem expressar os sentimentos e o propósito da vida. Para esse autor, a cultura, a sociedade e a personalidade antecedem os nossos valores e as nossas atitudes, sendo nosso comportamento a sua maior consequência.

Bronfenbrenner (2005) destaca ideologias, valores e crenças, religiões, formas de governo, culturas e subculturas que estão presentes no dia a dia que influenciam o desenvolvimento da pessoa, esse conjunto de padrões está inserido desde o ambiente mais próximo até o mais distante.

Nesta conjuntura, observa-se que o homem contemporâneo vivencia seu papel de pai, geralmente embasado na cultura familiar, quando ao longo das gerações são transmitidos valores e sentimentos (ALMEIDA, SILVA, RIBEIRO et al., 2015).

Bem, a base de construção minha de construir e orientar minha família vem da base familiar que eu tive. Meu pai, embora em alguns momentos não fosse muito presente, sempre foi uma pessoa muito responsável por nós

[...] sabendo nos colocar limites, não só limite, mas, também caráter e ética [...]eu sempre vi meu pai fazendo comida em casa eu via meu pai ajudar a minha mãe quando ele estava de folga do ferroviário, meu pai ele tirava água naquela época de cacimba, nós fazíamos, não precisava minha mãe fazer, a gente usava o fogão a lenha, meu pai cortava, deixava tudo pequenininho[...] então essa ajuda mútua dentro de casa sempre teve e hoje eu passo isso pros meus filhos. Esse de 14 anos sabe cozinhar, sabe fazer bolo (risos), então são coisas assim que influenciaram bastante na minha formação que vem lá do meu pai e que eu faço isso na formação dos meus filhos. (Pai 1)

[...] um norte que eu tive nesse processo é tanto minha relação quanto a do meu irmão com a minha mãe (participante baixa tom de voz devido à presença da sua mãe na casa), é de amor e fraternidade, mas nunca de tocar. Então o toque entre nós, eu e ela, praticamente não existe, assim, oh, pra dar um beijo, bah! muito complicado, é a quebra de várias coisas. E com meu pai não era, sabe, tanto eu como meu irmão não tinha isso, abraçava, beijava, tocava, ele dizia com o corpo que nós amávamos. Então isso é um ponto de partida, a Milena vai saber que ela é amada (pai se emociona). (Pai 2)

[...]o meu pai é muito carinhoso, às vezes eu sou muito menos com a minha esposa do que meu pai era com a minha mãe, isso eu vejo em mim porque o pai estava sempre ali e, se precisava de alguma coisa, não precisava pedir, se ele via que ela tava ocupada com alguma coisa ele já ia fazendo, se ela tivesse ocupado com a gente fazendo os temas, ele já ia fazendo a janta e não perguntava o que iria fazer, ele já ia fazendo. Então tudo é exemplo, tu vai vendo acontecer. (Pai 4)

[...]com certeza, na parte de integridade e honestidade, isso tudo eu trouxe do meu pai, porque meu pai sempre foi muito íntegro, muito correto com as coisas, e isso eu tento passar pro meu filho, experiência que eu tive com meu pai e eu passo pra frente. (Pai 7)

A correlação que os participantes fazem da sua vivência familiar atual com aquela experimentada em sua família de origem não é incomum. De fato, o fenômeno da transmissão familiar, definido como transgeracionalidade, é responsável pela perpetuação dos legados, valores e crenças que ocorrem entre as gerações sucessivas de uma família. Assim, muitas das vivências tidas na família de origem podem ser repetidas na família atual (CÚNICO, ARPINI, 2016).

Aspectos como os modelos e padrões de relacionamento intergeracionais foram reproduzidos por alguns homens pais, assim como abriram possibilidades de (des)construir a paternidade a partir das relações com o próprio pai. Algumas entrevistas narrativas mostraram que os participantes refletiram sobre a postura paterna de seus pais e cuidavam para não reproduzi-la.

Uma coisa que meu pai dizia era que ele saía pra trabalhar, botava comida na casa, e quem tem que educar é tu (a mãe), e não é bem assim, não é só isso.Mas ele também foi criado assim e aí é difícil chegar e dizer: ah, tens que ajudar no cuidado com os filhos, tens que ajudar em casa, tens que ajudar com a família, é difícil. (Pai 3)

[...] não sou tão radical como meu pai era, o pai era castigo, vara de vime e a gente não podia argumentar [...] meu pai, eu tive muitas mágoas dele, mas a doutrina que ele deu pra mim e para as minhas irmãs foi muito boa, foi uma base bem...Só que assim, eu pensava que no dia que eu casasse eu não iria agir da forma que ele agia. (Pai 6)

[...] às vezes eu comparo assim como eu via a minha relação com meu pai, que meu pai ficava muito pouco em casa, trabalhava durante o dia e depois, quando chegava em casa, já era bem tarde. Então eu não tinha muita relação. Ele era bastante calado, não tinha muito diálogo. Eu lembro que eu fui entender mais ou menos os gostos musicais dele quando eu já tinha 14 anos, quando eu comecei a ter os mesmo gostos musicais que ele que fui começar a entender o lado paterno, e a relação do meu pai com meu avô também já foi uma coisa fria [...] e pela presença que eu tenho em casa, mesmo que eu fique mais tempo com eles em casa, eu vejo que eles recorrem muito a mim. Eu não vejo esse afastamento que eu e meu irmão tínhamos com meu pai e, pelo tempo que eu tenho com meus filhos em casa eu tenho mais momentos bons do que momentos em que eu tenha que reprimi-los ou dar broncas neles. E o tempo que eu passava com meu pai, eu acho que eu mais tomava bronca do que tinha momentos bons[...]de certa maneira, acho que no inconsciente eu queria ser melhor que ele. Então, esses conflitos de gerações de certa maneira a gente acaba carregando, sabe, e eu noto que, embora ele nunca tenha falado pra mim ele tinha um certo ressentimento do pai dele, meu avô, por nunca ter ajudado ele...Meu avô, depois da morte do meu pai, disse que o pai dele não tinha ajudado ele quando ele saiu de casa, não deu nem um pedaço de terra pra plantar, e teve que comprar pelo preço que ele venderia pra qualquer outro fora da família um pedaço de terra. Então, de certa maneira, vai levando de um pro outro, só que as gerações mais antigas tinha aquela coisa de cara machão tinha que ser fechado, o filho não podia ser um amigo. (Pai 11)

Nas falas de Pai 3, Pai 6 e Pai 11, é possível identificar que os exemplos negativos que os participantes tiveram de seus pais os impulsionaram para exercitar a paternidade de forma diferente, sendo presentes, demonstrando afeto e companheirismo com seus filhos e esposas.

Estudo realizado com profissionais da saúde a respeito do cuidado paterno na família contemporânea identificou três aspectos importantes que influenciam o modo de envolvimento paterno: as características individuais do homem, do contexto no qual está inserido, e o modelo de paternidade vivenciado na família de origem. Consideraram como características individuais do pai: o seu conhecimento, suas experiências pessoais e a capacidade de envolver-se na dinâmica familiar. Em relação ao contexto, destacaram as interações vivenciadas pelo homem na família de origem e a situação financeira. Além desses fatores, as experiências vividas pelos pais e os valores transmitidos por seus genitores influenciaram na criação de seus filhos. Alguns homens, criados no modelo de paternidade patriarcal, procuram reformular seu papel na família ao invés de reproduzir a experiência vivenciada ao

se tornar pai (ALMEIDA, SILVA, RIBEIRO et al., 2015).

Ressalta-se que as mães interferem nas interações do pai com a criança. Backes (2015) salienta que as mães influenciam de diferentes maneiras, seja proibindo o pai de realizar alguma atividade que apresente algum risco físico para a criança, tirando sua autoridade ou incentivando a participação dele, seja colaborando com o engajamento do pai nas atividades com a criança.

A figura materna esteve presente durante as entrevistas narrativas dos pais como forma de exemplo para a construção da paternidade e envolvimento com a família.

[...]a mãe teve um tempo doente, então ela botava a gente a limpar a casa, a gente fazia as coisas em casa, limpava a cozinha, e aí a gente fazia tudo em casa. Então, desde pequeno eu já sabia o que fazer, como dar banho, sabe, eu já fazia isso quando pequeno, tanto é que o primeiro banho quem deu na Luana fui eu, e na Lili também. (Pai 3)

[...] tudo que me ensinaram, cozinhar, cuidado tudo foi ela (mãe), entendeu? Eu tive toda essa adaptação, tudo que me passou foi ela. No meu caso, o que me influenciou foi o espelho do tratamento da minha mãe, a convivência dela, tudinho dela, e não do meu pai ou do meu padrasto, foi o tratamento dela, sempre foquei nela e minha base foi ela ali, o tratamento dela e todo o ensinamento. (Pai 8)

Minha mãe sustentava muito mais a casa que meu pai, ela era professora estadual e ela ganhava mais do que ele e eu notava que ela que ficava muito mais tempo fora trabalhando e tal, e meu exemplo talvez tenha sido muito mais minha mãe do que meu pai[...]minha mãe brigava bastante e por isso acabaram se separando, porque para os amigos ele tirava até a camisa que tava usando pra ajudar e, quanto à família sempre, sempre vinha em segundo plano. E sempre ficou muito na minha cabeça essa preocupação com a família, talvez mais por influência da minha mãe, que primeiro vou pensar na minha família, depois vou pensar no que eu posso fazer pelo outros. (Pai 11)

A partir desses fragmentos das falas apresentados, observa-se como as mulheres foram, e são, agentes importantes dentro do microsistema familiar, por ainda serem elas em grande parte as responsáveis pela educação dos seus filhos. Deste modo, podem repassar a eles valores acerca de uma paternidade participativa, afetiva e compartilhada. Neste sentido, a educação, a informação e a atenção à saúde permeada pela abordagem de gênero podem gerar mudanças nas concepções e no exercício do ser pai e do ser mãe na sociedade (FREITAS, 2007).

Percebe-se que esses pais passaram por uma transição ecológica, pois ocorreram mudanças de papéis, modificações na forma como começaram a ser tratados, modificações no agir, no fazer, sentir e pensar. Entretanto, segundo Bronfenbrenner (1996). essas modificações não ocorrem somente com a pessoa

que está no processo de desenvolvimento; ocorrem, também, com as outras pessoas que estão em seu contexto.

Correlacionando as transições ecológicas com os novos papéis que surgirão na vida do homem que se torna pai, ressalta-se a importância de o mesmo possuir uma rede de apoio para que possa atuar e desempenhar seu papel de pai frente à sociedade (BUENO, et al., 2012). Destacam-se a importância e a influência dos contextos e suas relações para o desenvolvimento humano, procurando compreender e explicar o comportamento a partir das relações e interações que os seres humanos estabelecem com os seus contextos de vida (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

Ainda no que se refere à influência da mulher no processo da paternidade, foi possível evidenciar o quanto as esposas tiveram papéis fundamentais, pois grande parte delas tinha carga horária de trabalho e/ou estudos maiores do que do participante, proporcionando, dessa maneira, uma abertura de espaço e confiança para que o pai pudesse ter mais convívio com o filho e desempenhasse seu papel de pai.

[...] a gente se planejou pra isso, deu vir pra casa e dela ir pra rua (trabalhar), mas, posto em palavras, não ficou subtendido, nós vamos fazer dessa forma, eu vou pra rua e você fica em casa. E aí fiquei em casa, e eu trabalho em casa o dia todo, dia todo trabalhando, pode perguntar como é ser dona de casa, é complicado. [...] existe a questão, não uma submissão, mas uma passividade, ela tem que acreditar que eu vou resolver o problema, a confiança, entendeu? (Pai 2)

[...]antes ela me ajudava a fazer alguma coisa, mas eu tomava conta de fazer comida, de arrumar a casa, de arrumar tudo, sabe. Como ela ficava mais tempo no trabalho, eu acabei assumindo essa parte. Então, o que eu fazia? Eu trabalhava, mas, quando eu tava de noite em casa, eu fazia janta pra guria levar de almoço no outro dia, e ela não tava em casa tava trabalhando, entendesse? Então, claro, acabei abdicando da faculdade, de tudo, pra poder tá com ela (filha) e dar atenção pra ela. (Pai 3)

[...]a gente brinca, faz tudo, vê desenho, ela pinta minhas unhas, eu pinto as delas. Porque hoje é fácil tu largar a criança na frente da televisão e deixar, mas, assim, lá em casa não é assim, tem hora pra tudo, pra ver desenho é uma hora por dia o que é considerado, e nas demais tu tem que desenvolver atividades com teu filho. Claro que eu tô te falando a minha situação, porque eu tenho disposição, eu tenho tempo e tenho condições. (Pai 5)

Minha esposa trabalha manhã e tarde e aí eu fico manhã e tarde com elas, e às vezes acaba minha sogra ficando pra quando eu tenho que dar alguma saída por causa do serviço, e aí ela fica, mas normalmente eu tô sempre junto com elas. Eu tenho uma empresa minha, um negócio próprio. (Pai 8)

[...]nos primeiros três meses eu tive medo de tocar, porque era muito pequenininho, mas depois era tudo comigo. Eu trabalhava em turno, e aí eu

tinha uma senhora que cuidava, a gente botou pra cuidar dentro de casa. E aí quando eu chegava em casa, essa pessoa ia embora e a guria ficava comigo direto, porque eu trabalhava muito na noite e passava o dia comigo direto. Ah, e aí eu dava banho, eu assim normal, o que uma mãe faz. E andava sempre comigo, sempre comigo, onde eu ia eu levava ela e o guri também, a mesma coisa. Mas, quando fez dois anos, eu me aposentei, e aí ele ficou mais direto a mim, porque a minha esposa trabalhava todo o dia, saía de manhã, almoçava e sai pra trabalhar, e só vem de noite, e então passam comigo. (Pai 9)

A Beatriz (filha), até eu começar a trabalhar em dois empregos, quem cuidava dela era eu, porque minha esposa fazia faculdade e trabalhava à noite, e eu cuidava dela todos os dias pela manhã e noite [...] era eu que dava o banho, acordava, dava o leite da manhã, deixava ela pronta, prontinha pra ir pra escola, e chegava às 13 horas e eu levava ela pra escola. E aí eu pegava e ia pro serviço, e depois ela ficava com a minha sogra e, quando eu chegava, eu trazia ela aqui pra minha casa [...] Pra mim cuidar das minhas filhas desde pequenas foi tranquilo, tanto é que eu sempre disse que, no caso, o primeiro banho em casa, quem ia dar era eu. (Pai 10)

Normalmente nas segundas e terças feiras eles são responsabilidade só minha. Eu às segundas feiras acordo eles, faço as tarefas e, se tiver tarefas pra fazer da escola, aí arrumo pra levar pra escola e deixo eles e venho pro trabalho. E a Geovana (esposa) busca na escola no final da tarde. E na terça feira normalmente eu levo e busco, porque aí ela estuda pela manhã e trabalha à tarde, e acabo ficando com eles até umas 19 horas. Nas quartas-feiras, aí depende. Às vezes ela tem alguma atividade na faculdade também e acabo ficando com eles. Acaba que nós vamos nos revezando pra cuidar deles, porque depende do semestre letivo, que às vezes a Geovana tem aula pela manhã, às vezes ela não tem, então depende muito. (P11)

A interação desses homens com seus filhos ocorreu nas tarefas da casa e com a esposa, sendo consideradas consequências das atribuições e demandas provenientes de uma sociedade que abriu espaço para novas conquistas femininas, como a inserção no mercado de trabalho. No entanto, pondera-se que essas mulheres também transmitiram confiança e segurança para que esses homens desempenhassem o cuidado direto aos seus filhos.

Assim sendo, as transformações macrossistêmicas, como o incremento da inserção da mulher no âmbito profissional e os novos arranjos familiares, modificaram a estrutura e os padrões de funcionamento familiar, mais especificamente em relação ao número de lares brasileiros chefiados por mulheres, ou seja, lares em que o trabalho feminino passou a representar a principal fonte de sustento econômico da família (VIEIRA, et al., 2014). Dessa forma, verifica-se neste estudo que os pais estão cada vez mais assumindo as atividades domésticas e os cuidados dos filhos.

No entanto, houve um pai que referiu ter tido dificuldades de se aproximar de sua filha quando recém nascida, pois sua esposa não confiava nele para prestar os cuidados.

Quando a minha filha nasceu minha mulher não deixava eu fazer nada, superprotetora. Ela falou que agora no nosso próximo filho, de tanto que eu reclamei, eu que vou passar a noite toda acordado. Mas eu não vou passar a noite toda acordado, vamos dividir. Posso dar banho, trocar fraldas, agora, ficar toda noite em claro vendo se a criança tá respirando ou não, é demais. né. Ela abraçou tudo mesmo, mas eu entendo é coisa de mãe até entendo, primeiro filho e tudo mais, mas ela abraçou mesmo, ela trocava fralda, ela dava banho, ela se esgotou o máximo, entendeu? Eu agora que dou banho nela, ela não toma banho à noite por causa do frio e eu dou banho nela cedo, trocava a fralda dela depois de um tempo, mas nesse primeiro impacto, nesse primeiro momento, eu me embananei. (Pai 5)

Segundo Jager e Dias (2015), a existência de relações positivas e que estimulem a participação paterna nos cuidados ao bebê são importantes para que o envolvimento paterno em práticas de cuidados aconteça. A partir do momento em que a mãe ou outros membros familiares incentivam a participação do pai nos cuidados com o bebê, e reconhecem seu papel e empenho para engajar-se nas atividades compartilhadas, é possível que o pai, aos poucos, consiga desempenhar atividades mais complexas com a criança, dividindo responsabilidade com a mãe e fortalecendo seu vínculo desde bebê.

Neste estudo foi possível identificar que alguns homens não conseguiram ter a participação que gostariam nos primeiros dias de vida dos seus filhos devido às suas atividades laborais. Observa-se que a não participação fez com que Pai 5, Pai 7 e Pai 2 se desvinculassem de um dos trabalhos, quando se tinha dois empregos, ou até mesmo deixassem o emprego formal para se tornarem profissionais autônomos e conseguirem ficar mais tempo em casa. Ressalta-se que esta situação poderia ser amenizada se houvesse o reconhecimento da importância do vínculo paterno, e assim proporcionando ao homem pai um tempo maior de licença-paternidade.

[...] eu até entrei em desespero. Eu trabalhava embarcado e, até o início da gravidez dela, eu fiquei 15 dias em casa e 15 dias no mar. Era bem complicado, mas depois sim, eu saí do embarque e fiquei trabalhando aqui na volta. [...] eu sempre trabalhei muito e não participava muito com ela (filha). Assim, eu viajava bastante, só que agora eu tô bem mais presente com ela. Eu pedi demissão do serviço, eu larguei e estou fazendo outras coisas. (Pai 5)

[...] quando meu filho nasceu ficou mais difícil ainda, porque eu não tinha tempo pra mim e muito menos pra ele. Eu falei então: vou sair da CONTEC, e fiquei em dois empregos. Mas depois já não tinha tempo necessário, fui

vendo que eu não conseguia e os dias foram passando e eu não conseguia conviver com o crescimento dele, eu não via ele crescer, eu chegava feito um zumbi, cansado, deitava, acordava e ia trabalhar, e assim por diante. E depois que eu fiquei num emprego, aí que começou a render as coisas e eu consegui. Particpei ativamente, levar e trazer da escolinha, comecei a interagir o que antes eu não conseguia, festinha de final de semana que tinha nos sábados, porque era colégio particular, eles inventam umas coisas e a gente ia, ia todo mundo, minha irmã também ia, essas coisas bem família. Mas fluiu só depois que eu deixei de trabalhar em três empregos, porque eu vi que não ia ficar rico mesmo, tive menos dinheiro, mas meu filho teve um pai mais presente. (Pai 7)

[...] se bem que a gente vê que a mulher tem 6 meses em casa e o homem não pode, não tem a licença, e pra ter uma licença tem que brigar na justiça, senão, não consegue. (Pai 8)

[...] agora nós temos mais tempo, mas no meu primeiro filho eu tive 5 dias de direito, 5 dias corridos, já o segundo eu fiquei 7 dias de licença. (Pai 11)

No Brasil, até 2015, os pais gozavam de cinco dias remunerados de licença conforme estipulado nas disposições transitórias da Constituição Federal. No entanto, um projeto de lei foi aprovado no início de 2016, determinando uma série de ações voltadas para a primeira infância. Uma importante alteração regulatória introduzida foi a prorrogação da duração da licença-paternidade em 15 dias, além dos cinco já estabelecidos constitucionalmente (ALMEIDA, PEREDA, FERREIRA, 2016).

Para Spellmann (2016), não é só devido à coincidência temporal que esta lei merece atenção especial, pois, após anos de propostas legislativas tramitando no Congresso Nacional, é a primeira vez que é aprovada legislação compreensiva a propor um fortalecimento dos laços entre pais e filhos, e foi concedido o aumento de tempo da licença-paternidade para tal fim. Esta lei reconhece, portanto, a vinculação entre tempo livre e remunerado e o fortalecimento dos laços familiares no momento em que há necessidade do repartimento de responsabilidades domésticas.

Estudos existentes sobre os potenciais benefícios da licença-paternidade na vida da família e, principalmente, do recém-nascido, encontram evidência de impactos importantes. Três efeitos foram identificados na literatura: aumento do período de amamentação dos bebês, cujos retornos no longo prazo já são bem conhecidos e documentados na literatura médica; maior envolvimento futuro dos pais no cuidado com as crianças, o que pode ter importantes consequências no desenvolvimento sociocognitivo dos filhos; e provável auxílio na promoção da igualdade de gêneros dentro das atividades familiares a partir da inclusão dos pais nas tarefas domésticas e cuidado com os filhos, que ainda é fortemente dependente

das mulheres (ALMEIDA, PEREDA, FERREIRA, 2016; LEITE, 2017).

Estas formas de interações proporcionadas no estímulo de maior tempo do pai com a criança é, para Bronfenbrenner, explicado nos processos proximais. Para que se estabeleça um processo proximal, é fundamental a presença de cinco aspectos: 1) O pai (pessoa) precisa engajar-se em uma atividade; 2) esta atividade deve ocorrer regularmente por longo período de tempo; 3) as atividades devem tornar-se gradativamente mais complexas; 4) a reciprocidade deve estar presente nas interações; 5) os objetos e símbolos presentes no contexto imediato devem provocar a atenção, imaginação, exploração e manipulação da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998).

Outros países já consideram o convívio paterno como fundamental nos primeiros meses de vida do filho. Na Dinamarca, a licença é de 6 meses para a mãe e os 2 meses seguintes são para o pai, com remuneração de 60% (sessenta por cento) do salário. Na Alemanha são 14 meses de licença parental, com a possibilidade de licença maternidade de até 1 ano e 2 meses de licença paternidade (LEITE et al.,2017).

Nessa conjuntura, é possível identificar que o homem pai permeia nos mais variados contextos para a construção da paternidade, e este processo vem sofrendo cada vez mais influências dos macrossistemas econômico, político e cultural que vivenciamos no período contemporâneo.

Assim, a construção da paternidade acontece de forma dinâmica em que há continuidades e discontinuidades das influências que ocorrem ao longo do ciclo da vida. Segundo Bronfenbrenner e Ceci (1994), o processo se constitui pelos papéis e atividades diárias da pessoa em desenvolvimento. Ele ocorre desde o início da vida, por meio de interações recíprocas entre as díades mãe-filho e pai-filho, em que pais e filhos influenciam-se mutuamente, ao partilharem uma atividade. Para que o ser humano se desenvolva intelectualmente, emocionalmente, socialmente e moralmente, é necessária a participação ativa em inter-relações progressivamente mais complexas com pessoas, objetos e símbolos no ambiente imediato.

Para que as interações sejam efetivas, é necessário que ocorram em longos períodos de tempo. Tais formas de interação duradora entre o organismo e o ambiente são denominadas de processos proximais. Exemplos de padrões duradouros de processos proximais são encontrados em atividades conjuntas pai-criança, mãe-criança, ou criança-criança, brincadeira solitária ou em grupo, leitura,

aprendizagem de novas habilidades, estudo, atividades esportivas, entre outras (BRONFENBRENNER, CECI, 1994).

Dessa forma, os homens Pai 3, Pai 4, Pai 5, Pai 9 e Pai 11 narraram momentos em que foi possível identificar a construção da paternidade por meio da interação com o filho, sendo esse um agente de desenvolvimento importante neste processo.

[...] pego a Lili mesmo aqui, eu na sala sento no chão, fico brincando com ela, sento ela nas minhas pernas, tanto que, se eu sentar agora aqui no chão e cruzar as pernas, ela vem e senta nas minhas pernas e fica brincando. (Pai 3)

[...] aprender a dizer não, e a partir desse não se dá os limites, é complicado? É, eu sei que é, hoje eu sendo pai eu vejo que é, é mais difícil do que quando eu só tinha a teoria, eu sei que às vezes, mas aprende a dizer não, aprende a dar limites[...] Esses dias eu dei um copo pra ela e pedi pra pôr na pia, e ela ficou me olhando, e eu: Bota o copo na pia pra mim. E ela ficou me olhando e fez assim com a mão (como se tivesse faltando alguma coisa), aí eu: Por favor. E depois: obrigada. E ela: "De nada". Eu faço isso direto com ela, e eu tenho que fazer a mesma coisa. E ela não pegou o copo, ficou me olhando, pois, se eu te peço pra fazer, tu também tem que fazer, a gente tá aprendendo ao mesmo tempo. (Pai 4)

[...] agora sim, eu dou banho nela e tudo mais, mas assim, eu custei a dar esse primeiro passo. E ela cisma em querer ver eu no banheiro, mas assim, eu consegui vencer essa barreira, mas, quando era bebezinho, era difícil. (Pai 5)

[...] tu começa a pensar totalmente diferente, um filho muda totalmente um casamento. Eu e a minha esposa é uma coisa, e depois que vem o filho, é outra, tu tá ali pra ensinar, mas tá ali pra aprender também, tu aprende muito, muito, muito também. (Pai 9)

[...] o menor tá numa idade agora pra testar a gente. Ele faz as coisas e fica olhando pra ver se a gente vai reagir. se vai impor algum limite ou não. Então eu tenho um receio grande assim, que daqui a pouco eu estou passando do limite da educação. Isso é o que eu mais sinto dificuldades na educação deles, é uma coisa que eu fico pensando: Poxa, será que eu não excedi, não me passei do limite, não poderia ter tentando de outra forma? (Pai 11)

No entanto, em alguns momentos, os filhos foram mediadores para que o pai não se afastasse do ambiente familiar, proporcionando momentos para reflexão sobre o seu exercício paterno. Esta situação é identificada no fragmento da entrevista narrativa do Pai 1.

[...] o Fernando, Taylor e Emanuel estavam morando em casa os dois. Márcio e o Diego já não moravam conosco. E eu chamei o Taylor e Emanuel e minha esposa e nos sentamos para conversar. E aí eu disse: Ô, o pai recebeu um convite, o pai vai só aos sábados lá na comunidade terapêutica. E parece que tinham combinado os dois, o Felipe e Taylor olharam pra mim e disseram: "Pai, vai começar tudo de novo, tu vai pra

comunidade e tu vai vir o mínimo em casa”. E aí foi que eu entendi, depois de 6 anos, aquilo que eu tinha causado, o prejuízo que eu tinha causado lá atrás. Voltei propondo pra eles que eu ficaria só aos sábados. E os sábados viraram semanas, eu já ia todos os dias, administrando a comunidade. E aí quando eu percebi que eu ia causar de novo o prejuízo, aquele que eu tinha causado anterior, eu sai da comunidade. (P1)

As experiências vivenciadas pelo Pai 1 nos diferentes contextos e ao longo do tempo lhe proporcionaram, e acredita-se proporcionam e proporcionarão, sua forma de exercitar a paternidade. Segundo Bronfenbrenner (1996), o termo “experenciado” indica a maneira como a pessoa percebe e dá significado ao que vivencia no ambiente, não incluindo apenas as características objetivas desse meio. Nesse sentido, as interações dentro do microsistema ocorrem com aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente, e são permeadas pelas características de força, de recurso e de demandas das pessoas envolvidas.

Já, para o Pai 7, o convívio com o seu enteado, Mateus, foi importante para sua construção paterna, pois observava como era a relação do seu enteado com o pai biológico, e via o quanto Mateus sofria com a ausência paterna.

[...] na época eu tinha um enteado, já tinha um filho na verdade, o filho da minha esposa, mas foi uma experiência bem diferente, porque ele já era uma criança mais complicada, o pai dele não via ele. Então já era mais difícil de tratar. Eu tinha um exemplo meio ruim assim de paternidade, não pelo meu pai, mas pelo pai do meu enteado, porque ele foi um pai ruim, não assistia, não ia, não perguntava, não queria nem saber, e até hoje não quer saber. E vendo aquilo, eu pensei assim: Pô, vou ter que ser uma pessoa bem diferente! Já não tinha intenção de ser um pai ruim, porque ninguém quer ser um pai ruim, eu acho, eu acredito. Mas daquilo em diante eu comecei a enxergar as coisas, não posso fazer isso, não posso ser assim, não posso fazer aquilo. Vendo meu enteado triste, nos dias dos pais era um parto pra ele, quer dizer, eu pensava: não vou ser ausente, não vou fazer a mesma coisa com meu filho, vou tentar, pelo menos, e tenho me esforçado para ser um bom pai. (Pai 7)

É possível identificar que nos diferentes ambientes e nas diferentes relações e interações é que o homem vai construindo sua forma de ser pai. Para Pai 1, Pai 2, Pai 3, Pai 4 e Pai 8, a construção paterna ocorreu também durante o cuidado prestado aos irmãos, sobrinhos, primos e vizinhos.

[...] eu ajudei na criação dos meus irmãos, meu irmão, mesmo pequeno, eu ajudei na criação dele. A gente sempre foi muito família, a gente sempre teve junto, e teve um período que a mãe adoeceu, né. e a gente tinha que cuidar do mano. A mãe passou por uma cirurgia [...] eu sempre acompanhei minha mãe vestir meu irmão, dando banho, como agarrar, como cuidar, então, pra mim, isso ajudou na criação dos meus filhos. (Pai1)

[...] quando eu tinha 10 anos de idade minha tia, a Ana, essa que é mais próxima de nós, adotou um filho e ele veio para nossa casa, com o convívio

da família com 8 meses, e eu cuidava dele todos os dias. A primeira vez que ele comeu feijão foi comigo, tudo, os primeiros passos deles foi comigo, quando eu tinha 10 anos. (Pai 2)

Quando eu morava com a mãe e com o pai, tinha uma senhora que morava na casa que era da empresa que o pai trabalhava. Tinha uma das casas que tinha uma senhora que tinha duas gurias, e aí eu ficava com a pequena, que ficava dormindo, e quando ela acordava eu dava leite, trocava fralda e ficava com ela até ela chegar. Eu tinha uns 10 anos ou 11 anos, eu acho, e eu cuidava dessa guriuzinha. (Pai 3)

[...] eu fui pai bem tarde, minha filha tá fazendo 5 anos. Mas meu sobrinho por parte da minha irmã, o mais velho, pra mim é como filho, porque minha irmã se casou e se separou, e ficou aquele guri ali. E tava todo mundo: Ah, coitadinho dele, não pode falar alto, não pode fazer isso, aquilo, porque ele pode ficar traumatizado. “E eu não fui criado assim, então eu comecei a ver isso e pensei: vou puxar pra mim. Quando ele queria algumas coisas e minha irmã tava com medo, eu dizia pra mandar pra mim, que eu vou dizer sim ou não, se pode ou não pode.” (Pai 4)

Pra mim o contato com minha primeira filha bebê foi bem fácil, porque eu já tinha passado experiência com meus irmãos, porque a grande maioria deles, como eu sou o segundo, porque como minha mãe trabalhava, eu muito cuidava deles. Acompanhava toda a trajetória deles, fazia todo esse processo, banho, escola, mesmo eu não tendo idade. Como eu era o mais velho, eu tinha que tá sempre cuidando deles, então, pra mim, foi bem simples e bem rápido. (Pai 8)

A partir das falas de Pai 1, Pai 2, Pai 3, Pai 4 e Pai 8, identifica-se que alguns desses homens tiveram responsabilidades com o cuidado de crianças desde pequenos, ou antes mesmo de serem pais, e que consideraram que essas experiências facilitaram e também influenciaram no processo da construção paterna.

Nos resultados desta categoria emergiu uma construção paterna pautada em um pai participativo que compartilhou as tarefas domésticas e cuidados dos filhos com suas esposas. Estes homens possuem características biopsicologicamente determinadas e construídas nas interações com o ambiente em que estiveram inseridos desde crianças. Envolvendo, assim, segundo Bronfenbrenner (1996), constâncias e mudanças na vida do ser humano em desenvolvimento, no decorrer de sua existência.

Diante deste aspecto surgiu a segunda categoria: Papel de pai ou papel de mãe *versus* cooperação parental, uma vez que a maioria dos homens participantes deste estudo assumiu as tarefas domésticas com suas esposas, resultando em uma ambivalência de sentimentos em relação ao seu papel de pai.

6.2.3 Papel de pai ou papel de mãe *versus* cooperação parental?

Para dar início à apresentação e discussão desta categoria é necessário abordar alguns conceitos, para que tenhamos entendimento das questões abordadas ao longo dos resultados elencados.

Nas narrativas dos participantes deste estudo identificou-se que os homens reportaram a sua participação paterna mais ativa como uma “troca de papéis” com a mulher. Diante deste aspecto, observa-se que, apesar de esses pais exercitarem a paternidade em uma perspectiva contemporânea, eles possuíam conceitos sobre papéis de mãe e de pai ainda pautados em modelos hegemônicos.

No entanto, as percepções que esses homens possuíam sobre os “papéis” eram esperadas, uma vez que estavam inseridos em um contexto cultural de gênero em que a mulher possuía o papel de cuidar da casa e dos filhos e os homens, de garantir o sustento da família.

Bronfenbrenner (1996) conceitua os papéis quanto a uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa. Os papéis são normalmente identificados pelos rótulos usados para designar várias posições sociais numa cultura.

Segundo Bourdieu (2002), a maneira como as pessoas aprendem a oposição entre o feminino e o masculino é mediante as atividades cotidianas imbuídas de sentido simbólico, ou seja, mediante a prática. Os conceitos cotidianos sobre o feminino e o masculino estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

Assim, o comportamento materno é identificado tipicamente pelo cuidado e pela nutrição das crianças, enquanto que o comportamento paterno identifica-se com esferas que envolvem frequentemente a busca por recursos que permitam indiretamente este cuidado e alimentação, como prover sustento e segurança à mãe e à prole. Culturalmente, as meninas são em geral encarregadas de trabalhar em casa, fazer companhia à mãe, cuidar de um irmão, enquanto que os meninos têm permissão para brincar na rua e trabalhar mais longe, na companhia de seus pares. Essa influência da cultura na definição de papéis de gênero pode ter repercussões nos comportamentos maternos e paternos, o que nos permite compreender as

diferenças existentes por meio de uma visão de interação biologia-cultura (GOETZ, VIEIRA, 2015).

No que se refere às atividades parentais, observa-se que existem especificidades nos papéis que pais e mães irão desempenhar. Tradicionalmente, a mãe era identificada como cuidadora primária e o pai era tido como o provedor financeiro. Assim, os dois membros do par parental desempenhariam funções diferenciadas e em diferentes esferas do desenvolvimento. A realidade contemporânea nos aponta para modelos de famílias em que essas funções não estão mais tão claramente definidas, e tampouco vêm sendo desempenhadas por somente um dos pais. É possível presenciar famílias em que o pai, além de trabalhar, participa das atividades com a criança (cuida dos filhos, dá banho, coloca para dormir, leva para a escola, leva para passear, cuida quando está doente, entre outras atividades), bem como casos em que a mulher, juntamente às suas funções maternas, contribui com a renda familiar, tem uma profissão e cumpre jornadas extensas de trabalho (GOETZ, VIEIRA, 2015).

Ao entrarmos no campo de significados dos papéis de mãe e de pai, é de suma importância trazer o conceito de gênero que, segundo Gomes (2016), é entendido a partir de duas ideias definidoras. A primeira delas se volta para o fato de o gênero se referir a atributos culturais associados a cada um dos sexos, contrastando-se com a dimensão anatomofisiológica dos seres humanos, estruturando-se como culturais e produzindo efeitos para a produção/reprodução/modelação de ser homem e ser mulher em dada sociedade. Outra ideia definidora é de que os modelos de gênero se constroem a partir de uma perspectiva relacional, significando que o que é visto culturalmente como masculino só faz sentido a partir do feminino e vice-versa.

Essas diferenças de gênero, construídas a partir de uma subjetividade social em que há a separação de tarefas e de papéis construídas são claramente identificadas na fala do Pai 2:

[...] é que aqui, entre aspas, o papel está invertido. Ela (esposa) passa o dia todo fora de casa, então eu consigo ver coisas. Eu vejo ela (filha) calma o tempo todo. Quando a Jéssica (esposa) chega em casa, ela vira um furacão, só que, geralmente, o que é? A mãe acalma e o pai chega agitado. Então eu digo: Jéssica fica calma! Eu acalmo. Ela (esposa) quando chega do plantão, às vezes ela sai de um plantão muito acelerado, então tem que tomar um café, só que às vezes eu não tô a fim, e aí a bomba tá feita. Mas assim, o instinto maternal está muito mais em mim !!! Uma visão bem machista, mas que todos têm. (Pai2)

Observa-se, por meio da fala do Pai 2, como eram definidos para ele os papéis de mãe e de pai. A partir do seu questionamento sobre o instinto materno, identifica-se que ele possui dificuldades em estabelecer sua identidade paterna, uma vez que tem exercido atividades culturalmente vista como femininas.

As mudanças que estão ocorrendo no interior das famílias trouxeram impactos, porque influenciaram as condutas e comportamentos sociais de homens e mulheres e os papéis assumidos por esses na família, papéis de esposo e esposa, mãe e pai. As formas diferenciadas de assumir tais papéis, de expectativas recíprocas e de exercer atitudes, geraram, por sua vez, outras formas de interação e vinculação na família (MOREIRA, RABINOVICH, ZUCOLOTO, 2016).

Dessa forma, a vinda de uma criança implica na introdução da definição de pai, de mãe e de família, na ordem de significações e nas identidades do casal, bem como o ajustamento de socializações passadas a um novo quadro de socialização (MARINHO, 2011). Assim, possivelmente o Pai 2 encontrava-se em transição na família, nos papéis e tarefas, o que faz emergirem seus percursos para o seu desenvolvimento, uma vez que, antes da chegada de sua filha Milena, ele trabalhava o dia inteiro e sua esposa estudava e cuidava da casa, e após o nascimento da filha modificou completamente sua rotina, vindo para dentro de casa, e sua esposa indo para esfera pública garantir o sustento da família.

Segundo Bronfenbrenner (1996), a importância das transições ecológicas deriva-se do fato de elas constantemente envolverem uma mudança de papel, a capacidade de alterar a maneira pela qual a pessoa é tratada, como ela age, o que ela faz, sente e pensa. Entretanto, essas modificações não ocorrem somente com a pessoa que está no processo de desenvolvimento; ocorrem, também, com as outras pessoas que estão em seu contexto.

Devido às alterações que vêm ocorrendo no contexto familiar, observa-se que os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe vêm se modificando e, com essa realidade, alterando-se também as responsabilidades e as tarefas no cuidado com os filhos e com a casa. Percebe-se que um novo perfil de mãe e também de pai começa a ser delineado dentro do contexto familiar, parece ser um desafio da contemporaneidade configurar as relações familiares, ou seja, as interações de pai e de mãe com os filhos e com eles próprios. Além destes aspectos, é importante destacar que pode haver diferenças na forma de pai e mãe exercerem papéis

similares. Goetz e Vieira (2015) partem do pressuposto de que não existe uma única maneira de desempenhar papéis.

Na entrevista narrativa do Pai, 3 também é possível identificar a dificuldade que teve de perceber que as tarefas desenvolvidas por ele eram de responsabilidade de pai e de mãe, e não somente de sua ex-esposa, como se observa na fala.

[...] eu trabalhava e chegava em casa e ficava com ela o tempo inteiro. Eu fazia faculdade nesse tempo, mas na maioria da vezes eu não ia e ficava em casa com ela, então quer dizer eu levava falta direto, e rodava e repetia matéria. Tanto é que jubilei pra ficar com a guria (filha) e acabei ocupando o espaço da minha ex-esposa, porque eu chegava em casa e a guria não me via o dia inteiro. E aí quando eu chegava em casa, eu pegava ela pra mim, ficava cuidando, cuidava, dava banho, ficava com ela no colo, brincava, e aí acabei tirando um pouco de espaço dela [...] aí eu disse pra ela (ex-esposa): Vou deixar ela contigo, porque eu acho que até pra ti vai ser bom, pra tu poder exercitar teu lado mãe. (Pai 3)

Por meio das falas do Pai 3 identifica-se que ele considerava que sua ex-esposa não exercia o papel de mãe, uma vez que não se fazia tão presente como ele. No entanto, ao construir uma nova família, identificou que sua forma de exercitar a paternidade se repetiu, e que este fato ocorreu, segundo ele, porque possuía mais jeito com as crianças.

[...] e aí agora, até um tempo atrás, foi com o Antônio, e eu já tinha começado de novo, ele tava bem apegado a mim. A Liandra (esposa) não é muito de brincar com as crianças, não tem jeito pra ficar parada brincando, ela não tem, é uma coisa que não é dela! E eu assim pego a Lili (filha) mesmo aqui, eu na sala sento no chão, fico brincando com ela sento ela, nas minhas pernas, tanto que, se eu sentar agora aqui no chão e cruzar as pernas, ela vem e senta nas minhas pernas e fica brincando. Então assim, digamos que eu tenho jeito pra criança. E, claro, como eu tenho jeito, eu acabo entrando no terreno do outro, sabe, e às vezes a pessoa fica chateada com isso. Uma vez mesmo a Liandra começou a reclamar de mim: “Porque tu tá tomando meu espaço, e não sei o quê...”. E eu então disse pra ela: Se tu queres, então eu me afasto e tu toma teu espaço, tu não faz e eu quero fazer, queres mudar? Aí comecei a me afastar e aí ela viu que não era proposital, não era proposital, era uma coisa que era minha. (Pai 3)

A fala do Pai 3 nos mostra que não são somente os homens que estão em conflito com as novas demandas da paternidade dentro da família contemporânea, mas as mulheres também.

Na revisão feita por Marinho (2011), foi abordado sobre o protagonismo feminino no envolvimento paterno, comportamentos esses que são denominados na literatura de *gatekeeping* materno: um conjunto de crenças e comportamentos definidos como tendo três dimensões: 1) a relutância da mãe em renunciar à

responsabilidade sobre os assuntos da família, estabelecendo padrões rígidos; 2) a validação exterior de uma identidade de mãe; e 3) concepções diferenciadas dos papéis na família que inibem principalmente o esforço de colaboração entre homens e mulheres nas tarefas familiares, ao limitarem as oportunidades dos homens de aprenderem e crescerem na área das atividades domésticas e do cuidar dos filhos.

Para o Pai 5, as atividades realizadas por ele no seu contexto familiar também foram provenientes de uma troca de espaços que antes eram ocupados pelas mulheres. “[...] no início da minha apresentação para a professora ela perguntou o que eu fazia e eu disse que agora eu sou doméstico, arrumo casa, arrumo roupa, entendeu? Eu cuido da minha filha e inverteu papel” (Pai 5).

As entrevistas narrativas mostram o conflito que esses homens viviam em relação à definição dos seus papéis de pais e aos papéis de mãe, julga-se importante trazer o conceito de cooperação parental.

A cooperação parental configura uma coparentalidade. É organizada por uma partilha ampla e flexível entre o pai e a mãe, realizada num fazer em conjunto. Assenta numa negociação de equilíbrios flexíveis entre a igualdade e a parceria fusional, que leva à combinação de diferenças, de equivalências e de interdependências nas práticas paternas e maternas (MARINHO, 2011).

Barreto (2013) traz o conceito da parentalidade a partir da teoria de Erikson, que afirma ser uma eficaz estratégia para cuidar de alguém, seja um filho ou outra pessoa, contribuindo para o futuro. Para esse autor, a parentalidade não dialoga com os papéis de gênero e, com isso, perdemos, nessa categoria psicológica de pessoa humana, as especificidades estruturantes entre homens e a mulheres, as diferenças e exigências que sobre eles recaem.

Assim, o fato de esta definição de parentalidade não destacar a diferença entre os gêneros acaba por gerar uma suposta horizontalidade entre cuidado parental e o que se espera de homens e mulheres no cuidado dos filhos (RIBEIRO, GOMES, MOREIRA, 2017).

A cooperação parental esteve presente nas entrevistas narrativas dos homens pais desde o início da apresentação deste estudo. No entanto, apenas alguns homens, como Pai 4, Pai 8 e Pai 11, conseguiram ter essa percepção.

[...] os dois fazem tudo, as únicas coisas que eu me travo e não consigo fazer direito é roupa. É tamanho de roupa que, se eu tiver que comprar, vou comprar pequena ou grande demais, não vou saber escolher, mas se for acordar, dar banho, fazer comida pra mim é tranquilo. (Pai 4)

[...] Tem muitos pais que parecem que têm vergonha. Ah, eu troco as fraldas da minha filha, eu dou banho, e acho que eles ficam com vergonha de falarem que fazem isso. E eu não tenho vergonha, não tenho problema nenhum, assim como minha esposa pode fazer, eu posso fazer, não tem por quê. Ah, porque ele é homem, não vai fazer. A gente tem muito essa cultura, porque é homem não pode fazer, e se faz não é homem, e não é assim, eu acho que isso tem que mudar e espero que esteja mudando. (Pai 8)

[...] Tanto as coisas que dependia de mais cuidado, como, por exemplo, o tratamento do umbigo, que tinha que pôr álcool, era eu que cuidava, a parte das fraldas, o banho na primeira semana foi eu que dei. Minha esposa ficou uns dias na cama por causa dos pontos da cesárea [...] nós compartilhamos os cuidados deles. (Pai 11)

A cooperação parental e conjugal é menos referenciada a modelos de papéis e mais negociada entre o casal, incorporando uma cultura igualitária e de comunhão no casal, que aproxima papéis parentais de homens e mulheres, por meio de diferentes configurações de práticas de duplo cuidar (MARINHO, 2011).

Ainda nesta perspectiva, um dos participantes, Pai 2, narrou as dificuldades e preconceitos que enfrentava ao transitar nos espaços utilizados pela filha que, até então, eram fortemente vistos como somente da mãe. Um desses espaços de que ele fez fortes críticas foi o ambiente escolar.

[...] hoje tive uma discussão com a orientadora pedagógica da escola da Milena, porque fizeram os Dias das Mães hoje e pediram uma foto e a Milena não ia à aula. Então eu liguei pra lá e disse: Olha a Milena não vai na aula hoje. Tinham pedido uma foto, enfim, aí me responderam: “Ah, não te preocupa, é para hoje à tarde, que vai ter uma amostra para as mães. E eu: Opa! que amostra para as mães? Aí ela: “É quando a mãe chegar, vai ter um painel. “Aí eu: Pera aí, mas que painel, que mães?? Vocês sabem se a mãe da Milena vai buscar ela? A mãe da Milena nunca vai buscar ela! Aí eu disse: Pô! em pleno 2017, vocês fazerem uma surpresa com painel para as mães quando buscassem os filhos, vocês não levaram em consideração que os pais podem ir buscar os filhos? A Milena tá na escola desde março e a Jéssica infelizmente só conseguiu buscar duas ou três vezes na escola. Vocês partem do pressuposto de que a mãe vai buscar, dentro de que realidade vocês vivem? E aí eu te pergunto? É isso que vocês estão passando pra Milena? A orientadora pedagógica respondeu: “Não, a gente não pensou nisso porque o grande evento é amanhã”. Mas vocês fizeram uma surpresa, então aí já se aprofunda em outra discussão, porque grupo de “Whats” dentro da turma quem participa são as mães, os pais não participam e eu fico sabendo como? A ideia é, eu disse isso para a orientadora pedagógica: O pai não é um agente passivo, um procriador, hoje! Não, ele é um ativo dentro da educação, dentro da criação, e eles por vezes invertem o papel e, aspas bem grande, porque não é uma inversão de papéis é um complemento do casal. (Pai 2)

Apesar de o Pai 2 levar e buscar sua filha todos os dias na escola, possuía

dificuldades de ser enxergado como referência no que se tratava dos assuntos escolares. As demandas do ambiente escolar inibiam o pai a engajar-se nos processos proximais com a filha. Dessa forma, surgiram questionamentos de como então a sociedade pode ser educada para tal, se a própria escola não está percebendo e, portanto, não educa para a cooperação parental?

A importância do papel do pai na educação e no desenvolvimento da criança leva à necessidade crescente de os profissionais de diversas áreas compreenderem melhor a inserção paterna na dinâmica familiar. O pai não pode ser percebido apenas como um coadjuvante no cuidado e apoio à mãe, visto que ele influencia e é influenciado na interação com a criança e com os demais membros da família. Ao mesmo tempo, é importante que os profissionais tenham clareza de que essas interações são fortemente moldadas, tanto pelas características pessoais de cada homem, quanto pelo contexto no qual estão inseridos, como pelo contexto histórico em que estão vivendo (GOMES, 2016).

Ainda este mesmo pai mencionou os preconceitos que enfrentava por apenas sua esposa trabalhar e ele se dedicar aos cuidados da filha e da casa.

[...] e é um exercício diário, porque o mundo não te enxerga. O mundo não tá preparado. Todos os dias amigos nossos que tu vê que eles concordam, mas eles dizem: “Você fica em casa e não trabalha?” Eu acho que isso é um movimento, não é uma onda ainda, as coisas estão ainda se mexendo devagar, porque, assim, é uma opção de vida, é uma opção, é uma tendência de enxergar as coisas fora da caixa [...] faço parte de uma minoria. (Pai 2)

A maneira como Pai 2 comentava como as pessoas o viam estava pautada em uma cultura da paternidade hegemônica, pois, apesar de haver modificações na família contemporânea e o surgimento de um novo pai, estamos inseridos em um macrosistema no qual o Brasil é um país culturalmente patriarcal e em que a mulher ainda é a grande responsável pelo cuidado dos filhos e da casa.

Dentro dessa perspectiva cultural do nosso país, o trabalho remunerado é uma atribuição dos homens que tem como referência fundamental as concepções sobre paternidade e masculinidade. Assim, ter filhos pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral (VIEIRA et al, 2014).

As narrativas de Pai 1 e Pai 4 revelaram que percebiam e refletiam sobre as desigualdades de gênero do contexto em que estavam inseridos.

[...] porque é esta a realidade que existe na nossa sociedade, em que existe coisas que é o homem pra fazer e o que é da mulher fazer, e nós evoluímos. Evoluímos, mas continuamos com esses princípios em que não faço isso porque é de mulher, não faço aquilo porque é de homem, e termina que a mulher está ali de uma forma estafante, cheia de afazeres. Hoje ela trabalha fora, cuida da casa, cuida dos filhos, vai a reuniões da escola, e o homem não, tem que trazer o alimento pra casa e botar os pés em cima do sofá e ver jornal? Ou assistir um futebol? Então, essa forma de relação que eu procuro construir diferente. Eu sou muito caseiro, então acho que eu posso trocar qualquer coisa para estar com meus filhos. (Pai 1)

[...] o machismo é muito forte, tu é criado vendo teu pai parado em casa e tua mãe fazendo tudo, lá em casa nunca aconteceu, mas acontece. E aí a mãe diz pra menina: “Vai lá ajudar a lavar a louça”. E o menino ali na sala com o pai. Claro que por isso que alguns casamentos não dão muito certo. Um exemplo: esses dias um amigo dizendo que, quando ele morava com a mãe, abria o guarda roupa e tava tudo dobrado pra ele e, agora, morando sozinho, quando volta pra casa, a pia está sempre cheia de louça suja. O meu cunhado é assim, minha sogra é muito disso, às vezes ela me protege de coisas que ela não tem que me proteger. Ela diz pra minha esposa: Por que ele tá lá lavando roupa e tu tá aí sentada? Por que ele fez almoço, lavou louça, fez tudo, e tu tá aí sentada? (Pai 4)

O Pai 4 observou que sua esposa foi criada em um contexto que se diferiu do seu, pois, desde pequeno, ele e sua irmã foram criados da mesma maneira, não havendo diferenças por ele ser menino. Salientou que sua sogra possuía dificuldades de entender a forma como desempenhava a parentalidade.

[...] eu tava no quarto, levantei e disse pra minha filha, que tava no colo da minha sogra: Levanta e vamos pro banho. E aí ela (sogra) disse: “Parece que tens ciúmes, só porque a guria tá no meu colo. Então tenho que explicar que não é ciúmes, é pra deixar ela de banho tomado. (Pai 4)

Nessa conjuntura, Gomes (2016) aborda a necessidade da discussão sobre identidades de gênero na sociedade brasileira, pois é preciso que seja refletida nas dinâmicas sociais por meio das quais estas são socialmente construídas, como a família, a circunvizinhança, a escola, o credo religioso, entre outras que atuam naturalizando certos pressupostos estereotipados. Assim, os arcabouços de gênero que se constroem socialmente, tanto na infância como na adolescência, serão absorvidos por meninos e meninas como se fossem próprios. Esses construtos, ao longo da vida social, vão orientar a sexualidade, os manejos dos afetos, a adequação do vestuário e da cor, a escolha da profissão e a divisão sexual do trabalho. Homens e mulheres vão paulatinamente construindo sua identidade social e de que maneira mostrar-se-ão na organização social da vida privada e pública (GOMES, 2016).

Assim, foi possível identificar nas narrativas de Pai 5 e Pai 11 o quanto o discurso e o estereótipo femininos estavam atrelados à fragilidade, a cores e

comportamentos adequados, o que fez com que esses homens acreditassem que tinham que cuidar das filhas de forma diferente dos filhos.

[...] eu criei uma barreira por ela ser uma menina, por ela ser uma inocente, um anjinho, mesmo eu sendo o pai, eu não conseguia, dar banho e, se fosse menino, com certeza seria diferente, mas assim de jeito nenhum, e ver peladinha nem pensar [...] e até hoje assim ela cisma em que querer ver eu no banheiro: “Ah, tu faz xixi de pé papai?”- Sim, eu faço, mas sai daqui e some (risos). (Pai 5)

Se fosse menina eu acho que eu iria acabar criando que nem guri, por exemplo, a questão de enfeitar, arrumar o cabelo, acho que menina teria que ter mais delicadeza. Eu acho que eu sou meio desajeitado, ogro, eu não conseguiria fazer tão bem assim. Eu noto pelos meus cunhados, que eles têm uma filha e a guria é superprotegida, cheia de coisas, e eu acho que, se eu tivesse que arrumar pra escola, iria ser uma maltrapilha. (Pai 11)

Questões semelhantes foram encontradas em um estudo de cunho etnográfico com famílias de um bairro de periferia de uma capital nordestina, o qual mostrou que a participação dos homens no cuidado da saúde das crianças era diferente para meninos e meninas. Homens e mulheres consideram que a menina precisa de mais cuidados corporais que o menino, na higiene e na arrumação. Para os informantes do estudo, os cuidados que envolviam a manipulação do corpo eram considerados “negócio de mulher”, algo que a mulher faz melhor, como parte de seus instintos e porque desde cedo se preparou para isso. Para essas famílias, a presença paterna era importante para que se conseguisse manter padrões rígidos de educação, assim como a pessoa mais adequada para conversar sobre sexualidade com o filho homem (BUSTAMANTE, 2005).

A partir dos resultados apresentados, é possível identificar a importância de haver reflexões e discussões nas esferas públicas sobre as desigualdades de gênero, sobre responsabilidades e papéis dos pais e a cooperação parental, uma vez que as modificações familiares recém apontadas não resistiram a padrões antigos e desiguais.

Assim, a próxima categoria a ser apresentada irá abordar os sentimentos e reflexões do pai contemporâneo.

6.3. Dimensões argumentativas que emergiram das entrevistas narrativas

Nesta etapa da pesquisa, apresento as dimensões argumentativas, ou seja, a legitimação do que não foi aceito pacificamente na história e as reflexões em termos

de teoria e conceitos gerais sobre os acontecimentos, conforme Schutze (1977). Neste estudo, emergiram reflexões e sentimentos dos homens pais sobre o exercício paterno no atual período contemporâneo. Assim, surgiu a categoria: **Reflexões e sentimentos do pai contemporâneo, representada no quadro 2.**

Quadro 2 - Dimensões não indexadas baseadas em Schütze (1977) e Bauer e Jovschelovitch (2013).

Proposições não indexadas	
Dimensões descritivas	Dimensões argumentativas
	Reflexões e sentimentos paternos na contemporaneidade

6.3.1 Reflexões e sentimentos paternos na contemporaneidade

Durante as entrevistas narrativas, alguns homens refletiram sobre a forma como estavam desenvolvendo a paternidade. Essas reflexões permearam principalmente a temática de educação dos filhos.

Na narrativa do Pai 11, a forma de educar seus filhos lhe trazia inquietações, pois possuía inseguranças em relação ao nível de rigidez que deveria impor aos seus filhos para que conseguisse pôr os limites que julgava necessário.

[...] eu acho que eu sou mais enérgico com eles, às vezes eu tenho um certo receio de estar sendo muito repressor, eu tenho essa impressão. Normalmente os filhos acabam respeitando mais os pais do que as mães, pelo menos eu tenho essa impressão. Então, às vezes eu tenho que colocá-los de castigo e algumas palmadas também, porque eles testam a gente. Tem uma certa idade que eles testam mais do que outras. O menor está numa idade agora pra testar a gente, ele faz as coisas e fica olhando pra ver se a gente vai reagir, se vai impor algum limite ou não. Então eu tenho um receio grande que daqui a pouco eu estou passando do limite da educação. Isso é o que eu mais sinto dificuldades na educação deles, é uma coisa que eu fico pensando: poxa será que eu não excedi? Não me passei do limite, não poderia ter tentando de outra forma. (Pai 11)

Os pais deste estudo sentiam-se preocupados com a educação dos filhos porque, culturalmente, os homens possuem este papel no contexto da família. Estudo etnográfico de Bustamante (2005), com famílias de um bairro de periferia de uma capital nordestina, mostrou que as mães consideravam a presença paterna era importante para que conseguissem manter padrões rígidos de educação, assim como a pessoa mais adequada para conversar sobre sexualidade com o filho homem.

Por meio da entrevista narrativa do Pai 5, nota-se que ele também possuía percepção semelhante ao Pai 11, em que a figura paterna tem papel central na

educação dos filhos. “[...] às vezes, a gente para pra conversar sobre a criação, eu mesmo repreendo bastante e não deixo fazer o que quer, a minha esposa já deixa, e aí já criou um respeito por mim”. (Pai 5)

Segundo Goetz e Vieira (2015), enquanto a mãe tende a se relacionar com os filhos de uma forma mais estável e confortável para a criança, o pai geralmente desempenha tarefas em que a criança possa ser desafiada, estimulada, e que permitam o estabelecimento de regras, de disciplina e das relações de poder. Observa-se que a interação do pai pode ocorrer de modo diferenciado da interação da mãe, mas ambos conseguirão estabelecer relações de qualidade e tanto um quanto o outro terão importantes contribuições na vida da criança.

Assim, a forte construção social do papel de pai viril, forte, provedor, sendo o responsável pela educação e impor limites ao filho (VIEIRA et al, 2014). No entanto, esses pais questionaram-se sobre a forma como estavam exercendo a educação dos filhos, preocuparam-se se estavam sendo rígidos e indo pelo caminho certo.

[...] criança tem que ter limite, tem que ter respeito, às vezes fico pensando: será que a gente está no caminho certo? Será que estamos no caminho certo, da maneira correta? Eu consigo acreditar que sim, mas vai saber, no futuro lá depois, vai saber [...] mas eu vou te dizer que as teorias caem por água abaixo, podes ser o entendedor do Piaget, mas cai por água abaixo, porque eles te dão uma volta que tu não tem noção, mas é bom. Eu gosto bastante, se eu tivesse condições de ter outro filho agora, eu teria. (P5)

[...] eu me cobro porque, poxa! será que eu tô educando da forma correta meu filho pra tornar mais cascudo e ter essa resiliência que é necessária? Ou será que eu tô cobrando demais e tô tirando um pouco dele aquela capacidade de sozinho tirar suas próprias decisões. Então é um jogo que a gente tem que tá jogando no escuro [...] Eu não tenho a convicção que eu esteja fazendo da forma mais correta, eu já li alguns livros sobre a educação infantil e eu fico sempre nesse pensamento que talvez eu não esteja fazendo ou cobrando demais, ou por algum lado não dando o incentivo que deveria. (Pai 11)

Por meio das falas de Pai 5 e Pai 11, observam-se homens preocupados com a forma com que exercitavam a paternidade, percebem-se pais que experienciaram a paternidade permeada por vários sentimentos, preocupações, angústias e dúvidas.

No contato mais próximo com os filhos, o pai percebe que, para uma criança, não basta que as suas contas sejam pagas e que esteja bem alimentada. Um filho exige o amor e o carinho de quem o cria, fazendo com que o homem pai perceba o quanto são imprescindíveis a sua presença e o seu afeto para com a criança. A partir desses valores, os pais passam a ter um importante papel na vida do filho,

possuindo maior interação na educação e cuidados, preocupando-se em passar para a criança valores, regras morais e limites (GABRIEL, DIAS, 2011).

Para o Pai 2, transmitir os valores morais e limites tinha sido uma tarefa difícil, e que lhe trazia muitas dúvidas e anseios.

[...] não sou um pai perfeito, não, não sou. Tem horas que eu grito com a Milena. Às vezes eu perco as estribeiras com ela. Ela tem um problema de hierarquia muito grande, ela é teimosa [...] Mas tu começa a ver coisas da tua criação, compara o tempo todo, você vê o que faria e o que não faria, por vezes, me sinto muito culpado, por vezes acho que tô no caminho certo. (Pai 2)

Observa-se que Pai 2, ao educar sua filha, buscou referências da sua educação enquanto criança. Em muitos momentos se lembrava de como seu pai o educava e refletia sobre sua forma de educar.

Hoje eu tava me lembrando que ela queria ir mais cedo pra aula e eu dizendo que tem horário pra ir. E aí eu me lembrei de uma situação com meu pai, em que eu aprontei e ele deixou todo o tempo passar, e quando eu cheguei em casa que ele me deu a bronca, mas assim eu pensando: que não sei onde tenho que mudar! [...] Quando eu nasci o pai tinha 42 anos, 42 anos... há 20 anos atrás era muito diferente dos 42 anos hoje. Tem outra visão, outros acessos diferentes, mas mesmo assim ele deixou eu terminar tudo pra depois me dar bronca. Então assim, eu em função dela em querer, em ficar enchendo o saco porque quer ir para escola antes do tempo, tu fica pensando a diferença dele comigo e o que eu faria com a ela (filha). (Pai 2)

Por meio da fala na entrevista narrativa do Pai 2, observa-se o quanto as interações desenvolvidas nas díades pai-filho são importantes para o desenvolvimento da criança, pois esse pai, nos momentos difíceis da educação da sua filha, lembrava da forma como seu pai o educava.

Por meio do seu próprio pai, o homem procura constituir a sua forma de exercer a paternidade. O homem cria para si um novo pai, o qual possui características da figura paterna que teve e da sua própria maneira de ser pai (GABRIEL, DIAS, 2011).

Além do Pai 2, outros pais como Pai 1 e Pai 11 trouxeram reflexões sobre as interações que tinham com seus pais, e o quanto esta lembrança refletia no seu exercício paterno.

Me sinto responsável pelo meu filho, mas que outras pessoas sejam tão responsáveis como eu sou com meu filho [...] Se eu tivesse que proibir ele de uma viagem porque essa viagem traria a ele alguma insegurança, eu preferiria mais a cara feia dele comigo, que eu sei que ali adiante iria se consertar, porque eu levei muito tempo pra consertar, isso que foi uma dor muito grande que eu tive com meu pai [...] Eu passei em um exame da Aeronáutica, passei pra ser 3ª sargento da Aeronáutica e meu pai me entregou a carta umas três semanas depois que saiu o resultado, não

permitindo que eu fosse. Eu era menor, meu pai era responsável e ele não me deixou ir e isso me criou uma mágoa e um ressentimento muito grande. Eu não tenho vergonha de te confessar que até hoje, quando eu olho pra um avião, ainda mexe com meus sentimentos bastante. Foi uma coisa que tá ali guardada, mas eu só fui entender meu pai quando eu comecei a entender que vários aviões tinham caído em instrução de voo e tudo. Eu via os aviões caindo e eu poderia estar dentro de um desses, então, depois que a gente começa a ter esse entendimento, as coisas mudam. Então essa foi uma das formas que eu consegui aceitar isso. (Pai 1)

Quando meu pai foi me ensinar a dirigir eu devia ter uns 15 anos, quando eu comecei a sair mais pra jogar futebol nos finais de semana, e aí meu pai foi me ensinar a dirigir, mas ele não tinha muita paciência e às vezes eu acho que eu não tenho muita paciência, acho que não ficamos muito longe dos nossos pais. (Pai 11)

As falas de Pai 1 e Pai 11 mostram que esses homens, de certa forma, reproduziram alguns comportamentos paternos. No estudo realizado por Gabriel e Dias (2011), resultados semelhantes apareceram. Alguns pais vislumbram a paternidade exercida pelo próprio pai de maneira diferente de quando eram apenas filhos. As dificuldades que sentiam talvez expliquem algumas atitudes tomadas pelo próprio pai, principalmente na sua infância e adolescência. No contexto da paternidade, o filho passa a enxergar o esforço e as boas intenções que seu pai tinha, tentando alcançar uma posição ideal entre a sua experiência como pai e como filho, aceitando eventuais falhas, suas e do próprio pai, reconhecendo que as suas intenções com o filho são as melhores, sendo os erros advindos da tentativa de fazer o melhor.

Pai 2 se preocupava para que Milena, sua filha, não tivesse preconceitos, e refletia sobre diversas formas de passar para ela os valores morais e éticos que acreditava serem os certos. Mencionou também sobre os ambientes que Milena ocupava e a importância desses para que ela se desenvolvesse uma pessoa com valores.

Você não tem amigos negros, bissexuais, amigos homossexuais, não! Você tem amigos! E aí sempre converso com a Milena que ela não precisa ter vergonha dos seus amigos, você não é mais que seus amigos [...] Aí eu vi que isso tava dando errado, porque a Beatriz é da idade dela, filha do nosso amigo, nós temos uma relação de 21 anos e ela me disse assim (sua filha): “Eu não gosto de pessoas negras.” E eu disse pra ela: Como assim? por quê? Ela disse: Porque eu tenho medo deles!”. Então eu disse: E a Beatriz? E ela me perguntou: Como assim? E eu: A Beatriz é negra! Ela: “Não, mas a Beatriz é minha amiga”. Então eu pensei: alguma coisa eu não tô conseguindo passar pra ela bem. Aí, esses dias, eu conversando com uma amiga minha, que ela é educadora de séries iniciais, então eu perguntei: Como se lida com essa situação? [...] então eu mudei o discurso com a Milena e essas coisas melhoraram, mas, mesmo assim, tem coisas que me preocupam, por exemplo, existem poucas pessoas negras na escola que ela está. Isso é um problema e eu não sei como lidar com isso, é uma coisa que eu tô pensando em como fazer, porque a escola molda muito (Pai 2).

A família constitui-se como a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social (DESSEN, 2007).

Reflexões sobre temas que vêm surgindo no período contemporâneo também permeavam as inquietações do Pai 2. Ele acreditava que o diálogo aberto com sua filha era a melhor opção.

[...] por vezes eu tenho um medo automático que, por ser menina, eu posso superproteger [...] Então tem coisas que vão ser mais fáceis e outras que vão ser mais difíceis. Então você tem que ter um meio termo, nisso tudo existe a questão hoje toda voltada para a homoafetividade, que você não pode negar isso, fechar os olhos pra isso e pensar: não, o mundo vai se encarregar disso, não! Você tem que dar tranquilidade pra ela poder, quando chegar no tempo dela saber, seja uma escolha, seja afloramento da idade dela. E que isso se torne normal, vai se conversar, saber que é difícil, que é complicado, que é um caminho difícil, mas que vai ter o suporte em casa. Então isso tudo, no dia a dia, você vai pensando o que fazer e o que não fazer. [...] As questões de drogadição, mais hoje por questão de acesso. [...] O diálogo muito aberto. Acho que o principal é o exemplo, às vezes a gente tenta se segurar nisso, não tenho e nunca tive problemas de alcoólatra em casa. Meu pai nunca foi alcoólatra, então isso facilitou muito, por outro lado, várias situações conflituosas ao qual eu não sei o que fazer,

porque não tive exemplos. Então, quando acontece alguma situação muito próxima, eu fico constrangido, porque nunca fez parte do meu mundo passar por situações dessas. (Pai 2)

A narrativa do Pai 2 apontou para um pai que se preocupava com a forma com que estava educando sua filha e procurava nas experiências vivenciadas exemplos para conseguir propagar seus valores. Nesta conjuntura, observa-se que, diante das inseguranças que surgiram sobre a forma correta de educar os filhos, os pais estavam desempenhando papel importante no seio familiar.

Nessa perspectiva, a família é considerada a primeira instituição socializante a promover nos educandos comportamentos, atitudes e formas de pensar, que tem um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental das crianças, funcionando como o intermediário entre estas e o mundo que as rodeia (GOMES, 2016). A família tem, portanto, impacto significativo e forte influência no comportamento dos indivíduos, especialmente das crianças, que aprendem as diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (DESSEN, 2007).

É possível identificar que as preocupações que alguns pais deste estudo (Pai 1, Pai 4 e Pai 11) possuíam estavam atreladas a temas que vêm sendo discutidos na contemporaneidade, principalmente por meio das mídias. As apreensões eram desde educar os filhos para não terem preconceitos raciais e de gênero, até o fácil acesso a qualquer tipo de informação, as orientações sexuais e o uso de drogas.

[...] eu acho que isso de eu criar os meus cuidando para que eles nunca se envolvessem com droga vem daquela orientação desde cedo [...] orientar sobre isso diante de todas as famílias, que eles já me acompanharam nas visitas dentro da comunidade terapêutica que eu ministrei. Fui pastor durante um período nessa comunidade, vendo essas famílias destruídas, uma vez no mês a gente juntava todas as famílias dos dependentes químicos e eles estavam ali junto comigo, me acompanhando, meus filhos e minha esposa. Então eles ali, vendo aquelas famílias e vendo como aquilo era prejudicial. (Pai 1)

[...] a gente vai tentando criar da melhor forma possível, tentando se valorizar, numa sociedade em que a mulher é desvalorizada. Eu digo pra ela: Tu é inteligente, tu pode ser o que tu quiser, tu tens que respeitar, mas as pessoas também têm que te respeitar. (Pai 4)

O mais velho, ele tem um bom coração, ele chega a ser ingênuo de tão bonzinho que ele é, mas ele tem esse problema que é falta de foco. Então, tem que ficar em cima dele o tempo todo cobrando pra ele terminar as atividades dele, porque às vezes ele se dispersa de forma muito rápida. E hoje também tem muita coisa que bombardeia de informações, é a televisão, é o jogo no computador, é muita coisa que bombardeiam as crianças. Então é difícil fazer com que elas mantenham a atenção com alguma coisa que não seja tão chamativa quanto a mídia, que fica

bombardeando com essas informações. Então eu entendo também esse lado que talvez na minha época ficava muito mais fácil, em que tinha que ler um livro e não tinha muitas opções no ano 80. (Pai 11)

As demandas que preocupavam esses pais nos dias de hoje provavelmente não preocupavam tanto seus pais quando eram crianças. Estudo realizado por Trindade e Beraldo (2016) encontrou achados semelhantes, em que ser pai na contemporaneidade é mais difícil do que nas gerações anteriores. Nesta perspectiva, ressalta-se a questão da mídia nestas compreensões, pois as informações veiculadas pelos meios de comunicação podem embasar percepções distorcidas da realidade, uma vez que estes meios também apresentam uma visão de mundo específica.

Segundo Bauman (2010), dispomos de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a Internet e a Web mundial, as autoestradas de informação que nos conectam de imediato, em tempo real, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos. O pesadelo da informação insuficiente que fez nossos pais sofrerem foi substituído pelo pesadelo ainda mais terrível da enxurrada de informações que ameaça nos afogar e nos impede de nadar ou mergulhar.

Nessa perspectiva, salienta-se que essas demandas advindas da globalização e que se fazem presentes na atualidade dificultam as interações das pessoas face a face, ou seja, os pais de hoje se defrontam com um mundo digital em que precisam estar atentos diariamente para não se deixarem interagir mais com a tecnologia do que com os filhos, assim como não permitem que os filhos percam a interação com o contexto familiar.

Alguns pais como Pai 1 e Pai 6 refletiram sobre as modificações que tinham ocorrido ao longo do tempo na forma de educar os filhos.

Antigamente a maioria dos pais eram radicais, se tivesse que passar a vara, se passava. E hoje eu vejo isso muito diferente, tem muito pai e muita mãe colocando coisas que não deveriam na cabeça dos filhos, até em questão de colégio, de não respeitar professor, em que o professor não pode falar. Em que não tem mais respeito, os próprios pais e mães de hoje com cabeça digital têm a cabeça estragada, tu vê pelas músicas, que é só pornografias, o que tá indo pra cabeça das crianças de 4 anos pega e eles cantam a música. (Pai 6)

Será que tempo de qualidade é tu jogar uma bola e levar teu filho pra beira do campo de futebol? Enquanto dizem um monte de palavrão, briga no meio

do campo, xingam o juiz, enquanto teu filho está na beira do gramado tem gente bebendo, se drogando, dizendo palavrão. Então, esse é teu tempo de qualidade? Não, tempo de qualidade seria se tu pegasses a bola e no teu pátio tu jogavas a bola pro teu filho e ele jogava pra ti. E aí os pais não gostaram, porque essa é a realidade. Eu já vi pai que vai para o boteco tomar cachaça e diz: “ Ó, ... pode dar umas balas ai pra ele e pode ir embora.” E ele fica ali bebendo. Acho que isso tem influenciado nos filhos que temos hoje, porque pai usando droga dentro de casa, é mãe usando drogas dentro de casa. É pai bebendo dentro de casa, é filho indo buscar garrafa de cachaça na venda [...]. (Pai 1)

Observa-se que os Pais 1 e 11 reconheciam o quanto a interação da família com a criança era importante para que ela se desenvolvesse o mais saudável possível.

A família também é a responsável pela transmissão de valores culturais de uma geração para outra. Essa transmissão de conhecimentos e significados possibilita o compartilhar de regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamentos, bem como a valorização do potencial dos seus membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências. Assim, conviver com a diversidade e identificar, ainda que de forma tímida, pais mais participativos, preocupados com a vida dos filhos e não apenas com o sustento econômico, significa transformações importantes no cenário familiar (DESSEN, 2007).

O pai pode assumir diferentes atribuições dentro do sistema familiar e na interação com a criança. É esperado que ele possa desempenhar funções de companheiro, provedor de cuidados, cônjuge, educador, provedor financeiro, dentre outras, sendo que em todas essas ele possui uma relativa importância e impacto sobre o desenvolvimento da criança (GOETZ, VIEIRA, 2015).

6.4 Agrupando e comparando as trajetórias dos pais contemporâneos

Neste momento do estudo abordarei o quinto passo, segundo Schütze (1977), e apresentado por Bauer e Jovschelovitch (2013), que compreende o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais que, neste estudo, envolvem a experiência de homens pais na construção da paternidade contemporânea.

Ao refletir sobre a construção da paternidade dos participantes, verifica-se um processo permeado por homens que possuíam características e vivências singulares. No entanto, todos tiveram influências do seu contexto mais próximo, ou seja, o microssistema familiar, sendo suas famílias o alicerce para esta construção.

Os valores transmitidos pelas famílias destes homens ajudaram no desenvolvimento de um pai responsável, carinhoso e ativo no cuidado e educação dos filhos.

A construção da paternidade ocorreu ao longo do ciclo da vida de cada um, sofreu influências e acompanhou as modificações históricas, econômicas, sociais e culturais que estavam ocorrendo no mundo. Desta forma, os homens pais encontravam-se em processo de desenvolvimento em um contexto marcado por intensas modificações familiares, em que suas mães já saíam para o mercado de trabalho e, apesar de ainda serem as grandes responsáveis pelos cuidados da casa e dos filhos, percebeu-se que alguns pais narraram a presença de compartilhamento de tarefas entre seus pais.

Apesar de este estudo contemplar um universo restrito de homens, é possível identificar que a inserção da mulher no mercado de trabalho foi um marco importante para que os homens tivessem uma participação ativa no cuidado com o filho e fortalecimento do envolvimento paterno. Dos 11 participantes, apenas com um, a esposa abdicou do trabalho para cuidar dos filhos e da família; e outro pai, tanto ele como a esposa trabalhavam em turno integral, conseguindo apenas o turno da noite para estarem com sua filha, o que, segundo esses dois participantes, não indicava que não fossem presentes e que não compartilhassem os cuidados com suas companheiras, apenas não conseguiam ter um tempo maior para ficar com seus filhos devido à necessidade de trabalharem e trazerem o sustento financeiro à casa. Quatro pais foram responsáveis pelos cuidados diretos aos filhos, pois três trabalhavam em casa (profissionais autônomos), e outro abdicou do trabalho para ficar em casa até o crescimento da filha, pelo emprego da esposa ser estável. E quatro possuíam empregos que eram de turno contrário ao das suas esposas, podendo assim dividir os cuidados e as tarefas da casa, e um era aposentado.

Apesar de os homens possuírem influências do período atual para construir suas formas de serem pais de maneira participativa, com envolvimento e descobrindo sentimentos até então inexistentes, eles não possuíam direitos que amparassem sua participação mais ativa nos primeiros meses de vida dos seus filhos e com sua esposa no período puerperal.

Por meio das entrevistas narrativas observa-se que a construção da paternidade esteve presente nos diferentes ambientes, desde aquele em que ele tinha relações face a face (microsistema), até no seu ambiente mais distante, em ele sofreu influências provenientes da cultura em que estava inserido

(macrossistema).

Ao se refletir sobre como os homens deste estudo identificaram seus papéis de pai e os papéis de mães, observa-se que alguns possuíam dificuldades de perceber as mudanças que estavam ocorrendo no cotidiano das famílias.

Apesar de a maioria dos participantes exercer um cuidado conjunto com suas parceiras, ou então o cuidado integral, eles possuíam dificuldades de enxergar sua identidade paterna dentro do contexto familiar, pois estavam condicionados a acreditar que na família a mulher deveria ser mais presente no cuidado do filho e da casa do que o homem.

Os homens deste estudo fizeram parte das mudanças das novas demandas da família contemporânea, em que a mulher saiu para o mercado de trabalho e também em busca da qualificação profissional, e assim exerceram a cooperação parental e conjugal no seu contexto familiar.

Observa-se que os pais deste estudo fizeram parte de um universo pequeno de homens que compartilhavam as demandas domésticas e do cuidado e da educação dos filhos com suas esposas. A realidade de grande parte das famílias brasileiras é diferente, pois a mulher ainda é a principal responsável por todas as demandas domésticas, cuidados dos filhos e provedora do sustento familiar (FLECK ; WAGNER,2003;BORSA,NUNES,2011).

Identifica-se que os pais possuíam inquietações, anseios e dúvidas sobre a forma como estavam educando seus filhos. Por diversos momentos se questionaram se estavam percorrendo o caminho certo e utilizavam algumas ferramentas como livros pedagógicos, religião, exemplos de familiares, amigos e pedagogos para conseguirem educar seus filhos da melhor maneira possível.

Alguns pais, quando refletiram sobre a maneira como educavam os filhos, fizeram uma comparação com a forma com que seus pais os educaram. Observou-se que os valores que eles tentaram propagar aos seus filhos eram oriundos das interações que tiveram em suas famílias e dos contextos que vivenciaram.

Alguns pais refletiram sobre a forma como as crianças eram educadas há algum tempo, quando eram crianças, e compararam com a educação que vivenciavam no momento da realização da entrevista narrativa.

Trouxeram algumas dificuldades que consideraram ser do contexto contemporâneo, como, por exemplo, as drogas e o mundo digital. Além disso, abordaram discussões que existiam há um tempo, mas que cada vez mais estavam

sendo combatidas e discutidas na contemporaneidade.

6.5 Trajetórias coletivas de homens pais na construção da paternidade contemporânea

Neste momento apresenta-se o último passo da análise de Schütze (1977), sistematizada por Bauer e Jovschelovitch (2013), em que se estabelecem as semelhanças por meio de uma comparação de casos. Esse processo permite a identificação de trajetórias coletivas.

Nessa perspectiva, e a partir do referencial teórico deste estudo, saliento que os homens pais construíram a paternidade a partir das interações estabelecidas nos diversos contextos.

No contexto mais imediato, o microssistema, observam-se as interações face a face que os homens tiveram com suas famílias e que foram fundamentais no desenvolvimento de uma paternidade participativa e responsável.

A partir das inter-relações que ocorreram nos microssistemas, temos outro ambiente, o mesossistema, que foi transitado por esses homens. Conseguimos visualizar a participação dos pais neste ambiente quando olhamos a sua rede social.

O macrossistema, no estudo, refere-se aos valores, normas e culturas sociais que influenciaram na construção da paternidade contemporânea. Estas influências apareceram principalmente na categoria sobre papéis de mães e papéis de pais, em que os homens estavam condicionados à cultura patriarcal vigente no nosso país. Assim como as normas e leis da licença paternidade que estão vigentes no Brasil e que, apesar das últimas modificações, ainda deixam a desejar no que se refere ao tempo do pai em casa com a criança.

Escolhemos apresentar as trajetórias coletivas por meio da rede social dos homens pais deste estudo, utilizando o Mapa Mínimo das Relações, por identificarmos ser uma ferramenta que permeia todos os contextos em que esses pais transitaram para construção da paternidade.

Segundo Sluzki (1997), os contextos culturais e subculturais em que estamos imersos, os contextos históricos, políticos, econômicos, religiosos, de meio ambiente, de existência ou carência de serviços públicos sustentam e fazem parte do universo relacional do indivíduo, e, em um nível mais microscópico, a rede pessoal pode ser definida como a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade.

As redes sociais são compreendidas como um círculo social constituído por laços de afinidade e familiaridade, formando uma espécie de teia que une as pessoas, a qual pode ser alterada com o tempo e com as mudanças ocorridas ao longo da vida dos indivíduos. As redes possuem características estruturais como o tamanho – no que se refere ao número de pessoas na rede, e podem ser pequenas, médias ou as muito numerosas; a densidade – a conexão entre membros independentemente do informante, em que as densidades variam desde pequena, a média e grande; a composição ou distribuição – proporção do total de membros da rede, que está localizada em cada quadrante e cada círculo; e a dispersão – a distância geográfica entre os membros (SLUZKI, 1997).

Considero as redes sociais importantes ferramentas de comunicação e auxílio social entre os seus membros. De acordo com Sluzki (1997), as funções das redes sociais se dividem em apoio emocional – incluindo disponibilidade de alguém com quem se possa falar e fomenta sentimentos de afeto; apoio material e instrumental – caracterizando-se por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas para facilitar ou diminuir tarefas cotidianas; guia cognitivo e de conselhos – interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos e papéis; regulação ou controle social – interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis.

Dessa forma, serão apresentadas as figuras correspondentes ao Mapa Mínimo das Relações e as características estruturais de cada rede formada pelos participantes da pesquisa. O conjunto de pessoas que formaram os vínculos dos pais no MMR foi representado por números identificados na legenda, e constituiu-se a rede social de apoio dos homens pais. Os participantes da pesquisa foram representados no centro dos quadrantes, pelo círculo vermelho.

Salienta-se que, durante a construção do MMR, os pais mencionaram não terem contado com o apoio de muitas pessoas para a construção da paternidade. No entanto, durante a entrevista narrativa, pude perceber que foram citadas várias pessoas e situações que se configuravam como uma rede de apoio, e tais evidências foram utilizadas para a construção dos mapas.

Mapa Mínimo das Relações do Pai 1

O mapa mínimo das relações do Pai 1 foi composto, em sua maioria, pela sua família, estando distribuídas no círculo interno do mapa e em maior número de pessoas. No que se refere às características estruturais da rede de Pai 1, pode-se considerar o tamanho, ou seja, o número de pessoas na rede, como médio. Para Sluzki (1997), as redes de tamanho médio são mais efetivas do que as pequenas e as numerosas, pois as redes mínimas são menos efetivas em situações de sobrecarga ou tensão de longa duração, e as redes numerosas, por sua vez, correm o risco de inefetividade baseada na suposição de que alguém já deve estar apoiando.

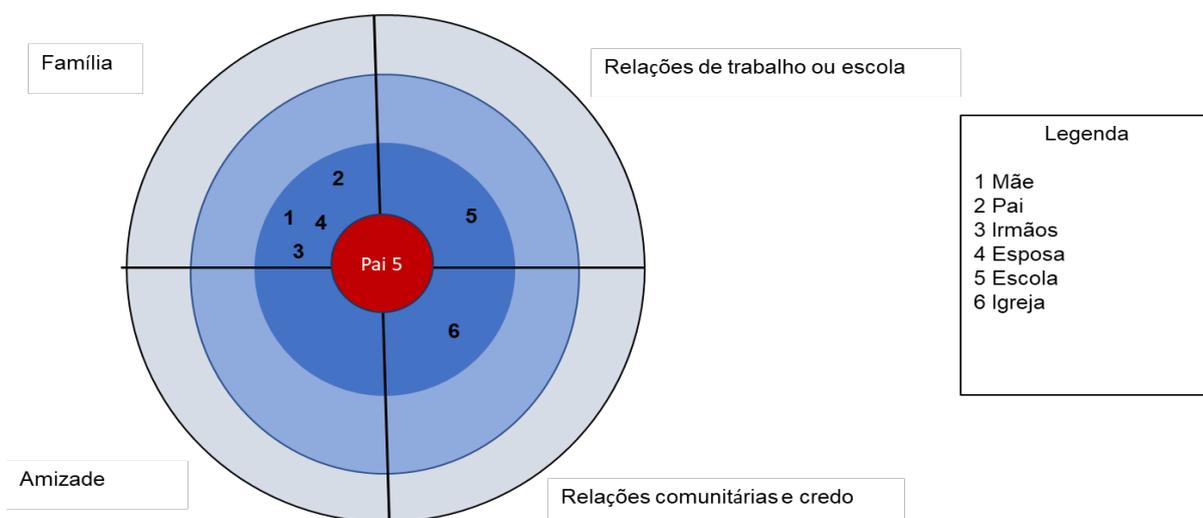


Figura 17 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 1. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Sobre as distribuições da rede do Pai 1, ou seja, a proporção do total de membros da rede localizada em cada quadrante e cada círculo, observa-se que o quadrante “amizade” não foi identificado como uma rede de apoio, e que os demais quadrantes foram significativos para este pai, tanto no seu exercício paterno como na sua construção paterna.

Para este pai, todos os quadrantes deveriam ser preenchidos e com vínculos próximos na vida de qualquer pessoa em qualquer situação, evidenciando assim uma rede de apoio forte em todas as relações. Isto é apontado na sua narrativa, momento em que o participante fez uma reflexão sobre o MMR.

Eu vi que tu tem esse mapinha e sair disso do centro pro núcleo do bairro, da família, do interior pra escola é ampliar isso pra uma visão maior de sociedade. Se esses valores que eu fui criado, eles fossem mais alimentados, nós teríamos uma escola melhor, nós teríamos uma saúde melhor, uma política melhor, teríamos uma comunidade melhor. Se eu for olhar isso só pra dentro do meu bairro, eu saio da porta da minha casa e tenho quatro ou cinco vizinhos. Agora, graças a Deus, eu tenho um único vizinho muito bom, porque há um mês eu tinha do lado da minha casa cinco ex-presidiários, e toda uma desconstrução familiar das mais terríveis possíveis, de brigas constantes dentro de casa, aquilo que a gente tinha que conviver, porque as paredes são assim grudadas. Hoje tu olha pro nosso bairro, se nos olhássemos como cada um cria seus filhos, há uma diferença muito grande, e eu tenho que preparar meu filho pra não ser segregador daquele outro. Tenho que conviver com ele e saber ter limites até onde ele pode ir com aquele coleguinha da própria quadra e, quando ele veio pra escola nesse conjunto todo nessa comunidade escolar haverá muitas diferenças que ele tem que aprender a viver com elas e saber onde tá o limite dele também, nesse convívio.

No que refere às funções, é possível identificar que, para Pai 1, tanto sua família como a escola se constituíam em apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, ou seja, havia interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos de papéis, como também é possível identificar a função de regulação, que é a interação que lembra e reafirma as responsabilidades e papéis do sujeito no mundo (SLUZKI,1997).

[...] a minha família foi tudo, foi a base para eu construir minha família, orientar minha família, vem da base familiar que eu tive.

[...] eu passei por uma escola em que ela tinha técnicas, eram quatro técnicas na época, técnicas comerciais, técnicas industriais, técnicas agrícolas e técnicas domésticas... e na sala de técnicas domésticas a gente aprendia a fazer bainha de calça, fazer merengue que a gente comia, fazia bolo e tinha uma parte... era dividido, ia todo o grupo pra dentro daquela sala de técnicas e tinha um grupo que ficava na parte de costura, depois ia invertendo, e depois tinha uma parte que a gente cuidava de criança, a gente botava fraldas em boneco... nós tínhamos teórica e prática na época, e isso me ajudou bastante (Pai 1).

A igreja representou para P1 uma rede de apoio próxima, local em que provavelmente ele era o apoio de muitas pessoas, pois realizava palestras e direcionava grupos de casais, momento em que conversavam sobre relações familiares.

Pai 1, durante o seu desenvolvimento, teve interações com outros ambientes além do microssistema família, e contou também com apoio da escola e igreja. Salienta-se que este pai, até o momento da entrevista narrativa, possuía vínculo forte com diversos ambientes, sendo participativo nas reuniões da escola em que seu filho estudava, na unidade básica de saúde do seu bairro, sendo membro do conselho, e na igreja que frequentava.

Mapa Mínimo das Relações Pai 2

A rede de apoio para o Pai 2 consistiu principalmente de sua família e amigos. Sua mãe morava com ele e sua esposa. Sua tia Ana era como uma irmã para ele, pois, além de ajudar nos cuidados de sua filha quando tinha que ir trabalhar, ela ajudou muito na sua construção paterna.

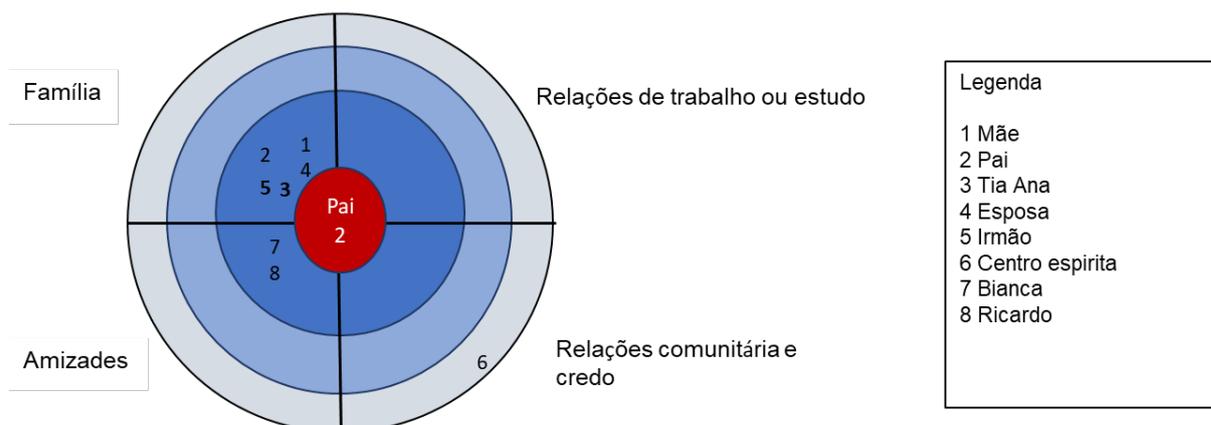


Figura 18 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 2. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Seu irmão, Antônio, morava em São Paulo, mas referiu possuir vínculo forte com ele, e que se mantinham próximos devido aos meios de comunicação, conversando sobre sua principal angústia: a forma de educar a filha.

[...] me preocupava em ver como é que eu ia dizer pra Milena que tipo, como é que ela vai se comportar quando pedir uma comida? Como é que vou dizer, como é que ela vai saber isso? Muito relativo, porque meu irmão mesmo disse que ele só conseguiu mostrar pro filho mais velho dele, quando ele viu o Antônio em situações de convívio fora do ciclo que ele tava acostumado. Eles estavam num jantar, aí o Antônio tava conversando com as pessoas e ele disse: "Bah! Pai, como tu é legal!". E aí o Antônio disse: Como assim?" - "Ah, tu trata as pessoas superbem, conversa e tal..." (Pai 2).

Os amigos, para Pai 2, possuíram papéis importantes na sua identidade como pessoa. Durante a entrevista narrativa, por diversas vezes, ele mencionou Bianca e Ricardo como amigos de longa data, com os quais se aconselhava bastante sobre a forma de educar seus filhos. Este apoio foi possível de ser observado na fala dele.

O nosso amigo (Ricardo), amigo do meu irmão, nós temos uma relação de 21 anos [...] Bem, aí, esses dias eu conversando com uma amiga minha (Bianca), que ela é educadora de séries iniciais, então eu perguntei como se lida com essa situação de preconceito [...] aí a minha amiga disse pra eu continuar falando o que eu tava falando, mas de outra forma. (Pai 2)

No quadrante comunidade, Pai 2 inseriu o centro de Umbanda que frequentava, pois acreditava que a religião influenciava sua forma de ver o mundo e conviver em família.

No que se refere à estrutura de sua rede social, foi possível considerá-la de tamanho médio. Sua distribuição estava concentrada principalmente na sua família.

Apesar de Pai 2 não ter destacado pessoas da sua religião, relatou que considerava aquele grupo de pessoas da sua comunidade religiosa como amigos também, mas preferiu mantê-los no círculo externo, por não terem uma participação ativa no seu dia a dia como pai.

No tipo de intercâmbio interpessoal entre os membros da rede, ou seja, as funções da rede, foi possível observar o apoio emocional nas relações mais próximas, tanto familiares como amigos, assim como guia cognitivo e de conselhos, nos quais estão as interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos de papéis (SLUZKI,1997). Ainda na função cognitiva, sua tia Ana e seu filho possuíam forte relação nesta função, o que é possível identificar na fala de Pai 2:

[...] a questão de ser pai, acredito que foi muito antes, às vezes acho que as pessoas se tornam pais em experiências com irmão, com primos, com tios, às vezes, tu cria, tu, enfim, quando eu tinha 10 anos de idade minha tia, a Jane, essa que é mais próxima de nós, adotou um filho e ele veio para nossa casa com o convívio da família com 8 meses. (Pai 2)

No entanto, Pai 2 não quis inserir seu primo na sua rede de apoio, pois referiu que, quando esse cresceu, se afastou da família.

Mapa Mínimo das Relações de Pai 3

Na rede de apoio de Pai 3 estavam presentes a sua família, sua mãe, pai, seus irmãos e seus compadres, que classificou como amigos.

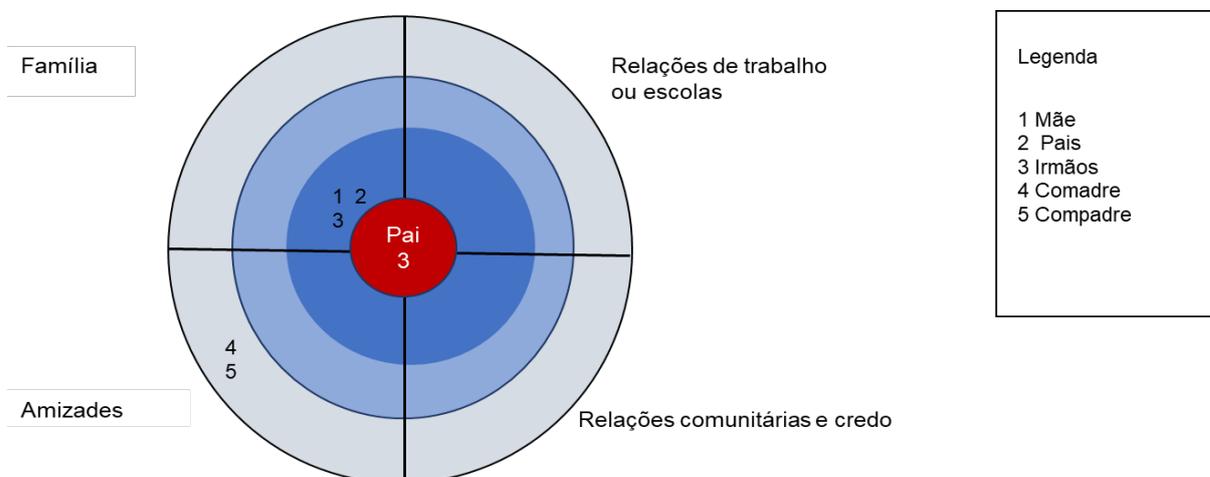


Figura 19 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 3. Rio Grande/Rio Grande do Sul

Pai 3 referiu não possuir muitos amigos e gostar de estar mais em casa com sua família. Desde pequeno não interagiu com muitas pessoas, pois seu pai se mudou com a família quando ainda era criança para uma região afastada, para que ele e seus irmãos não tivessem influências da comunidade onde moravam. Esse evento pode estar relacionado a Pai 3 não possuir uma rede de apoio numerosa.

[...] minha mãe e meu pai, eu me espelhei bastante neles nesse sentido, acho que comunidade a gente não teve tanto, porque, quando a gente começou a crescer, morávamos na cidade, e quando começamos a crescer o pai nos levou pra fora, pra nos tirar da influência de algumas crianças que tinham perto, porque ele tinha medo que a gente fosse afetado por elas e fôssemos para algum lado que não fosse legal. Então, fomos mais pra fora, então não tínhamos tanto contato, o contato que tínhamos era nós mesmo, os três irmãos que ficavam ali brincando e tudo. Os meus irmãos viviam na rua, como lá era pra fora, tinha um senhor que tinha cavalo, vaca e essas coisas, e eles pegavam as coisas e ficavam lá ajudando ele a fazer as lidas, tirar leite, buscar cavalo e os carneiros no campo. E eu não, sempre fui de ficar mais em casa, sempre fiquei, e como a mãe era sozinha, eu ficava com ela, eu ajudava ela a fazer comida, a limpar a casa, ajudava ela a arrumar as coisas em casa. (Pai 3).

Por estar começando a trabalhar havia pouco tempo, não inseriu nenhum vínculo no quadrante relações de trabalho ou escola, e ainda ressaltou que acreditava que o trabalho, de certa forma, não ajudava, pois muitas vezes necessitava ficar muitas horas fora de casa, estando distante dos filhos.

[...] bah!, difícil, muito difícil, eu acho que até piora, o trabalho até levo para o outro lado. (Pai 3)

No quadrante amizades, Pai 3 mencionou uma amizade que vinha se formando com os padrinhos da sua filha de 1 ano, em virtude da afinidade que sua esposa possuía com eles.

[...] eu mesmo não tenho muitos amigos, são raras as pessoas que eu me dou, que a gente vai se visitar [...] Começou agora com o compadre e a comadre, porque muito raro a gente ir pra algum lugar, ficamos mais em casa mesmo e nunca fomos assim de visitar muito e de ter muitos amigos. (Pai 3)

Pai 3 era uma pessoa reservada e que possuía suas relações praticamente restritas à sua família nuclear. Por isso, sua rede de apoio ter tamanho pequeno, por não possuir funções variadas e distribuição ampla, uma vez que apresentou apenas pessoas no círculo interno no quadrante família, e no círculo externo no quadrante amigos.

Mapa Mínimo das Relações do Pai 4

A rede de apoio do Pai 4 era constituída principalmente por seus familiares. Apesar de sua mãe já ter falecido antes de ele ter se tornado pai, considerava que grande parte dos valores que transmitiu para seus filhos foi referência das funções que tinha com seus pais quando era mais novo, desde o apoio emocional à guia cognitivo e de conselhos.

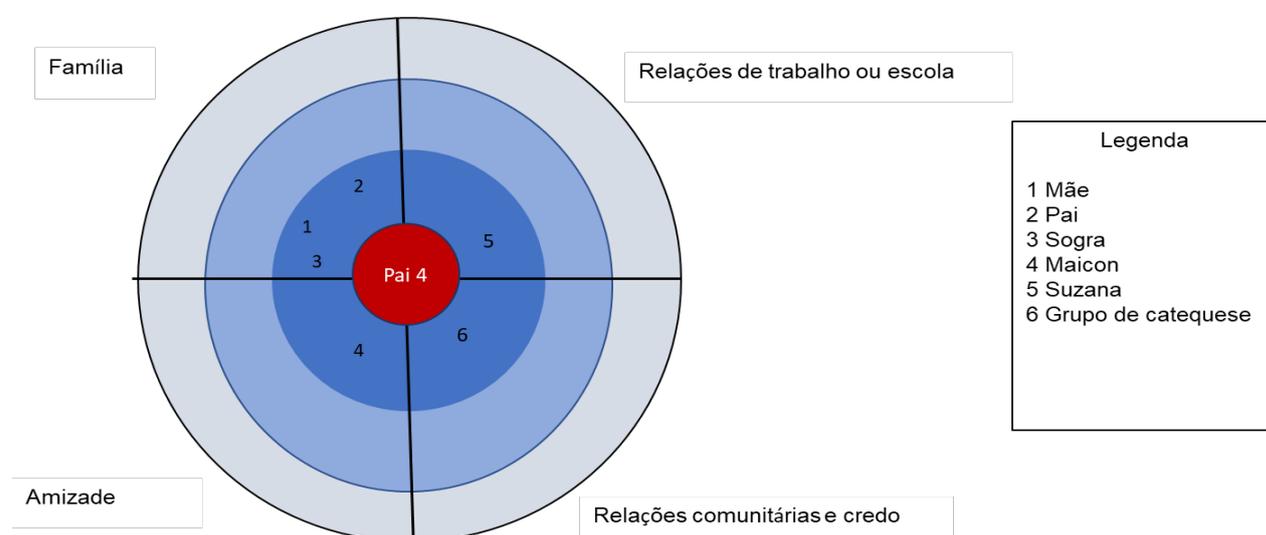


Figura 20 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 4. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Segundo Sluzki (1997), o mapa mínimo das relações é um registro tanto estático do momento a que se refere ou de algum momento do passado reconstruído pelo informante.

Os membros de sua rede estavam todos localizados no círculo interno. Para Pai 4, sua relação de apoio do trabalho era próxima, uma vez que possuía vínculos fortes de amizade com sua chefe, o que proporcionava um ambiente tranquilo e leve para trabalhar. Quando sua filha nasceu, conseguiu ficar alguns dias em casa, assim como houve uma flexibilidade de horários nos primeiros dias do nascimento.

Aqui no trabalho temos uma certa liberdade, fiquei uns dias em casa quando ela nasceu, mas claro que não um mês [...] A minha chefe e eu, a gente se conhece há 25 anos, muito tempo, e teve a mesma base que eu e a gente conversa muito sobre família, família e limites [...] (Pai 4)

Sua relação com seu amigo Maicon era de muitos anos e ambos se apoiavam e compartilhavam da educação de suas filhas e, quando Izabel estava doente, recorria sempre à esposa de Maicon, que era médica.

[..] a Milena vem falar alguma coisa pra mim e eu digo que ela não pode fazer tal coisa e ela me olha e diz que eu não sou o pai dela. Eu respondo: Sim, mas eu vou falar pra ele que tu falou isso [...] as nossas filhas são muito amigas, estão sempre juntas e a gente gosta muito disso, porque a gente se gosta muito que elas convivam juntas. [...] quando ela tem alguma coisa diferente, eu já fico preocupado e já ligo pro Maicon e peço pra ele falar com a doutora, porque já estou desesperado. (Pai 4)

Sua sogra cuidava todos os dias durante a semana da neta para que ele e sua esposa pudessem trabalhar. Esta ajuda, segundo Sluzki (1997), configura-se como apoio emocional, uma vez que ele podia contar com este apoio e sua boa vontade para que conseguissem desempenhar outras tarefas. “[...] à tarde ela fica com minha sogra e a tarde é aquilo. Ela diz: “vó, tu faz tudo que eu quero, é só eu fazer uma manha que tu faz tudo que eu quero”. Então, aí tu já vê onde vai [...]” (Pai 4).

Pai 4 tinha um carinho pelo grupo de catequese pelo qual ele era responsável, e relatou que aprendia com os jovens sobre o que deveria estar atento na criação/educação da sua filha. Esta relação que possuía com o grupo da igreja se configura como uma relação de reciprocidade, pois tanto ele como os jovens que participavam do grupo se beneficiavam do vínculo.

[...] os grupos de jovens também. Porque eu sempre fui catequista e tu acaba vendo várias idades, dos menores até os adolescentes. Então tu sabe quais são as mentiras, do que eles estão falando, sabe pela cara deles o que tá acontecendo. [...] eu tenho várias meninas e meninos de catequese que me veem e dizem: “ Ah, lembro de tal coisa que tu falou lá. E eu fico feliz por isso, de poder fazer, construir um pouco da mentalidade deles. Claro que pra minha filha, às vezes, fica um pouco complicado, a gente diz um não, mas quer dizer um sim, e tem que ficar dosando. (Pai 4)

Evidencia-se que o Pai 4 transitava em diversos contextos e possuía vínculos apoiadores. Fato que, segundo Bronfenbrenner (1996), é um potencializador para que a pessoa consiga se desenvolver de forma positiva.

Mapa Mínimo das Relações Pai 5

Para Pai 5 sua rede de apoio se baseava na família e na igreja. É possível visualizar sua rede de apoio na Figura 21.

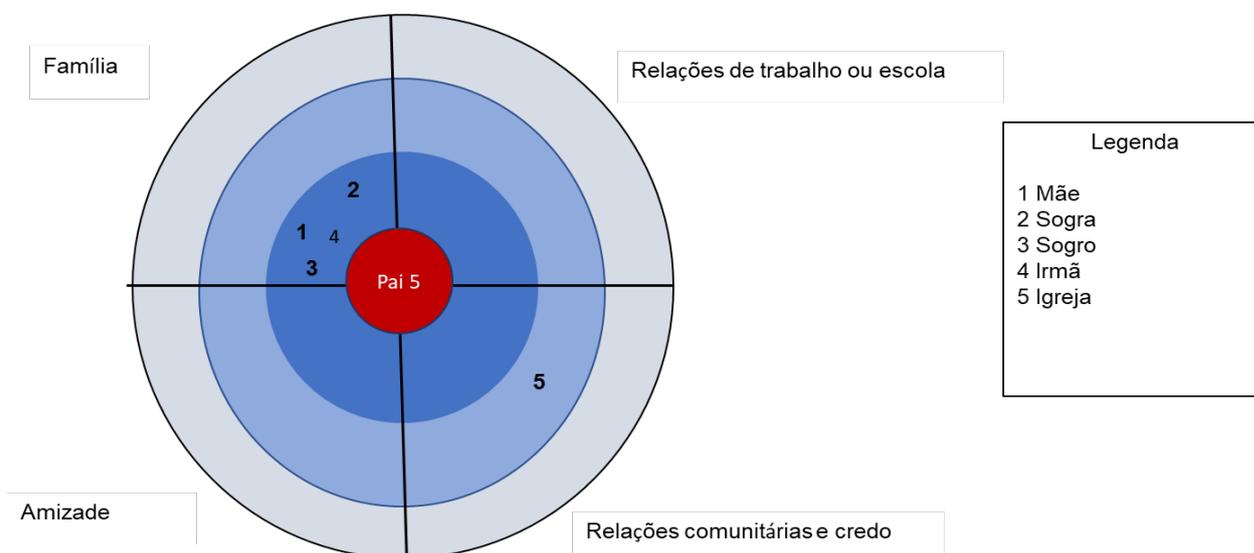


Figura 21 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 5. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Seu pai faleceu antes de se tornar pai, motivo pelo qual não o inseriu no mapa de relações. Ele possuía uma relação forte com sua mãe e irmã, o que foi fortalecido durante o processo de adoecimento do seu pai. Referiu que o carinho que tinha pelo seu sogro e sogra era o mesmo que sentia pelos seus pais, e que sempre teve o apoio deles para tudo que precisasse, desde apoio emocional até material.

[...] o meu pai não chegou a conhecer a minha filha, ele faleceu agora em 2012, mas a minha mãe sempre me apoiou, minha sogra e meu sogro, que eu considero como pai e mãe também, como parte da família, é isso aí e a minha irmã também, né, eu e minha irmã somos praticamente um só, somos muito ligados um com o outro e ela, a gente se ajuda bastante. (Pai 5)

Pai 5 referiu que não considerava ter tido apoio do trabalho, nem de amigos durante o desenvolvimento da paternidade: “[...] *tenho bastante amigos, mas, no requisito de me dar algum apoio neste momento da paternidade, não tive*”. (Pai 5).

No quadrante referente à comunidade, Pai 5 salientou a igreja e considerou que teve um apoio favorável da sua comunidade religiosa: “[...] *eu tive um apoio satisfatório em relação à religião*”. (Pai 5)

Quanto às características da sua rede, observa-se que a distribuição se concentrou apenas no quadrante familiar, sendo de tamanho pequeno.

Mínimo das Relações Pai 6

Pai 6 teve bastante dificuldades de inserir membros no seu MMR, citando apenas sua companheira, que considerava sua muito parceira. Referiu que seu pai lhe passou uma doutrina boa, mas que carregava muitas mágoas, e que sempre que pensava em casar, idealizava ser diferente do seu pai. Sua mãe morreu quando era criança e não conseguia lembrar dela. Aos 18 anos, seu pai o deixou com suas seis irmãs mais novas para ele cuidar.

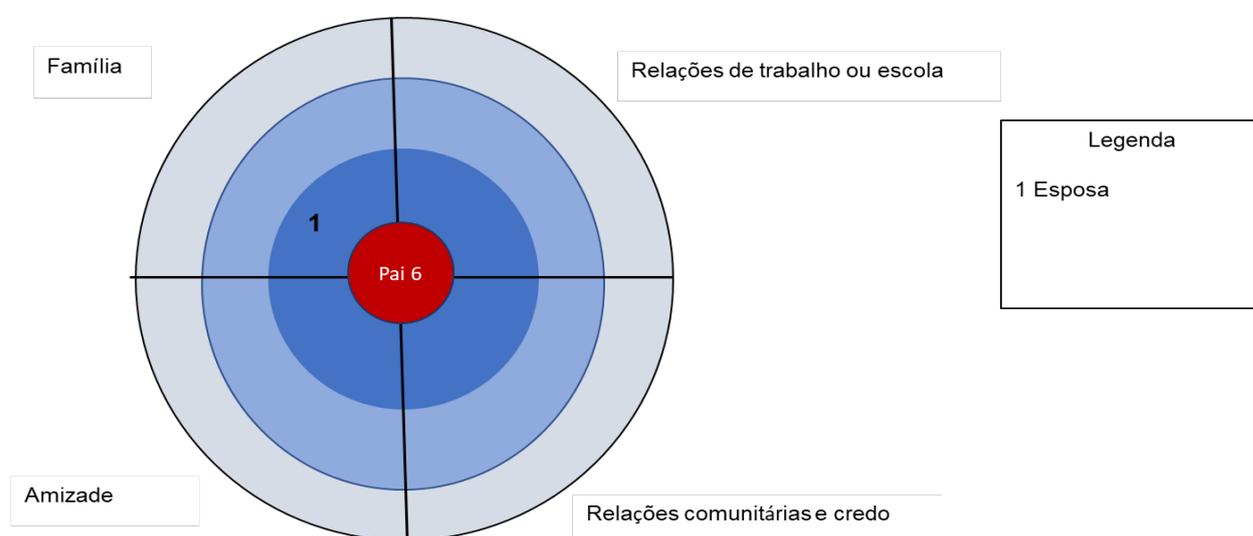


Figura 22 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 6. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Pai 6 não estudou e começou a trabalhar desde novo, e no momento da entrevista narrativa fazia apenas bicos, e por esse motivo no quadrante referente ao trabalho ou estudos não inseriu nada. No quadrante comunidade ou credo, referiu apenas ter morado em um bairro violento, e mencionou não ter religião.

Diante dessa realidade, é possível afirmar que sua rede de apoio é pequena, e as funções da sua rede estavam prejudicadas, uma vez que não contava com apoio de muitas pessoas. Este aspecto foi possível de identificar durante a entrevista narrativa, pois este pai sempre teve responsabilidades desde pequeno, e não tinha muitas interações recreativas, estando mais centrado em trazer o sustento para casa.

Mapa Mínimo das Relações do Pai 7

A rede de relações de Pai 7 era composta pela sua mãe, irmã, pai, esposa e relações no trabalho e comunidade. Sua família morava próximo, onde dividiam o mesmo terreno.

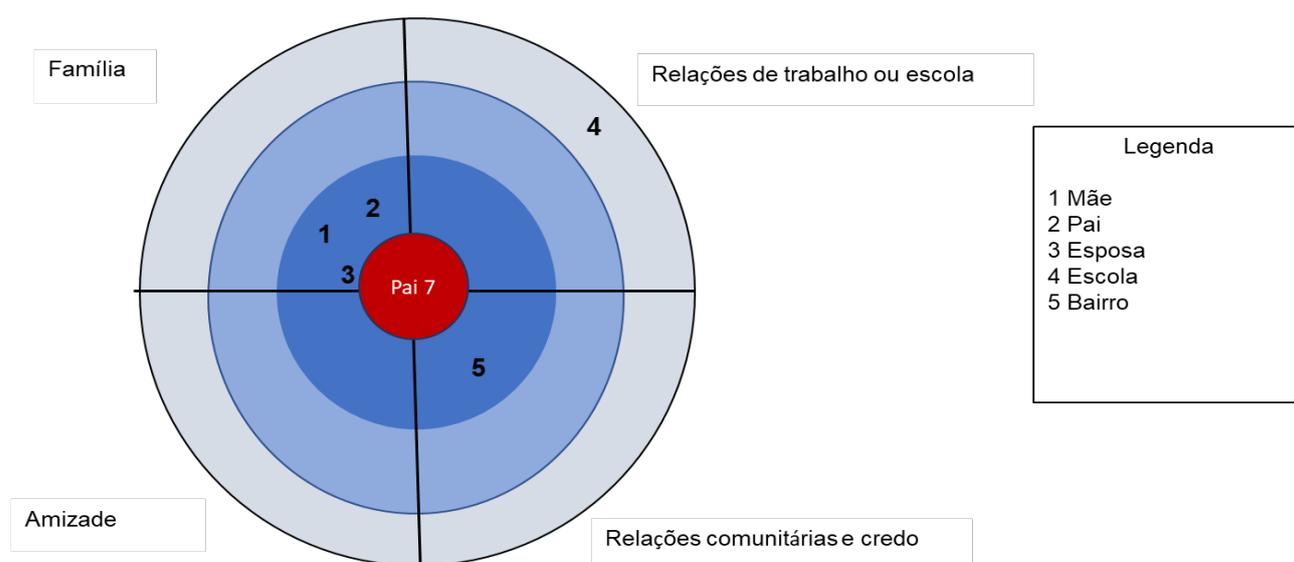


Figura 23 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 7. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

A proximidade dos seus membros familiares fazia com que um amparasse o outro sempre que precisassem. Sua esposa trabalhava de babá cuidando dos filhos de sua irmã, o que tornou as relações familiares mais estreitas.

Pai 7 acreditava que a escola foi uma fonte de apoio, uma vez que lhe proporcionou conhecimentos e oportunidades para que pudesse enxergar e vivenciar a vida de uma forma diferente.

[...] me ajudou a chegar a uma formação e poder ver as coisas diferentes, com mais conhecimento. O trabalho, teve uma época que eu tive três empregos e me afastou, até eu pôr a mão na cabeça e ver que não dava mais. Foi na época que meu filho nasceu, aí, eu pedi demissão de um e fiquei com dois, e em seguida eu pedi demissão do outro e fiquei com um só, quando nasceu meu filho eu resolvi parar. (Pai 7)

Para Pai 7, a comunidade teve um significado importante, pois, ao conviver em um ambiente violento, criou mecanismos de defesa e aprendeu a identificar o que era bom e o que era ruim para sua vida. Por viver anos no mesmo local e conhecer toda a sua comunidade, considerou que sua rede de apoio era próxima.

[...] me dou com meus vizinho faz 30, 40 anos, na verdade, muita gente morreu, mas os filhos continuaram nas casas. Então a vizinhança continua, meu bairro desde criança era muito violento e isso ajudou a ver como era a dureza das coisas, que a vida era bem difícil e como que a gente tinha que fazer pra se esquivar das coisas. Eu cresci em um bairro violento e hoje já não é mais assim, mas na minha época de criança era. E a gente convivia com polícia, com ladrão, com tudo isso, tudo junto, e sabia das coisas e tentava não entrar nos lugares que não convivia. Então me tornou mais duro. (Pai 7)

A distribuição da rede do Pai 7 estava centrada no quadrante família, não apresentando nenhum membro no quadrante amizades, pois considerava que não tinha amigos que o apoiaram durante o processo da paternidade. Pode-se considerar sua rede de tamanho médio e de densidade média, conforme Sluski (1997), ou seja, a conexão entre os membros independentemente do informante (amigos que são amigos entre si, parentes próximos que são íntimos entre si).

A densidade é visível no quadrante comunidade. Podem-se considerar as funções da sua rede, o apoio emocional dos seus familiares, a escola, família e comunidade na função guia cognitivo e de conselhos.

Mapa Mínimo das Relações Pai 8

Pai 8 possuía sua rede de apoio com poucos membros. No entanto, os poucos que tinha pareciam suprir nos momentos em que necessitava ou necessitou de ajuda. Sua mãe era o membro mais importante da rede, referiu que ela era seu espelho para a vida.

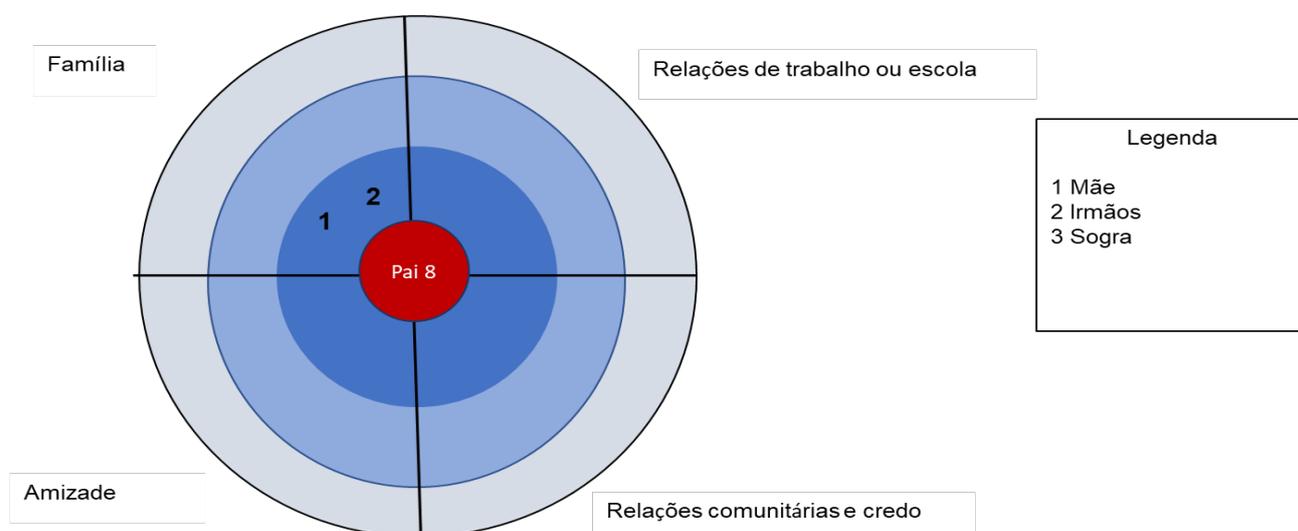


Figura 24 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 8. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

O participante não tinha relações próximas com seu pai, pois seus pais se separaram quando ainda era criança, e ele falecera havia alguns anos.

Família, se pudesse encostar bem aí, praticamente no meio, porque o principal apoio é da família, sendo mais a parte da minha mãe, minha mãe e meus irmãos, porque, quando meus pais se separam, eu tinha dois anos. [...] o que me influenciou foi o espelho do tratamento da minha mãe, a convivência dela, tudinho dela [...] (Pai 8)

Outra relação próxima do Pai 8 era sua sogra, pois ela exercia funções importantes na sua família, como o auxílio no cuidado e educação de suas filhas. *“[...] a gente tem uma grande ajuda da minha sogra, ela nos ajuda bastante, até por morar próximo, né, ela ajuda bastante com as crianças até na parte de cuidar, ficar e até na parte de educar, ajuda bastante [...]”* (Pai 8).

O participante não quis inserir nenhum membro no quadrante trabalho, pois referiu que trabalhava com máquinas e tinha pouco contato com outras pessoas. No quadrante amigos, comentou que os que tinha atrapalharam mais do que ajudaram, no momento em que se tornou pai.

Nas relações com a comunidade, o participante relatou que sua vizinhança era praticamente sua família.

Mapa Mínimo das Relações Pai 9

Pai 9 era um homem sério e rígido. Possuiu dificuldades de inserir membros na sua rede. É possível visualizar a rede social de apoio do Pai 9 na Figura 25.

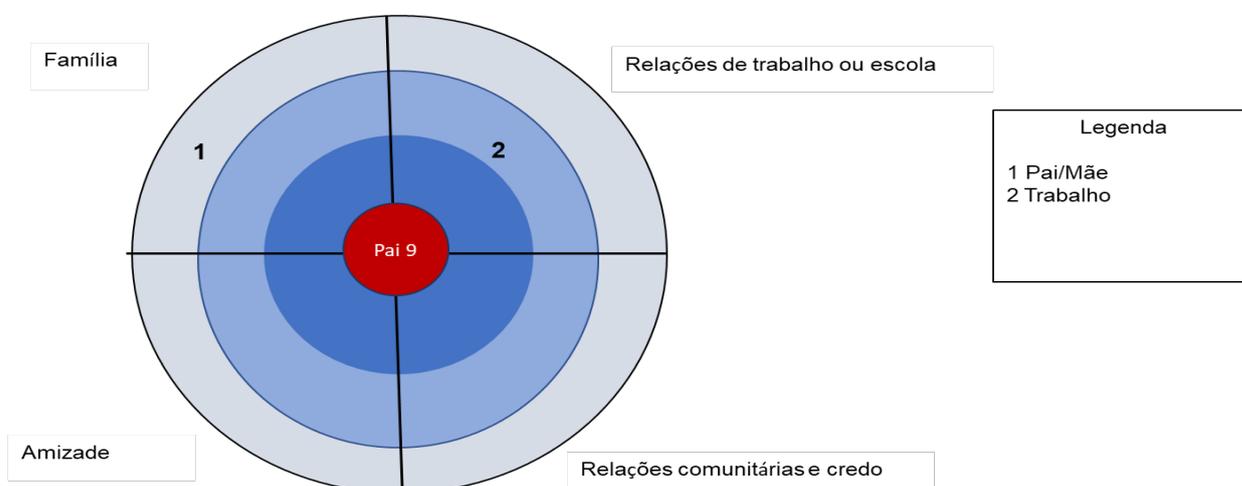


Figura 25 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 9. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Ao relatar sobre o apoio familiar, referiu que sempre teve mãe e pai em casa, mas o que o pai pregava nem sempre era o que se seguia. Ele era casado havia anos com sua prima e, por algumas expressões usadas na sua entrevista narrativa, foi possível perceber que, para seguirem esta relação, foi necessário passar por muitas reprovações familiares.

Sempre tive o pai e a mãe em casa, assim como vou te dizer...acho que às vezes que o que o pai prega não é o que tu faz, né, cada um tem a sua livre escolha [...] teve um pouco de ensinamento do pai, da mãe, da minha sogra, que no caso é minha tia [...] (Pai 9)

No quadrante relacionado ao trabalho e escola, Pai 9 comentou que acreditava que foram ambientes importantes para conseguirem sustentar sua família.

O trabalho e escola influenciou, com certeza, porque foi um incentivo, principalmente quando tu trabalha num lugar que, se tu parar pra pensar, tu diz: O que eu estou fazendo aqui? [...] então, às vezes eu parava assim, depois que veio a guria e o filho, eu pensava: eu tô aqui por causa dela(filha), por causa dele, por quê? Por causa de plano de saúde, de dar uma vida boa pra eles, pra eles terem um futuro melhor, entendesse? (Pai 9)

Nota-se que a rede de apoio do Pai 9 é de pequena e com poucas funções, aparentemente. Por outro lado, acredita-se que o participante não tenha lembrado no momento da entrevista das suas reais redes de apoio, uma vez que durante a entrevista mencionou pessoas que mantinham vínculos.

Mapa Mínimo das Relações Pai 10

A rede de apoio do Pai 10 concentrou-se na família. Pai 10 contou com o apoio de seus sogros e pais, principalmente para cuidarem de suas filhas enquanto ele e sua esposa trabalhavam. Todos os dias sua sogra ficava no período da manhã com a sua filha menor (Luana), e durante a tarde com sua filha maior (Beatriz). Seu pai ajudava buscando Luana na escolinha todos os dias. Seu mapa mínimo das relações é possível ser visualizado na Figura 26.

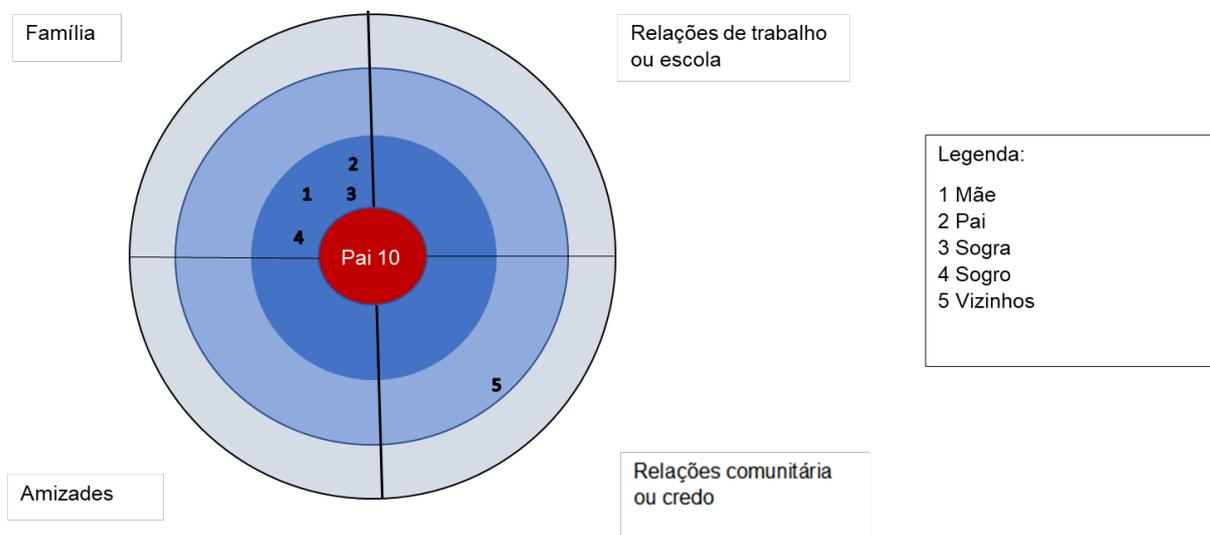


Figura 26 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 10. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

A família de sua esposa morava no mesmo terreno que o casal, o que fortalecia o apoio diário para que conseguissem exercer suas atividades de trabalho e estudo. Seu sogro e sua sogra forneciam apoio emocional, material, guia cognitivo e de conselho.

Apesar de sua rede não ser extensa e bem distribuída, ela parece ser efetiva. No entanto, Sluzki (1997) salienta que, quando uma rede é mínima e distribuída apenas em um quadrante, pode ocasionar sobrecarga e tensão para os membros que exercem o apoio.

Pai 10 referiu que no seu trabalho não possuía pessoas que lhe dessem apoio, assim como não mencionou amigos que o ajudaram durante o processo de ser pai. Entretanto, mencionou no quadrante comunidade que seus vizinhos que moravam ao lado de sua casa sempre estiveram presentes no momento em que perderam seu primeiro filho, e que sempre pôde contar com o apoio deles. “[...] os vizinhos que sempre nos deram força e nos acompanharam desde o início foram os daqui do lado, quando aconteceu com nosso primeiro filho” (Pai 10).

Mapa mínimo das relações Pai 11

A rede de apoio do Pai 11 era mais ampla, não possuindo apenas seus familiares. Mesmo que de forma distante, o participante contava com o apoio de pessoas variadas, não estando centrado apenas na sua família, como nos demais participantes.



Figura 27 - Mapa Mínimo das Relações do Pai 11. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2017

Provavelmente, essa distribuição no MMR ocorreu dispersão geográfica dos seus familiares e da sua esposa. Segundo Sluzki (1997), a dispersão geográfica entre os membros, obviamente, afeta a facilidade de acesso ao informante e, portanto, afeta tanto a sensibilidade da rede às variações do indivíduo, quanto a eficácia e velocidade de respostas às situações de fragilidade.

Quando nasceu meu primeiro filho, minha mãe veio pra ajudar a cuidar, porque ele nasceu de cesárea e, como ele nasceu de cesariana, minha mãe veio pra ajudar nos primeiros dias. E no segundo filho foi a mãe da minha mulher que veio pra ajudar no segundo. A família da minha mulher é de Pelotas e a minha é próximo a Bento Gonçalves. Hoje em dia é mais a minha mãe, porque, quando meu sogro esteve doente e minha mulher teve que ir a Porto Alegre, ela veio pra ajudar a ficar com as crianças enquanto eu trabalhava, o mais velho ia pra escola e o mais novo ficava com ela. (Pai 11)

No quadrante referente às relações de trabalho, Pai 11 considerou que possuía apoio, uma vez que em quase todos os sábados havia um momento de lazer com seus colegas de trabalho.

Ah, quando eu jogo futebol nos sábados de manhã, e muitas vezes eu tenho que ficar com as crianças e eu levo elas comigo para o futebol, e os colegas que ficam fora do campo ajudam a cuidar. As esposas dos professores que vão pro jogo, mesmo as colegas aqui da faculdade que não jogam, levam os maridos, então acabam que elas ficam ali reparando as crianças e cuidando as crianças. Então eu acho que os colegas acabam ajudando e eles levam os filhos muitas vezes e as crianças ficam brincando. (Pai 11)

No que se refere ao quadrante amizades, Pai 11 relatou contar com o apoio de pais de colegas da escola dos seus filhos para levar e buscar da escola.

[...] alguns pais de colegas do meu filho, principalmente do mais velho que já vai pra primeira série, na semana agora que minha mulher teve que ir acompanhar o pai dela na cirurgia, uma mãe de um colega ajudava a buscar e trazer. Mas principalmente trazer, porque eu levava na maioria das vezes e uma outra família também, que era coleguinha do meu filho, revezávamos pra levar na escola, uma carona compartilhada, quando eu ou minha esposa não podíamos levar e trazer, eles faziam pra nós. (Pai 11)

Nas relações comunitárias e de credo, Pai 11 referiu não ter muito contato com as pessoas que moravam em torno da sua residência, mas que em alguns momentos houve ajuda e interação. No que se refere ao credo, Pai 11 relatou não ter religião, e que apenas acreditava que não devemos fazer o mal ao próximo.

No bairro que eu moro hoje até que não é tanto, mas quando eu morava em outro condomínio tinha mais contato. No bairro que eu tô agora, ele é maior para as crianças brincarem, mas não temos tanta interação com os vizinhos, porque eles também saem pra trabalhar durante a semana e pouco os vimos, e final de semana encontramos eles, mas é cumprimentar não tem muita relação. Meus filhos até brincam com o vizinho do lado, mas nós não temos muito contato, mas já pedi ajuda deles pra cuidar da nossa gatinha em época de férias, às vezes a gente pede ajuda pra eles darem alimento pelo lado de fora. (Pai 11)

Observa-se que o mapa das relações de Pai 11 abrangeu todos os quadrantes e, mesmo não possuindo uma relação próxima com os membros, contava com ajudas que tornavam o dia a dia mais fácil e menos trabalhoso.

Ao comparar as trajetórias individuais dos pais deste estudo na construção da paternidade contemporânea, evidencia-se que o microssistema familiar foi o

ambiente em que esses homens pais se desenvolveram como pessoas de valores e se tornaram pais sensíveis, responsáveis e presentes.

Observa-se que alguns ambientes em que eles transitaram estiveram abertos para eles antes da paternidade, mas não estiveram presentes no momento em que se tornaram pais. Como exemplo, citam-se as escolas, pois alguns pais, ao mencionarem esta instituição como rede de apoio, apenas fizeram menção ao quanto foi importante tê-la frequentado para que pudessem ter uma ascensão no mercado de trabalho, e assim conseguirem oferecer uma qualidade de vida para os seus filhos. No entanto, ressalta-se que esses pais, por terem seus filhos nas escolas, deveriam perceber esse ambiente como um local de forte interação, pois era um local que possui fortes influências no desenvolvimento de uma pessoa.

A rede social de apoio comunitária gerava certa estranheza e dificuldade para esses pais, quando questionados sobre os apoios advindos desse contexto. A maioria respondia a igreja ou algum grupo religioso ao qual pertencia. As interações comunitárias estavam cada vez menos frequentes. Esse fato pode estar relacionado às pessoas não se sentirem mais seguras nos ambientes públicos, bem como estarem sobrecarregadas de atividades, não tendo tempo disponível para interagir no espaço comunitário.

O fato de os pais contarem com uma rede de apoio diversificada possibilitou que apresentassem desempenho efetivo no desenvolvimento da paternidade.

Segundo Bronfenbrenner (1996), a disponibilidade de ambientes apoiadores é função da existência e frequência numa dada cultura, e esta frequência pode ser aumentada pela adoção de práticas e políticas públicas, criando ambientes e papéis sociais úteis para a vida familiar.

Por fim, as trajetórias individuais destes homens possuíram algumas semelhanças. No entanto, cada um tinha sua singularidade, sua história de vida. Nas particularidades do contexto familiar de cada um, eles desenvolveram uma paternidade pautada em sensibilidade, amor, participação e responsabilidade.

O último passo da análise de Schütze (1977), sistematizado por Bauer e Jovschelovitch (2013), é o momento em que são estabelecidas as semelhanças por meio de uma comparação de casos. Esse processo permite a identificação de trajetórias coletivas.

Por conseguinte, as trajetórias individuais dos homens pais neste estudo podem ser comparadas pelas semelhanças, mas entendendo que cada pessoa é um sistema o qual considera-se complexo e multifacetado. Assim sendo, ressalta-se como semelhança que emergiu das diferentes trajetórias de desenvolvimento humano deles o fato de que todas foram pautadas na interação e responsabilidade, durante os processos proximais.

7 Considerações Finais

Realizar esta pesquisa para compreender as experiências de homens pais na construção da paternidade me proporcionou reflexões acerca das diferentes interações que o homem possui para se desenvolver nesse processo.

Aprofundar-me no estado da arte da paternidade me fez compreender e então quebrar estigmas que faziam parte da minha percepção do homem pai, estigmas que foram criados pelo contexto em que vivo e em que vivemos. Durante minhas leituras, aprendi que a paternidade não é apenas um assunto menos pesquisado que a maternidade, mas que também existe há menos tempo.

Ao contrário da mulher, o homem não é estimulado a criar, a cuidar e a educar o filho. Desde pequenos recebem influências culturais para serem machos fortes, não demonstrarem sensibilidade e serem donos dos espaços públicos. Claramente, se vê este aspecto quando nas buscas por estudos realizados sobre paternidade. Frequentemente, os estudos abordam compreender e conhecer a construção, exercício e envolvimento paterno, e isso não se identifica nas pesquisas realizadas sobre maternidade, pois temos como ideal imaginário que a mulher, quando é mãe, sempre terá envolvimento de amor, responsabilidade e afeto pelo seu filho e a segurança de que sabe como cuidar de uma criança.

Nos espaços em que me faço presente, principalmente no ambiente de trabalho, seguidamente, presenciei crianças que se machucaram brincando e, na maioria das vezes, escutava julgamentos sobre a falta de cuidado da mãe, e constatei homens pais chamando a atenção das mães pelo ocorrido. As mães estavam acostumadas a serem as cuidadoras principais dos seus filhos, logo, se sentiram culpadas e as piores mães do mundo, e nem perceberam que a responsabilidade pelo cuidado da criança não é e não deve ser exclusivamente dela.

Pude presenciar também situações em que escutei que o homem não sabe cuidar e que quando cuidam dos filhos só fazem coisas erradas. Fato este, inclusive, presenciado na mídia, sendo esta uma grande influenciadora de costumes e comportamentos na contemporaneidade, e ao ler sobre o surgimento de um novo pai, isso me instigou a querer compreender: Por que alguns homens são tão responsáveis pelo cuidado do seus filhos quanto as suas esposas? O que eles fizeram para construírem uma paternidade participativa? O que fez eles acreditarem

que não há diferenças entre mulheres e homens para prestar os cuidados diretos aos seus filhos?

A partir dessas inquietações foi realizada esta pesquisa, e os resultados encontrados são instigantes ainda. Os homens pais deste estudo exercitavam a paternidade de forma participativa, tinham uma relação de coparentalidade, ou seja, tanto o pai como a mãe tinham responsabilidades no cuidado e educação dos filhos.

Foi possível identificar que alguns homens estavam assumindo mais frequentemente as demandas domésticas e horas de cuidados, além da responsabilidade com os filhos, do que as mulheres, uma vez que elas estavam financeiramente mais estáveis que seus maridos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi um marco importante para os homens do estudo se aproximarem dos filhos e assumirem uma paternidade mais participativa. As mulheres depositaram confiança em seus maridos, abrindo espaço para que eles se descobrissem cuidadores.

O microsistema familiar também teve influência na forma como os homens se desenvolveram como pais. Grande parte dos participantes pôde ter o exemplo de um pai participativo, e outros a ausência, o que os estimulou a exercerem a paternidade de forma diferente e não propagarem aos seus filhos sentimentos de ser um pai ausente. As mães também apareceram como influência importante para que os pais fossem mais participativos nas demandas domésticas e de cuidado com os filhos.

Apesar de a maioria dos homens relatar que adorava ser pai e por meio das narrativas terem sido identificados como pais participativos, observou-se que alguns sentiam-se confusos quanto aos papéis que desempenhavam, por acreditar que estavam exercendo os papéis de suas esposas. Este fato comprova o quanto o macrosistema é imerso na cultura patriarcal em que a mulher deveria ser a principal responsável pelo bem estar de seus filhos.

Ainda, percebe-se que algumas esposas tinham dificuldades de aceitar que seus maridos fossem tão presentes no cuidado quanto elas, ocorrendo em alguns casos o afastamento dos pais em algum momento.

Também foi possível identificar o quanto a temática paternidade contemporânea necessita ser abordada em diferentes contextos em que as famílias circulam, a fim de mostrar as funções do pai dentro do ambiente familiar, quebrar

diversos tabus e conceitos que ainda são fortes e podem distanciar o envolvimento afetivo e participativo do homem com os filhos.

Acredita-se que é fundamental que profissionais das mais diversas áreas reflitam e tragam para discussões a forma como a paternidade é moldada no dia a dia, e o quanto os homens deixam de vivenciar e experienciar momentos únicos por serem criados para não realizarem o cuidado, para não demonstrarem seus sentimentos e sentirem vergonha por compartilharem atividades domésticas e de cuidados dos filhos com suas esposas.

A temática paternidade contemporânea necessita ser abordada em diferentes contextos em que as famílias circulam, a fim de mostrar as funções do pai dentro do ambiente familiar, quebrar diversos tabus e conceitos que ainda são fortes e podem distanciar o envolvimento afetivo e participativo do homem com os filhos.

Nessa perspectiva, a enfermagem, por ser uma profissão que está inserida nos mais variados setores e áreas da saúde, tem o desafio de agregar nas suas práticas de cuidado as novas demandas da família contemporânea e disseminando por meio de ferramentas de educação em saúde a importância da responsabilidade, do cuidado, do amparo e da presença paterna durante o desenvolvimento da criança até a vida adulta, assim como os benefícios que a coparentalidade traz para dentro da família.

Os limites deste estudo foram o acesso ao documento encaminhado à Secretaria Municipal de Educação a fim de obter a apreciação e autorização para realizar o estudo, pois, devido a trocas consecutivas do Secretário da Educação do município foi necessário encaminhar duas vezes novas cartas, o que demandou uma espera de aproximadamente 3 meses.

A busca dos participantes da pesquisa também foi um limite deste estudo, pois grande parte dos homens, ao serem abordados no momento em que deixavam seus filhos na entrada da escola, se recusaram a participar do estudo ou agendavam para outro dia e não compareciam para levar seus filhos, momento em que percebi que deveria tentar outra forma de coleta dos dados, pois estava afastando esses pais de levarem seus filhos na escola.

O uso do Mapa Mínimo das Relações foi uma ferramenta de difícil compreensão para os homens, pois tinham dificuldades de entender de que forma a comunidade, o trabalho e/ou a escola poderiam fornecer apoio.

Pelo exposto, os resultados alcançados confirmam a tese de que as mulheres são agentes importantes na formação de identidade dos homens pais, que o envolvimento dos pais na família é exercido de acordo com o modelo paterno que vivenciaram, seja de forma positiva e/ou negativa, assim como os homens constroem seu papel paterno a partir da vivência da paternidade.

Esta tese refutou que, embora houvesse envolvimento dos pais na família, o modelo de pai provedor iria prevalecer.

Referências

- ALMEIDA, B.S.; DA SILVA, B.T.; RIBEIRO, J.P.; DE OLIVEIRA, A.M.N. Percepção dos enfermeiros das unidades de maternidade e pediatria acerca do cuidado paterno. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v.4, n.4, p.792-802. 2015.
- ALMEIDA,S; PEREDA,P; FERREIRA,R. Custos da ampliação da licença-paternidade no Brasil. *R. bras. Est. Pop.*,v.33, n.3, p.495-516, 2016.
- ALVAREZ, A.M.D.S.; MORAES, M.C.L.D.; RABINOVICH, E.P. Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. **Revista Brasileira de Nascimento e Desenvolvimento Humano**, v.8, n.1/2, p.70-5. 1998.
- APPEL, M. **La entrevista autobiográfica narrativa**: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. In *Forum: Qualitative Social Research*, v.6, n.2, p.1-27). 2005.
- ANDRADE, R.P.; COSTA, N.R.A.; ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Significações de paternidade adotiva: um estudo de caso. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.16, n.34, p. 241-52. 2006.
- AZEVEDO, J.M. A função paterna nas configurações familiares atuais 2008. 136p. Dissertação (Mestre em Psicologia). Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BACKES, M.S. A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos. 2015. 146p. Dissertação (Mestre em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BERALDO,G,SOUZA; TRINDADE, E. Novos pais, novos homens? Paternidade e identidade masculina no contexto pós-moderno.- **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, 2016.
- BITTENCOURT, I.G.; PARAVENTI, L.; BUENO, R.K.; SABBAG, G.M.; SCHULZ, M.J.L.C.; VIEIRA, M.L. Envolvimento paterno na mídia: publicações em revistas para pais e mães. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.15, n.2, p.688-707. 2015.
- BOSSARDI, C.N.; VIEIRA, M.L. Cuidado paterno e desenvolvimento infantil. **Revista de Ciências Humanas**, v.44, n.1, p.205-21. 2010.
- BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. (2010). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, 29(64), 31-39.
- BOSSARDI, C.N.; GOMES, L.B.; VIEIRA, M.L.; CREPALDI, M.A. Engajamento

paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v.31, n.73, p.237-46, abr./jun. 2013.

Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2015). Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In E. R. Goetz, & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp. 15-30). Curitiba, PR: Juruá.

BRANDÃO, H.M.D. A lei em nome do pai: impasses no exercício da paternidade na contemporaneidade. 2005. 146p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

BRASIL. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Brasília, 2010. 132p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466 de 2012. Dispõe sobre pesquisa com seres humanos. Brasília; 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2013.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 266p.

BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychological Review**, n.101, p. 568-86, 1994.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejamentos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human: bioecological perspectives on human development**. Londres: Sage, 2005.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. **The ecology of developmental process**. In: *Handbook of child psychology*. New York: John Wiley & Sons, 1998. P.993-1027.

BUSTAMANTE, V.; TRAD, L.A.B. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Caderno de Saúde Pública**, v.21, n.6, p.1865-74. 2005.

CARVALHO, S.C.L.C.; CRUZ, B.S.P. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v.19, n.42, p.97-106. 2009.

CASTOLDI, L.; GONÇALVES, T.R.; LOPES, R.D.C.S. Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. **Psicologia em estudo**, v.19, n.2, p.247-59. 2014.

CASTOLDI, L. A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê. 2002. 285p. Tese (Doutorado em Psicologia). Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CIA, F.; BARHAM, E.J. O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.14, n.1, p.67-74, 2009.

CLT. Consolidação das leis do trabalho. 32ed. São Paulo: LTr, 2005.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN Nº. 311/2007. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 2007. Aprova o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem e dá outras providências.

CORRÊA, A. C. L.; MEINCKE, S. M. K.; SCHWARTZ, E.; OLIVEIRA, A. M. N.; SOARES, M.C.; JARDIM, V. M. R. Percepções de homens sobre a vivência da paternidade na adolescência: uma perspectiva bioecológica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37, p.546-92, 2016.

CREPALDI, A. A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos, 2015. Tese. (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CÚNICO, S.D.; ARPINI, D.M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando famílias**, v.17, n.1, p.28-40. 2013.

CÚNICO, S.D.; ARPINI, D.M. Significados de paternidade em famílias monoparentais femininas, v.10, n.2, p. ,40-48, 2016.

DANTAS, C.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, v.14, n.29, p.347-57. 2004.

DA SILVA, G.F. Trajetórias e transformações da família nuclear no Brasil. **Revista Labirinto**, v.22, pp.361-378. 2015.

DE ALMEIDA CARDOSO, E.; GUEDES, R.N.; DE LUCENA, K.D.T.; COSTAI, A.P.T. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Revista de Saúde Pública**, v.43, n.1, p.85-90. 2009.

DE ALMEIDA, B.S.; DA SILVA, B.T.; RIBEIRO, J.P.; DE OLIVEIRA, A.M.N. Percepção dos enfermeiros das unidades de maternidade e pediatria acerca do cuidado paterno. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v.4, n.4, p.792-802. 2015.

DE CARVALHO, G.M.; MERIGHI, M.A.B.; DE JESUS, M.C.P. Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.18, n.1, p.17-24. 2009.

DENZIN, N.K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432p.

DESSEN, M.A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.30, n.(esp), p.202-19. 2010.

DESSEN, M.A.; OLIVEIRA, M.R. Paternal involvement during their children's birth: mother's perspective of 'real' and 'ideal' father. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v.26, n.1, p.184-92. 2013.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, V.17, n.36, p. 21-32, 2007.

DIAS, M.O. Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica – o processo de comunicação no sistema familiar. **Gestão e Desenvolvimento**, v.19, p.139-56. 2011.

DUTRA, O.N.H. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. UNESP, 2009. 236p.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FALCETO, O.G.; FERNANDES, C.L.; BARATOJO, C.; GIUGLIANI, E.R.J. Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. **Revista de Saúde Pública**, v.42, n.6, p.1034-1040. 2008.

FARIA, D. L. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: EDUC. 2003.

FLECK, A.; WAGNER, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, 8(número especial), 31-38.

FREITAS, W.M.F.; COELHO, E.A.C.; SILVA, A.T.M.C. Fatherhood: the male experience from a gender focus. **Caderno de Saúde Pública**, v.23, n.1, p.137-45. 2007.

GABRIEL, M. R.; DIAS, A. C. G.. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia**,v.16,n.3,p. 253-261,2011.
GOMES, A.J.D.S.; RESENDE, V.D.R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.20, n.2, p.119-125. 2004.

GOMES, R; ALBERNAZ,L; RIBEIRO,C,R,S; MOREIRA,M,C,N; NASCIMENTO,M. Linhas de cuidados masculinos voltados para a saúde sexual, a reprodução e a paternidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.21, n.5, p.1545-1552, 2016.

GONÇALVES, T.R.; GUIMARÃES, L.E.; SILVA, M.D.R.; LOPES, R.D.C.S.; PICCININI, C.A. Experiência da paternidade aos três meses do bebê. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.26, n.3, p.599-608. 2013.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Editora Lamparina, 2014.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N.M.D.F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v.14, n.1, p.44-68. 2002.

JAGER, M.E.; DIAS, A.C.G. A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 35, n.3, p.694-710. 2015.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. **Entrevista narrativa**. In: GASKEL, G.; BAUER, M. (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JULGADORA, C. Famílias patrifocais: paternagem e socialização dos filhos. 2014. 146p. Dissertação. (Mestrado em Psicologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LAMAS, M. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma do novo paradigma, 2000. online <https://pt.slideshare.net/JuniorJr1/lamas-1999-os-conflitos-e-desafios-do-novo-paradigma>

LAMB, M. E.; STERNBERG, K. J.; THOMPSON, R. A. The effects of divorce and custody arrangements on children's behavior, development and adjustment. **Family and Conciliations Courts Review**, v.35, n.4, 393-404. 1997.

LEWIS, C.; DESSEN, M. A. O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.15, p.9-16. 1999.

LEITE, P, C; FERREIRA, S; SILVA, R, N, S; SOUZA, A,R,G; MARTINEZ, A,C. Princípio da isonomia e a equiparação da licença maternidade à licença paternidade. **Revista do Curso de Direito da Universidade Braz Cubas**. v1, n1,2017.

MARTÍN, L.M.E. ¿Qué significa ser buen padre? **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría**, v.30, n.107, p.419-36, 2010.

MARINHO, S, P.C. **Paternidades de hoje Significados, práticas e negociações da parentalidade na conjugalidade e na residência alternada**.2011,345f. Tese de doutorado (Ciências Sociais) - Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2011.

MEDRADO, B. **Textos em cena: a mídia como prática discursiva**. In: SPINK, M.J. (Org). Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro –RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

MEINCKE, S.M.K. A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem. 2007. 275 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MEINCKE, S.M.K.; CARRARO, T.E. Vivência da paternidade na

adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Texto e Contexto de Enfermagem**, v.18, n.1, p.83-91. 2009.

MELLO, D.F.D.; VIEIRA, C.S.; SIMPIONATO, É.; BIASOLI-ALVES, Z.M.; NASCIMENTO, L.C. Genograma e ecomapa: possibilidades de utilização na estratégia de saúde da família. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v.15, n.1, p.78-91. 2005.

MENDES, R. **A parentalidade experimentada no masculino**: as vivências da paternidade. ISCTE: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. 2007.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVÃO C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto e Contexto de Enfermagem**, Florianópolis, v.17, n.4, p.758-64. 2008.

MOREIRA, J.D.O.; BORGES, A.A.P. A castração e seus destinos na construção da paternidade. **Psicologia Clínica**, v.22, n.2, p.71-81. 2010.

MOREIRA, L.V.C.; RABINOVICH, E.P.; ZUCOLOTO, P.C.S.V. **Paternidade na Sociedade Contemporânea**. O Envolvimento Paterno e as Mudanças na Família. Coleção Família e Interdisciplinaridade. Curitiba: Juruá, 2016. 350p.

MUNIZ, J.R.; EISENSTEIN, E. Genogram: information about family in medical (in)formation. **Revista brasileira de educação médica**, v.33, n.1, p.72-9. 2009.

MUYLAERT, C.J.; SARUBBI, V.J.; GALLO, P.R.; NETO, M.L.R.; REIS, A.O.A. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n.2, p.193-9. 2014.

NARVAZ, M.G.; KOLLER, S.H. **O Modelo bioecológico do desenvolvimento humano**. In: Koller, S.H., (Org.). Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.

NOGUEIRA, J.R.D.F.; FERREIRA, M. O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. **Revista de Enfermagem Referência**, n.8, p.57-66. 2012.

BUENO, M.E.; MEINCKE, K.; SCHWARTZ, E.; SOARES, M.C; CORRÊA, A.C.L. Paternidade na adolescência: a família como rede social de apoio. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.21, n.2, p. 313-19. 2012.

OLIVEIRA, A.G.; SILVA, R.R. Pai contemporâneo: diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. **Psicologia Argumento**, v.29, n.66, p.353-60. 2011.

OLIVEIRA, A.S. **Família**: um desafio para os assistentes sociais. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, v. 15, n.101. 2012. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11575>. Acesso em ago. 2015.

ORLANDI, R; TONELI, M.J.F. Sobre o processo de constituição do sujeito face à

paternidade na adolescência. **Psicologia em Revista**, v.11, n.18, p.257-67. 2005.

PATTON MQ. Qualitative evaluation and research methods. 2nd Ed. Newbury Park: Sage Publications; 1991.

PEREIRA, C.R.R.; ARPINI, D.M. Os irmãos nas novas configurações familiares. **Psicologia Argumento**, v.30, n.69, p.275-85. 2012.

PEREIRA, C.M.S.; SCHIMANSKI, E. Família, gênero e novas configurações familiares: um olhar sobre a mulher e a condição de pobreza. **Revista Magistro**, v.8, n.2, 2013.

PEROSA, C.T.; PEDRO, E.N.R. Perspectivas de jovens universitários da Região Norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.43, n.2, p.300-6. 2009.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A.M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, v.19, n.2, p.57-69. 2007.

PETRINI, J.C.; ALCÂNTARA, M.A.R.D.; MOREIRA, L.V.D.C. Família na contemporaneidade: uma análise conceitual. 2009.

PIMENTEL, A. Formas de exercer a paternidade em Belém e Évora. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v.15, n.1, p.36-41. 2009.

PLECK, J. H.; PLECK, E. H. **Fatherhood ideals in the United States**: Historical dimensions. In: Lamb, M.E. (Org.). The role of the father in child development. New York: John Wiley & Sons. 1997. 33-48p.

POLONIA, A.C.; DESSEN, M. A.; PEREIRA-SILVA, N. L. **O modelo bioecológico de Bronfenbrenner**: contribuições para o desenvolvimento humano. In: Dessen, M.A.; Costa Junior, A.L. (Orgs.), A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed. 2005. 71-89p.

PRADO, J.D.C.; ABRÃO, J.L.F. **Paternidade**: um estudo sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro. In *Colloquium Humanarum*, v.11, n.1, p.94-112. 2015.

PRATI, L.E.; COUTO, M.C.P.P.; MOURA, A.; POLETTO, M.; KOLLER, S.H. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.1, p.160-9. 2008.

PROSPERE. Un projet de soutien à l'engagement paternel. [Internet]. S.d. Disponível em: <<https://unites.uqam.ca/grave/prospere/index.html>>.

REDSHAW, M.; HENDERSON, J. Fathers' engagement in pregnancy and childbirth: evidence from a national survey. **BMC pregnancy and childbirth**, v.13, n.1, p.1. 2013.

RIO GRANDE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação . Projeto Político Pedagógico. Rio Grande, 2016. 53p.

C,R; GOMES,R; MOREIRA, M,C,N. Encontros e desencontros entre a saúde do homem, a promoção da paternidade participativa e a saúde sexual e reprodutiva na atenção básica. **Physis Revista de Saúde Coletiva**,v.27,n.1,p. 41-60, 2017.

ROCHA, J.S.C.F.; ROCHA, R.F.; CURY, P.J.S. Breve ensaio sobre família: da pré-história à contemporaneidade. **Jus Populis**, v.1, n.1, p.243-68. 2015.

ROSANE, G.E.; VIEIRA, M.L. Children's perceptions of the real and ideal aspects of parental care. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.26, n.2, 195-203. 2009.

Rokeach M. The nature of human values. New York: The Free Press, 1973.

SARAFF, A.; SRIVASTAVA, H.C. Pattern and determinants of paternal involvement in childcare; an empirical investigation in a metropolis of India. **Population Research and Policy Review**, v.29, n.2, p.249-73, 2010.

SCHELEMBERG, J. M.; PEREIRA, L. D.C.; GRISARD, N.; HALLA, A.L.C. Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v.36, n.2. 2007.

SCHÜTZE, F. Narrative Repraesentattion kollektiver schicksalsbetroffenheit. In: LAEMMERT, E. (ed.) Erzaehlforschung. Stuttgart: J.B. METZLER, 1983. 568-90p.

SEFTON, A.P. "Pai não é de uso diário"(?): paternidades na literatura infanto-juvenil. 2006. 146p. Dissertação (Mestrado em Educação). Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SEFTON, A.P. Afetos de pai: representações na literatura infanto-juvenil. **Textura-ULBRA**, v.12, n.21-22. 2014.

SÉJOURNÉ, N.; VASLOT, V.; BEAUMÉ, M.; GOUTAUDIER, N.; CHABROL, H. The impact of paternity leave and paternal involvement in childcare on maternal postpartum depression. **Journal of Reproductive and Infant Psychology**, v.30, n.2, p.135-44. 2012.

Sluzki CE. Personal social networks and health: conceptual and clinical implications of their reciprocal impact. *Fam Syst Health* [Internet]. 2010 [cited 2017 Jul 20];28(1):1-18. Available from: <http://www.apa.org/pubs/journals/features/fsh-28-1-1.pdf>

SGANZERLA, I.M.; LEVANDOWSK. D.C. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.16, n.2, 2010.

SCHUTZE, F. **Die technik des narrativen interviews in Interaktionsfeldstudien**. Erschienen: University of Bielefeld. 1977.

SPELLMANN, S. A luta pelo direito do cuidado de outrem: a evolução histórica da licença-maternidade e a expansão da licença-paternidade no Brasil. **Rev. Fac. Direito São Bernardo do Campo**, v.22, n.2, 2016.

SILVA, D.G.V.; TRENTINI, M. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 10, n.3. 2002.

SILVA, M.R, PICCININI, C.A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.24, n.4, p.561-73, 2007.

SILVA, E.M.; MARCOLINO, E.; GANASSIN, G.A.S.; SANTOS, A. L.; MARCON, S.S. Participação do companheiro nos cuidados do binômio mãe e filho: percepção de puérperas. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v.8, n.1, p. 3991-4003. 2016.

SOUSA, T.F.P. O papel do envolvimento paterno nas relações de coparentalidade, em famílias nucleares com crianças em idade pré-escolar. 2015. 75p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto Universitário de Lisboa. Escola de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa.

STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: teoria e prática**, v.10, n.1, p.174-85. 2008.

TAHON, M.B. Paternidade, maternidade e cidadania: questões atuais no quadro canadense. **Sociedade e estado**, v.21, n.3, p.625-42. 2006.

TEIXEIRA, R.C.; MANDÚ, E.N.T.; DE PAULA CORRÊA, Á.C.; MARCON, S.S. Vivências e necessidades de saúde de homens no período pós-nascimento de um filho. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.67, n.5, p.780. 2014.

TRINDADE, Z.A.; SOUZA, L.D.; FREITAS, M.D.; RODRIGUES, M.M.P. Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**, p.129-55. 1998.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. 9ed. Campinas: Papirus. 2010.

VIEIRA, M.L.; BOSSARDI, C.N.; GOMES, L.B.; BOLZE, S.D.A.; CREPALDI, M.A.; PICCININI, C.A. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.66. n.2. 2014.

WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise das narrativas segundo Fritz Schütze. In: 32ª Reunião anual da Anped, Caxambu, 2009.

WENDT, N.C.; CREPALDI, M.A. A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.2, p.302-10. 2007

WENDT, N.C.; CREPALDI, M.A. Genogram use as a collect tool in qualitative research. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.2, p.302-10. 2008.

WRIGHT, L.M.; LEAHEY, M. **Enfermeiras e famílias**: um guia para avaliação e intervenção na família. 5ed. São Paulo: Roca. 2002.

WRIGHT, M. L.; LEAHEY, M. **Enfermeiras e famílias**. um guia para a avaliação e intervenção na família. 3ed. São Paulo: Roca. 2002.

WAGNER, A. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Artmed Editora, 2009.

Wendt, N. C. & Crepaldi, M. A. A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.2007

ZYGMUNT Bauman. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb bwe/TempState/Downloads/BAUMAN,%20Zygmund.%20%2044%20cartas%20do%20mundo%20líquido%20moderno.pdf> . Acesso em: 25 de Outubro de 2017.

Apêndices

Apêndice A –Produções nacionais e internacionais sobre a paternidade contemporânea

Identificação/local	Objetivo	Método	Principais Resultados
Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos Empíricos. BVS. 2012	Apresentar um panorama abrangente e detalhado da produção brasileira de artigos derivados de pesquisas sobre o pai a partir de 2000.	Revisão	Dentre os temas investigados, destacam-se: gestação, parto e pós-parto, exercício da paternidade, desenvolvimento infantil, paternidade na adolescência e concepções acerca do comportamento paterno.
Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parenta. BVS. 2009.	Identificar a percepção que as crianças têm em relação ao comportamento paterno de cuidado e as diferenças em relação ao materno.	Quantitativo e qualitativo	Há diferenças significativas entre a percepção que os filhos têm do pai real em relação ao ideal. Quanto à percepção real da mãe, aproxima-se do ideal dos filhos. Pode-se afirmar que as crianças percebem o pai real bastante afastado do ideal em aspectos referentes ao cuidado e à interação. Quanto à mãe real, ela está predominantemente mais próxima do modelo ideal percebido nesses mesmos aspectos.
Características socioeconômicas e psicossociais do pai Adolescente. BVS. 2007	Descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais dos pais adolescentes e verificar sua associação com a idade paterna.	Quantitativo	Oitenta pais adolescentes e 610 não adolescentes, cujas médias de idade foram 18,2 e 27,6 anos, respectivamente. Entre pais adolescentes e não adolescentes, as prevalências de trabalho remunerado foram de 82,5% e 92,4%; de renda menor ou igual a 3 salários mínimos, de 70,0% e 55,7%; de escolaridade menor que 8 anos, de 51,3% e 36,6%; de chefia da família exercida pelo pai da criança, de 40,0% e 78,2%; de abandono escolar, de 66,2% e 58,9%; de reação negativa à notícia da gestação, de 20,3% e 18,0%; de dar pouco ou nenhum apoio à gestação, de 7,6% e 7,7%, respectivamente.
Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. BVS. 2008.	Identificar fatores associados à falta de envolvimento ativo do pai nos cuidados de crianças aos quatro meses.	Quantitativo	Os pais de 13% dos lactentes não tinham qualquer contato com seus filhos. Entre as famílias em que os pais coabitavam (78% do total), 33% dos pais relataram não participar ativamente nos cuidados de seus filhos. Relação conjugal problemática e mãe ser “do lar” mostraram-se associadas à falta de envolvimento dos

			pais nos cuidados do filho.
Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. BVS. 2007.	Buscou investigar as concepções que mulheres chefes de família têm sobre a paternidade.	Qualitativo	Os resultados apontam que as concepções que essas mulheres têm a respeito da Paternidade são atravessadas por suas vivências pessoais e pelas experiências que marcaram sua trajetória familiar, contemplando noções acerca da parentalidade e das relações de gênero.
Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. BVS. 2007.	Compreender os sentimentos relacionados à paternidade e o envolvimento paterno de três pais casados que tinham um único filho em idade pré-escolar.	Qualitativa	Os pais dividiam com suas esposas as responsabilidades pelas crianças. Os pais acreditavam, em geral, que sua participação na vida dos filhos era muito importante, e mostravam-se satisfeitos com a paternidade. Foram observadas, contudo, importantes diferenças entre os casos quanto ao envolvimento paterno, principalmente em relação às responsabilidades financeiras e ao tempo disponível para a criança.
Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. CAPES. 2004.	Investigar a construção e a manutenção do vínculo afetivo entre pai e filhos após a separação, focalizando a questão da paternidade e a da própria formação da identidade masculina, além, é claro, do que se sabe hoje acerca da “paternidade a distância” e de seus efeitos sobre os filhos.	Revisão	Com a família contemporânea em franco processo de reformulação, presenciamos um crescente intercâmbio entre as funções materna e paterna, já que nos dias de hoje tanto os homens quanto as mulheres dividem seu tempo entre o trabalho fora de casa e os cuidados destinados aos filhos. Além disso, o divórcio e, posteriormente, o recasamento dos componentes da família criam uma teia complexa de relacionamentos que necessita ser estudada, principalmente no que diz respeito ao papel a ser exercido pelos homens, como pais separados e sua relação para com seus filhos.
Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. CAPES. 2009.	Verificar a incidência de artigos internacionais e nacionais sobre o tema paternidade no período de 2000 a 2007 indexados nas bases de dados: LILACS, SciELO, Web of Science, MEDLINE, Redalyc.	Revisão	Os resultados apontam para significativa produção internacional e nacional, destacando-se EUA, Inglaterra e Brasil. Verificou-se que o tema paternidade é foco importante para a compreensão das relações familiares, questão fundamental para a implantação de políticas públicas de apoio às famílias em diferentes contextos.
Percepção de adolescentes não-pais sobre projetos de Vida e sobre a paternidade adolescente. CAPES. 2014.	Investigar a percepção de adolescentes não pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente.	Qualitativa	A paternidade adolescente foi percebida como negativa, devido às suas implicações na adolescência e nos projetos de vida, os quais seriam modificados, postergados ou abandonados.
Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares.	Focalizar a participação paterna no cuidado da saúde de crianças menores de 6 anos em famílias de camadas	Etnográfico	A participação paterna é sintetizada em três dimensões: a educação, em que o pai é fundamental; os cuidados corporais, entendidos como atribuição feminina; e a

CAPES. 2005.	populares.		preservação da integridade, considerada dever de todos os membros da família. Embora persista a identificação com papéis de gênero tradicionais, ao contrastarmos discursos com práticas, percebemos que em todas as famílias, e mais intensamente nas nucleares, existem dimensões nas quais os homens participam ativamente, evidenciando proximidade física e emocional com os filhos.
O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. CAPES. 2004.	O objeto deste estudo é a figura concreta de um pai, presente em sua corporalidade e afetividade, que se depara com a demanda subjetiva, advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo.	Qualitativa	
O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebê. CAPES. 2012.	Pretende-se verificar se existe relação entre as variáveis sociodemográficas, o envolvimento na gravidez ou o corte do cordão umbilical com a ligação emocional do pai com o bebê.	Quantitativo de caráter descritivo analítico	Verificou-se que a idade (entre 25 e 40 anos), o acompanhamento da grávida às consultas de vigilância da gravidez, o acompanhamento da grávida nos preparativos para o nascimento do bebê, a leitura de informação sobre o bebê em desenvolvimento, o envolvimento na gravidez e o corte do cordão umbilical influenciam positivamente a ligação emocional do pai com o bebê
Las perspectivas de jóvenes universitarios de la región norte del estado de Rio Grande do Sul en relación a la paternidad. CAPES. 2009.	Estudar as perspectivas de jovens universitários da Região do Norte do Rio Grande do Sul quanto á paternidade.	Qualitativo	
Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. CAPES. 2010.	Analisar estudos empíricos publicados entre 1998 e 2008 sobre a ausência paterna e suas repercussões para o adolescente.	Revisão	De modo geral, foi possível perceber que a ausência paterna pode trazer prejuízos ao desenvolvimento afetivo e social dos adolescentes. Importantes repercussões da ausência ocorrem também no funcionamento familiar. Constatou-se a carência de estudos nacionais sobre essa questão no Período considerado, sugerindo-se a investigação da qualidade da relação pai-filho nos casos de ausência paterna temporária, bem como da qualidade do tempo de convivência entre eles.
Significações de paternidade adotiva: um	Investigar significações de paternidade	Qualitativo	A análise mostra que esses pais significam o filho como

estudo de caso. CAPES. 2006.	no processo de adoção de um bebê.		sua “continuidade” no mundo e decorrência “natural” do casamento. Ambos supervalorizam sua função de provedor e se posicionam como “ajudantes” da mãe nos cuidados infantis. A adoção aparece como solução à infertilidade. A revelação é tida como necessária, porém difícil. Esses pais se dizem satisfeitos com o papel parental, mostrando paternidades multifacetadas e constantemente negociadas.
Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos Expressos pela família do pai adolescente. CAPES. 2009.	Abordar sentimentos da família do pai adolescente na vivência da paternidade.	Qualitativa	Os resultados desvendam alternativas de como esse processo acontece a partir do saber empírico das famílias. Os sentimentos positivos sobressaíram-se aos negativos, sendo eles o afeto, o carinho, o apoio, a alegria, a felicidade e o orgulho. E, no que tange aos sentimentos negativos, imperaram o medo e a preocupação. Os pais adolescentes procuraram vivenciar e exercer a paternidade e se adaptaram à nova situação.
Experiência da Paternidade aos Três Meses do Bebê. 2013.	Investigou a experiência da paternidade aos 3 meses do bebê.	Qualitativo	Os achados evidenciaram uma experiência repleta de sentimentos positivos quanto à relação com o filho em que predominaram a satisfação e o desejo de participar mais na vida deles. As dificuldades referiram-se ao dia a dia e cuidado com os filhos, revelando que a paternidade pode ser, por vezes, cansativa. Discute-se a experiência dos pais frente ao novo ideal de paternidade vigente na sociedade atual.
Effect of paternity leave on maternal Postpartum depression. PUBMED. 2012	O objetivo do estudo foi explorar o impacto da licença de paternidade e envolvimento do pai e participação paterna nomeadamente nos cuidados do lactente no desenvolvimento de sintomas de depressão pós-parto materna.	Quantitativo	A licença- paternidade não foi destacado como um fator protetor contra depressão pós-parto . No entanto, a falta de envolvimento do pai nos cuidados do lactente foi significamente associado à intensidade de depressão materna.
O envolvimento dos pais na gravidez e no parto: a evidência de uma pesquisa nacional. Inglaterra. PUBMED. 2013	Compreender o que foi contratado durante a gravidez e o parto, de que forma, e como o envolvimento paterno pode influenciar a captação de uma mulher de	Qualitativo	Mais de 80% dos pais estavam "satisfeitos ou 'muito feliz' em resposta à gravidez de sua parceira, mais da metade estava presente para o teste de gravidez, para um ou mais exames pré-natais, e quase todos estavam presentes para exames de ultrassom. Três quartos dos pais tiveram licença de paternidade e, durante o período

	serviços, suas percepções de cuidado, e os resultados maternos.	pós-natal, a maioria dos pais ajudou com cuidados com o bebê. O envolvimento paterno era mais elevado em parceiros de mulheres brancas primíparas, aqueles que vivem em áreas mais privilegiadas. Maior envolvimento paterno foi positivamente associado com o primeiro contato com os profissionais de saúde antes de 12 semanas de gestação, ter um exame de datação, número de exames pré-natais, oferta e participação em aulas de pré-natal e amamentação. A licença-paternidade também foi fortemente associada com o bem estar materno aos três meses pós-parto.
--	---	---

Apêndice B - Carta de autorização à Secretaria Municipal de Educação de Rio Grande/RS

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Ilma Sr^a.

M.D. Secretária Municipal de Saúde do Município de Rio Grande - RS

Rio Grande, ___ de _____ de 2017

Prezada Senhora

Ao cumprimentá-la cordialmente, venho, por meio desta, solicitar a V. S^a. autorização para desenvolver uma pesquisa junto aos pais de alunos em escolas municipais da cidade de Rio Grande para construção de minha Tese de Doutorado.

A pesquisa intitulada: Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner é requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Tal investigação tem como objetivo compreender as experiências de homens pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner.

Assumimos, desde já, o compromisso ético de resguardar todos os participantes e as escolas envolvidas no estudo, em consonância com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional da Saúde, que trata de Pesquisa envolvendo Seres Humanos, e com o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem de 2007, Capítulo III, artigos 89, 90, 91 e artigos 94 e 98.

Na certeza de contar com seu apoio, desde já agradecemos, colocamo-nos ao seu dispor para quaisquer esclarecimentos, caso necessário.

Atenciosamente

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: “Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner”

Orientanda: Enf^a. Mestre Doutoranda Ana Cândida Lopes Corrêa

Tel: 5399708399.

Email: analopescorrea@hotmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Enf^a Sonia Maria Konzgen Meincke

Tel.: (53) 91304691

E-mail: meinckesmk@gmail.com

Prezado senhor, estamos desenvolvendo a presente pesquisa intitulada “Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner”, que objetiva compreender as experiências de homens pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner, para obtenção do título de Doutor em Ciências da Saúde. Para isso, sua participação é importante, pois por meio de sua história de como foi sua experiência de pai, estará contribuindo para reflexões sobre o potencial que homens têm para participarem da vida dos seus filhos e da sua família.

Para tanto, gostaríamos de convidá-lo a participar, emitindo seu parecer. A pesquisa será desenvolvida pela Enf.^a Mestre Doutoranda Ana Cândida Lopes Corrêa, sob orientação da Professora Dr.^a Sonia Maria Konzgen Meincke, em períodos e locais acordados com os participantes da pesquisa.

Será realizada uma entrevista sobre sua experiência com a paternidade que durará aproximadamente 60 minutos. Para que eu possa lembrar de tudo que você relatar, contarei com o auxílio de um gravador. Após escutar sua história com as experiências da paternidade, irei elaborar dois mapas em que irei representar sua família e suas relações sociais. Caso a entrevista perdure mais tempo que o combinado e não houver disponibilidade, iremos agendar outro encontro para construir os mapas.

Os benefícios para os participantes da pesquisa serão reflexões sobre a construção paterna na família. E, quanto aos riscos, a entrevista poderá acarretar

desconfortos, no entanto as perguntas poderão ser ou não respondidas na totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente.

Aos participantes do estudo será garantido o anonimato pelo uso de nome fictício.

Informo que não acarretará ao participante nenhum custo na participação na pesquisa.

As informações obtidas serão armazenadas juntamente com as de outros participantes e os resultados colocados à disposição dos entrevistados e usados apenas para fins científicos.

Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecido, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento, dos objetivos, da justificativa, dos riscos e dos benefícios da presente pesquisa.

Fui igualmente informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento referente à pesquisa;
- de que o estudo será publicado em âmbito acadêmico e que serão respeitados os preceitos éticos;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem que isto me traga prejuízo algum;
- da segurança de que não serei identificado.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa, emitindo meu parecer quando solicitado e permitindo o uso de gravador.

Rio Grande, ____ de _____ de 2017

Participante da pesquisa

Enfª Ana Cândida Lopes Corrêa

Apêndice D – Roteiro Para a Entrevista

**Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**

Pesquisa: “Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner”

Orientanda: Enf. Doutoranda Ana Cândida Lopes Corrêa

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Enf.^a Sonia Maria Konzgen Meincke

Dados de identificação dos participantes:

Nome fictício:

Idade:

Estado civil:

Cor:

Religião:

Escolaridade:

Número de filhos:

Profissão/ocupação:

Renda:

Questão norteadora: Conte a sua história com a experiência da paternidade .

Apêndice E – Panfleto informativo sobre a importância da figura paterna no contexto da família contemporânea

Referências Utilizadas

BUSTAMANTE, V.; TRAD, L.A.B. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. Caderno de Saúde Pública, v.21, n.6, p.1865-74. 2005.

DE ALMEIDA CARDOSO, E.; GUEDES, R.N.; DE LUCENA, K.D.T.; COSTAI, A.P.T. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. Revista de Saúde Pública, v.43, n.1, p.85-90. 2009.

STAUDT, A.C.P.; WAGNER, A. Paternidade em tempos de mudança. Psicologia: teoria e prática, v.10, n.1, p.174-85. 2008.

Material realizado pela Dr^aEnf^aAna Cândida partir da tese de doutorado em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Contato:

Ana Cândida: (53)99708399

E-mail: analopescorrea@hotmail.com
CORRÊA, Ana Cândida Lopes. Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfembrenner. 2017. 176f. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas



Paternidade participativa



A paternidade é considerada uma oportunidade para expressar sentimentos, ter participação ativa no cuidado dos filhos, relação igualitária com a parceira, o que pode se expressa na divisão de tarefas nos cuidados com o filho e nas atividades domésticas.

A paternidade requer interações diretas com a criança, ou seja, cuidar, brincar, conversar, partilhar atividades e lazeres, orientar, disciplinar, exercer autoridade, assim como, participar de reuniões de pais.

Vivenciar a paternidade possibilita a vivência de uma relação de carinho, ao mesmo tempo em que nutre, protege e educa, os pais e filhos experimentam em plenitude suas relações.



A família possui papel fundamental para o desenvolvimento de uma criança. A família transmite seus valores, crenças, normas de geração a geração. Esse processo baseia-se no fato de que todo indivíduo se insere em uma história que já existe antes mesmo de ele nascer. Por serem as relações familiares tão marcantes e influentes na vida da pessoa representam a base do comportamento futuro de suas escolhas e decisões.

Apêndice F – Panfleto informativo sobre a importância da figura paterna no contexto da família contemporânea.

Seus direitos

- ❖ Lei Federal nº 11.108/05 - Garante às parturientes o direito à presença de acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do SUS. O acompanhante será indicado pela parturiente.
- ❖ Portaria nº 2.418/05 - Define como pós-parto imediato o período de 10 dias após o parto e dá cobertura para que o(a) acompanhante possa ter acomodação adequada e receber as principais refeições.
- ❖ Portaria nº 48/99 Ministério da Saúde - Dispõe sobre o planejamento familiar e dá outras providências. • Licença-paternidade de 5 (cinco) dias - Concedida pela Constituição Federal/88 em seu art. 7º, XIX, e art. 10, §1º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT).
- ❖ Portaria nº 1.944/09 - Institui, no âmbito do SUS, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH).

Referências Utilizadas

ALMEIDA, B.S.; DA SILVA, B.T.; RIBEIRO, J.P.; DE OLIVEIRA, AMN. Percepção dos enfermeiros das unidades de maternidade e pediatria acerca do cuidado paterno. Revista de Enfermagem da UFSC, v.4, n.4, p.792-802. 2015.

CORREA, Ana Cândida Lopes. Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. 2017. 176f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.



Material realizado pela Dr^a Enf^a Ana Cândida partir da tese de doutorado em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Contato:

Ana Cândida: (53)99708399

Email: analopescorrea@hotmail.com



Paternidade
participativa



A participação ativa do pai no ciclo gravídico é decisiva na interação pai-filho, acompanhar a gravidez possibilita construir vínculos de afeto e sentir-se pai antes da chegada do bebê.

A participação do homem no pré-natal, no cuidado e no conhecimento dos eventos ocorridos durante a gestação, parto e pós-parto podem influenciar o modo como o homem vivencia a chegada dos filhos, contribuem na tomada de decisões, iniciativas ao cuidado com a criança e estabelecimento precoce do vínculo. Este aspecto pode influenciar positivamente a participação do homem na criação dos filhos, preparando-o para determinadas situações, como as mudanças e imprevistos ocorridos no nascimento do filho.



A existência de relações positivas e que estimulem a participação paterna nos cuidados ao bebê são importantes para que o envolvimento do pai em práticas de cuidados aconteça. A partir do momento que a mãe ou outros membros familiares incentivam a participação do pai nos cuidados ao bebê, e reconhecem seu papel e empenho para engajar-se nas atividades compartilhadas, proporciona que o pai consiga desempenhar atividades mais complexas com a criança, dividindo responsabilidade com a mãe e fortalecendo seu vínculo com o bebê.

Anexo

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP

UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narrativas do viver a construção da paternidade na contemporaneidade: um olhar a partir do Modelo Bioecológico de Uriel Bronfenbrenner

Pesquisador: Sonia Maria Konzgen Meincke

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 65726117.0.0000.5316

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.999.985

Apresentação do Projeto:

O presente estudo de abordagem qualitativa terá como objetivo compreender as experiências de homens/pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Uriel Bronfenbrenner. Será realizado com homens maiores de 24 anos que serão selecionados por meio de uma escola no Município de Rio Grande, onde será solicitada ao coordenador pedagógico para indicar pais que participem ativamente nas reuniões e/ou levem frequentemente seus filhos à escola e preencham os critérios de seleção do estudo. Para viabilizar a coleta dos dados, será utilizada a entrevista narrativa, genograma, e o Mapa Mínimo das Relações, os quais realizar-se-ão no domicílio do participante ou em outro local de livre escolha da abordagem conforme disponibilidade do participante.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

Compreender as experiências de homens/pais na construção da paternidade contemporânea a partir do Modelo Bioecológico de Uriel Bronfenbrenner.

Objetivos Específicos:

Conhecer como o homem constrói a paternidade;

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

CEP: 96.010-610

UF: RS

Município: PELOTAS

Telefone: (53)3284-3826

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA DA



Continuação do Parecer: 1.999.985

Identificar o papel do pai no contexto da contemporaneidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, o estudo envolverá, exclusivamente, a realização de entrevistas. Não estará incluído nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos. No entanto, a entrevista poderá acarretar desconfortos ao participante. Para minimizar este risco as perguntas poderão ser ou não respondidas na totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo ao respondente.

Os benefícios aos participantes do estudo serão as reflexões acerca da construção e vivência da paternidade e sobre como se dá a construção paterna e a sua importância na família.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto de Pesquisa apresenta tema relevante para construção e vivência da paternidade responsável. Após as adequações sugeridas pelo CEP encontra-se em consonância com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de Rosto: adequada

Carta de Anuência: adequada

TCLE: adequado

Orçamento: adequado

Cronograma:

adequado

Recomendações:

Devolução dos resultados para as instituições envolvidas e comunidade científica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_879684.pdf	28/03/2017 15:38:14		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_.docx	28/03/2017 15:36:57	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito

Endereço: Gomes Carneiro nº 01 - 2º Andar, Sala 212.

Bairro: Centro

UF: RS

Município: PELOTAS

CEP: 96.010-610

Telefone: (53)3284-3826

E-mail: cepfeo@ufpel.edu.br

UFPEL - FACULDADE DE
ENFERMAGEM E
OBSTETRÍCIA DA



Continuação do Parecer: 1.999.985

Justificativa de Ausência	TCLE_.docx	28/03/2017 15:36:57	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_tese.pdf	14/03/2017 17:36:19	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito
Outros	AnuenciaS.pdf	14/03/2017 17:31:11	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito
Outros	Anuencia_E.pdf	14/03/2017 17:30:20	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto.pdf	14/03/2017 17:27:30	Sonia Maria Konzgen Meincke	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PELOTAS, 04 de Abril de 2017|

Assinado por:
Marilu Correa Soares
(Coordenador)